

Fátima Caropreso

O nascimento da metapsicologia

representação e consciência na obra inicial de Freud

Apresentação de
Luiz Roberto Monzani

O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud

Fátima Caropreso

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAROPRESO, F. *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud* [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2008. ISBN 978-85-7600-295-6.
<https://doi.org/10.7476/9788576002956>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud



Reitor	Oswaldo Baptista Duarte Filho
Vice-Reitora	Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil
Diretor da EdUFSCar	Oswaldo Mário Serra Truzzi

EdUFSCar - Editora da Universidade Federal de São Carlos

Conselho Editorial	José Eduardo dos Santos
	José Renato Coury Nivaldo Nale Paulo Reali Nunes Oswaldo Mário Serra Truzzi (Presidente)
Secretária Executiva	Maria Cristina Priore

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Editora da Universidade Federal de São Carlos
Via Washington Luís, km 235
13565-905 - São Carlos, SP, Brasil
Telefax (16) 3351-8137

<http://www.editora.ufscar.br>
edufscar@ufscar.br

Fátima Caropreso

O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud



São Carlos, 2008

© 2008, Fátima Caropreso

Apoio: Fapesp

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

C293n

Caropreso, Fátima.

O nascimento da metapsicologia [livro eletrônico] :
representação e consciência na obra inicial de
Freud / Fátima Caropreso. -- São Carlos :
EdUFSCar, 2008.

4067 Kb ; ePUB

ISBN – 978-85-7600-295-6

1. Psicanálise freudiana. 2. Representação. 3.
Consciência. 4. Linguagem. I. Título.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do direito autoral.

Para o Richard

Agradecimentos

São inúmeros os agradecimentos a serem feitos. Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Richard, como professor, orientador e amigo, por toda a atenção, paciência, por tudo o que me ensinou desde a graduação. Agradeço também ao Dr. Orlando Hardt Jr., que me apresentou com tanto entusiasmo a psicanálise, e ao Prof. Luiz Roberto Monzani, por ter aceitado orientar meu doutorado e pós-doutorado, permitindo que eu desse continuidade ao trabalho aqui iniciado, além de me haver honrado com a apresentação deste livro. Agradeço ao Prof. Mark Julian Cass, por suas aulas e discussões que tanto me ensinaram, e aos professores Carmem Beatriz Milidoni e Miguel Bairrão, que foram os examinadores do trabalho de mestrado do qual resultou este livro. Sou grata também às secretárias do Departamento de Filosofia e Metodoloÿa das Ciências da UFSCar, Rose e Cleusa, pelo apoio e amizade. Queria expressar meu reconhecimento, ainda, ao Departamento de Filosofia da Unicamp, que acolheu meu projeto de pesquisa em nível de pós-doutoramento, criando condições para o prosseguimento das pesquisas que deram origem a este livro e dando apoio à sua publicação. Agradeço, por fim, à Fapesp pela bolsa de mestrado e pelo auxílio-publicação concedidos.

Table of Contents / Sumário / Tabla de Contenido

[Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais](#)

[Apresentação](#)

[Introdução](#)

[Parte I - A desconstrução do localizacionismo: origens e pressupostos do conceito freudiano de representação](#)

[Capítulo 1 - A afasia e a linguagem segundo](#)

[Capítulo 2 - A área da linguagem segundo Freud](#)

[Capítulo 3 - O conceito de aparelho de linguagem](#)

[Capítulo 4 - Metapsicologia da representação](#)

[Parte II - Da teoria das neuroses ao “Projeto de uma Psicologia” \(1891-1895\)](#)

[Capítulo 5 - O conceito de representação nos textos freudianos sobre a histeria do período 1891-1895](#)

[Capítulo 6 - O “Projeto de uma psicologia”: os pressupostos e a estrutura do aparelho](#)

[Capítulo 7 - O “Projeto de uma psicologia”: os processos psíquicos](#)

[Capítulo 8 - Representação e consciência no “Projeto”](#)

[Conclusão](#)

[Bibliografia](#)

Apresentação

O livro que o leitor tem em mãos constitui uma análise meticulosa, cuidadosa e exaustiva de um dos períodos mais difíceis da psicanálise: o de sua constituição como disciplina autônoma.

Como se sabe, Freud foi neuropatologista antes de ser o fundador da psicanálise. Foi exatamente perscrutando um dos seus textos – mais famosos posteriormente – que Fátima Caropreso começou sua análise. Trata-se da *Concepção das afasias*: texto que redundou num fracasso de crítica e de público ao ser lançado, mas que operou a desconstrução, ponto por ponto, da teoria vigente na época.

Dizia Freud que nele “era muito despudorado, terço armas com seu amigo Wernicke, com Lichtheim e Grashey, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert” (Masson, carta nove, p. 28). Na verdade, sua crítica é arrasadora tanto de seus pressupostos (a teoria dos “engramas”) como de suas conseqüências. Tudo é, literalmente, demolido.

É de se estranhar que Freud tenha lido apenas a bibliografia sobre o assunto, não apresentando um caso sequer que se contrapusesse, ou melhor, não é de se estranhar em se tratando de um gênio como foi Freud.

Mas Freud vai além: não só desconstrói uma concepção da afasia dominante na época – e em períodos posteriores –, como a essa opõe sua própria concepção do distúrbio afásico. É na concepção de linguagem – melhor, de “aparelho de linguagem” – que ele vai, basicamente, contra os “engramistas” e cria uma solução original e consistente: a rede lingüística é um complexo onde estão interligadas várias ou mesmo todas as facetas da linguagem.

Haveria um longo percurso da neurologia até chegar, atualmente, às conclusões que Freud chegara no início do século retrasado. Mas, em essência, chegou.

Em seguida, Caropreso analisa, com base na *Concepção das afasias*, o “Projeto de uma Psicologia”. Trabalho de fôlego, já que esse é um dos textos mais difíceis de Freud. A autora não só expõe as teses fundamentais do “Projeto”, como explica, *pari passo*, os conceitos basilares ali expressos, aliando-os com as teses da *Concepção das afasias*.

Em uma carta de 6 de dezembro de 1896, Freud diz o seguinte: “Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (*Aphasia*), com respeito às vias que provêm da periferia do corpo até o córtex”. Bastava fazer no jogo interno o mesmo circuito. Aliás, já estava feito na *Concepção das afasias*. O que faltava era aplicar rigorosamente esse mesmo esquema. Quer dizer, a idéia de uma sobredeterminação, já presente no “conceito de afasia”, foi aplicada a partir dessa carta (de nº 103 na edição da correspondência realizada por Masson) para que se constituísse essa aliança fundamental.

O resultado do trabalho aqui apresentado não poderia ser melhor: dessa combinação Fátima Caropreso faz nascer, aos nossos olhos, a *Metapsicologia*, ciência fundamental no entender do próprio Freud.

Sim, é exatamente dessa aliança até agora pouco estudada, entre a *Concepção* e o “Projeto”, que ela vê o nascimento da metapsicologia, quando insere, num “golpe de mestre”, as associações lingüísticas da *Concepção* no âmago da teoria do “Projeto”, revelando assim o imbricamento entre as duas obras-chave do fundador da psicanálise. Junção por meio da qual Freud tornou possível desenvolver o projeto de uma metapsicologia.

Alia-se a isso o fato de que nossa autora se distingue na leitura de numerosos textos relativos à “História da Psicanálise” (freqüentemente uma história de bastidores e que alinha textos sem relacioná-los), porque ela não só trata dos textos centrais, mas

também estabelece uma verdadeira análise conceitual – fazendo ver como brotaram os conceitos centrais da Teoria Psicanalítica.

Enfim, um livro que vem preencher uma lacuna na história das idéias.

Luiz R. Monzani
Vila Santo Antônio,
inverno de 2007

Introdução

Os fenômenos neuróticos, como se sabe, revelaram a Freud que apenas uma parte da atividade psíquica era acessível à consciência dos enfermos, ou seja, que havia “representações inconscientes” determinando os sintomas e que, portanto, a identidade estabelecida na psicologia e na filosofia anteriores entre o psíquico e o consciente e, conseqüentemente, entre a consciência e o campo da representação precisaria ser repensada. O objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento de algumas concepções freudianas do período crucial que se estende de 1891 a 1895, as quais permitiram a Freud dissociar o conceito de “representação” e o de “consciência”, afastando-se, assim, das concepções psicológicas tradicionais. Uma atenção especial será concedida a dois dos principais trabalhos desse período: a monografia *Sobre a concepção das afasias* (1891) e o manuscrito do “Projeto de uma psicologia” (1895).

Em *Sobre a concepção das afasias*, Freud faz uma ampla revisão das principais hipóteses então vigentes sobre os distúrbios afásicos e, a partir da recusa dos fundamentos subjacentes a essas hipóteses, propõe uma nova concepção sobre o funcionamento normal e sobre as patologias da linguagem, apoiando-se em algumas concepções de autores como Hughlings Jackson, Charlton Bastian e Stuart Mill. A crítica de Freud dirige-se, principalmente, à teoria de Wernicke e à de Lichtheim sobre as afasias e à teoria sobre o funcionamento do sistema nervoso de Meynert, que fundamentava as duas teorias anteriores. Uma vez que a teoria de Meynert se apoiava em muitas das hipóteses da psicologia associacionista, como apontaram diversos autores (Forrester, 1983; Amacher, 1965), a crítica dessas hipóteses neurológicas sobre as afasias resultou numa revisão das concepções psicológicas a elas subjacentes. O que está em questão aqui é como, neste movimento, as concepções sobre a fisiologia e a anatomia da linguagem

propostas por Freud acabaram por conduzir a uma formulação consideravelmente distinta do conceito de representação.

A concepção de representação formulada por Freud em sua monografia sobre as afasias distancia-se da concepção subjacente à teoria neurológica localizacionista em vários aspectos, no entanto, a identificação entre o psíquico e o consciente é ainda claramente sustentada por ele nesse texto. Assim, de acordo com essa teoria, “inconsciente” seria ainda sinônimo de ausência de processos psíquicos, e, portanto, a expressão “representação inconsciente” só poderia ser entendida como uma fórmula autocontraditória ou, no máximo, como uma expressão metafórica ou figurada. Nos textos sobre as neuroses, do período que vai de 1891 a 1895, embora Freud reconheça a necessidade de admitir a existência de processos inconscientes atuando na determinação das neuroses, continua hesitando em atribuir-lhes uma natureza psíquica. Mesmo assim, a identidade entre o mental e o consciente começa a ser pouco a pouco questionada. Nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1895), ele aponta para a necessidade de uma reflexão sobre a natureza da consciência que torne possível explicar o modo como operam as representações inconscientes envolvidas na etiologia das neuroses. É justamente essa reflexão que está presente, entre muitas outras coisas, no “Projeto de uma psicologia” (Freud, 1895/1950), em que Freud finalmente abandona a restrição do psíquico ao consciente, dissociando, assim, os conceitos de representação e de consciência. Deste modo, de acordo com a teoria exposta no “Projeto”, a expressão “representação inconsciente” deixaria de ser uma contradição em termos ou de possuir um significado apenas metafórico.

Com o objetivo de propiciar uma compreensão satisfatória da complexa monografia de Freud sobre as afasias, é apresentada, primeiramente, uma análise de algumas das concepções dos autores a que ele ali se opõe, assim como de concepções dos autores em que ele se apóia para empreender sua crítica. Essas noções são apresentadas paralelamente ao comentário do próprio texto de Freud.

Após essa análise do texto de 1891 e da concepção de representação que nele toma forma, são examinados alguns dos textos sobre as neuroses que antecedem a redação do “Projeto”, com o intuito de esclarecer de que modo o conceito de representação foi utilizado por Freud ao longo desse período de transição entre os dois trabalhos principais. Por último, serão expostos os resultados da análise de um conjunto de hipóteses do “Projeto” mais diretamente relacionadas com o tema em foco, numa tentativa de explicitar como a relação entre os conceitos de representação e de consciência passa a ser pensada a partir daí.

Parte I - A desconstrução do localizacionismo: origens e pressupostos do conceito freudiano de representação

Capítulo 1 - A afasia e a linguagem segundo

Wernicke e Lichtheim

Historicamente, segundo Clarke & Jacyna (1987), foram propostas três concepções principais de como o cérebro atua. De acordo com a primeira dessas concepções, o cérebro funcionaria como um todo, com todas as suas partes possuindo uma significação funcional igual, de modo que não seria possível nenhuma localização de funções específicas em regiões individualizadas. Esta posição foi defendida, entre outros, por Albrecht von Haller. Franz Joseph Gall (1758-1828) propôs uma outra hipótese, segundo a qual as subdivisões morfológicamente distintas do cérebro (hemisférios cerebrais, cerebelo, corpos quadrigêmeos, *medula oblongata*) seriam funcionalmente compostas, e as diversas funções aí situadas seriam relativamente independentes umas das outras. Essa segunda concepção do funcionamento cerebral pode ser chamada de “teoria da localização de funções cerebrais compostas”, como sugerem Clarke & Jacyna (1987). Pierre Jean Marie Flourens (1794-1867) formulou uma terceira concepção, de acordo com a qual cada uma das grandes subdivisões do cérebro seria funcionalmente unitária, ao invés de funcionalmente composta, como as considerava Gall. Essas funções, segundo ele, constituiriam a “ação específica” da subdivisão, e as várias ações específicas

trabalhariam juntas para produzir uma “ação comum” do cérebro. Dessa forma, Flourens acaba por aceitar, ao fim e ao cabo, a hipótese de que o cérebro funcione como um todo integrado. Como a crítica de Freud endereça-se, principalmente, à teoria de Wernicke (1848-1905) e de Lichtheim (1845-1915), que, de certa forma, podem ser consideradas como estando em continuidade com as concepções de Gall sobre o funcionamento cerebral e sobre a localização da linguagem, estas últimas serão brevemente descritas na continuidade, como ponto de partida para o comentário das teses localizacionistas.

Gall foi o primeiro neurologista a sugerir que a massa cerebral, aparentemente uniforme, seria constituída por vários órgãos independentes, que seriam a sede das faculdades morais e intelectuais do homem e executariam as funções das quais essas faculdades dependem. Ainda segundo Clarke & Jacyna (1987), a teoria de Gall possuía dois princípios básicos: o princípio da *localização funcional composta* e o da *existência de faculdades psíquicas inatas*. Gall dedicou-se mais a este último princípio, que afirmava que a mente possuiria 27 faculdades mentais independentes, localizadas em 27 órgãos distintos, desdobrados sobre a superfície do cérebro, e que a dimensão desses órgãos variaria proporcionalmente ao desenvolvimento da faculdade que ele abrigasse, o que tornaria possível, em princípio, que as características morais e intelectuais da alma fossem deduzidas a partir das medidas do crânio. Como um ou outro órgão cerebral poderia se desenvolver em diferentes graus em indivíduos da mesma espécie, as características da personalidade de uma pessoa poderiam ser inferidas a partir da forma e da configuração externa do crânio. Esses órgãos seriam funcionalmente independentes e, por isso, cada um deles – ou cada uma das partes de que se compõem – poderia ser atingido isoladamente pela doença.

De acordo com Head (1926), a doutrina de Gall está composta de duas partes, cujo valor é bastante distinto. Por um lado, ela introduziu um novo modo de abordar a estrutura e as funções do sistema nervoso, mas, por outro, formou a base do que foi chamado

de “craniologia” – a dedução do caráter e das faculdades mentais a partir da forma e das medidas do crânio –, o que conduziu ao desprestígio de sua doutrina como uma espécie de charlatanismo. Apesar disso, diz Head, a craniologia adquiriu um significado importante para as teorias sobre a afasia, pois, por meio dela, Gall estabeleceu pela primeira vez uma localização cortical para a faculdade da linguagem, localização esta que, surpreendentemente, era muito próxima àquela que, mais tarde, Bouillaud e Broca chegaram por meio da aplicação do método clínico-patológico. Partindo da constatação de que as pessoas que têm olhos grandes e proeminentes possuem uma boa memória verbal, Gall concluíra que essa faculdade tinha sua sede na parte do cérebro que fica logo atrás das órbitas, ou seja, nos lobos frontais. Subseqüentemente, o estudo de casos, em que danos na região frontal estavam associados à perda da memória verbal, corroboraria, segundo ele, a sua hipótese. Para Gall, não obstante, a correlação entre lesões cerebrais e a perda de determinadas funções possuía apenas uma função secundária: essa associação serviria somente para confirmar as hipóteses formuladas por meio do método cranioscópico, que consistiria em correlacionar certas qualidades intelectuais e morais com as proeminências cranianas.

Segundo Young (1990), após Gall, a história da pesquisa das funções do cérebro passaria a envolver, entre outras coisas, a aceitação progressiva do método experimental em detrimento do método cranioscópico e o desenvolvimento do ponto de vista de que o sistema nervoso está organizado em termos sensório-motores. Essa mesma visão sensório-motora também foi aplicada aos fenômenos mentais pela psicologia da associação de orientação empirista, e, com isso, a hipótese das faculdades mentais inatas acabou sendo abandonada: essas faculdades foram reduzidas a agregados de unidades sensoriais e motoras elementares, adquiridas por meio da experiência e unidas mediante conexões de tipo mecânico ou, posteriormente, por meio de um processo concebido de modo análogo à síntese química. Mas, apesar desse distanciamento das teses de Gall, o princípio básico deste último sobre a localização das funções cerebrais compostas continuou

sendo aceito por aqueles que recusavam a hipótese de que o cérebro atuaria como um todo indissociável (Head, 1926).

Em 1825, Jean Baptiste Bouillaud (1796-1881) publicou um artigo em que sustentava, com base em uma série de evidências clínicas, que a perda da fala corresponderia a uma lesão nos lobos frontais do cérebro, uma descoberta que, se confirmada, reabilitaria a visão de Gall sobre a localização do órgão cerebral da linguagem articulada. Bouillaud se opunha à visão de Flourens – predominante na ciência da época – de que o cérebro não exerceria influência direta sobre a fala e sustentava que os movimentos desta última seriam regulados por um centro cerebral independente, situado em algum lugar dos lobos frontais. Essas investigações envolveram uma mudança substancial em relação à ênfase metodológica presente no trabalho de Gall, pois as correlações estabelecidas por Bouillaud eram entre sintomas clínicos e lesões cerebrais, ou seja, o método cranioscópico de Gall estava sendo cada vez mais substituído pelo método correlativo clínico-patológico (Young, 1990). As hipóteses de Bouillaud foram severamente atacadas, pois eram facilmente associadas à frenologia de Gall, rejeitada pela maioria dos médicos e cientistas de sua época.

Por volta de 1861, alguns dos integrantes da geração posterior a Bouillaud – entre eles Broca – defenderam o princípio da localização cerebral de Gall associado ao método clínicopatológico utilizado por Bouillaud e, ao contrário deste último, conseguiram que suas idéias fossem aceitas nos meios médicos e científicos franceses e, posteriormente, europeus. Neste mesmo ano, Broca apresentou à Sociedade Anatômica de Paris o caso de um paciente afetado por uma afasia motora, cuja lesão, segundo suas conclusões, havia se iniciado em uma área circunscrita da terceira circunvolução frontal. A partir disso, Broca inferiu que nessa região se situava uma faculdade específica que coordenava os movimentos da linguagem. Ele sustentou a idéia de que o que se encontra prejudicado na afasia motora é apenas essa faculdade, apoiando, assim, a concepção de Bouillaud, segundo a qual esses movimentos seriam coordenados pelo cérebro. Contudo, Broca considerava que essa

faculdade de coordenação dos movimentos era intelectual, o que o impediu de aceitar a hipótese de que a fala fosse uma função motora e não intelectual. Após as apresentações de Broca e de outras que pareciam confirmar suas constatações, o ponto de vista de que os diversos segmentos da superfície dos hemisférios seriam a sede de diferentes funções – ou seja, uma nova versão do princípio da localização das funções cerebrais compostas de Gall – voltou a predominar. Essas comunicações, que pareciam comprovar a localização da área motora da linguagem, tiveram uma grande repercussão no mundo médico de Paris, e, a partir de então, a localização das funções da fala se tornou uma questão central nas pesquisas neurológicas (Young, 1990).

Treze anos mais tarde, em 1874, Carl Wernicke, valendo-se do método clínico-patológico, estabeleceu a localização da área sensorial da linguagem na região temporal esquerda do cérebro, mas recusou a hipótese das faculdades psíquicas inatas de Gall, que ainda havia sido aceita por Broca. Ele sustentou que, nessa região, localizava-se o *centro sensorial da linguagem*, o qual consistiria num local de armazenamento das impressões sensoriais elementares resultantes da experiência perceptiva. Portanto, Wernicke aceitou o princípio básico de Gall da localização funcional composta, mas recusou tanto o seu método quanto a sua concepção das faculdades inatas.

A dedução da localização de funções mediante a associação entre lesões específicas e a perda de certas capacidades – ou seja, com a utilização do método clínico-patológico – fundamentava-se em dois pressupostos básicos já presentes na teoria de Gall: em primeiro lugar, na hipótese de que cada região do cérebro fosse a sede de uma função diferente e, em segundo, na hipótese de que cada uma dessas funções fosse independente, ou seja, de que uma lesão circunscrita pudesse afetar apenas uma determinada função, deixando as demais intactas. Em suas críticas, Freud procurou mostrar que, além de se apoiar nesses dois pressupostos básicos, a teoria de Wernicke fundamentava-se também na hipótese de que os fenômenos neurológicos e psicológicos possuiriam as mesmas

propriedades. Ele argumentou, então, que a teoria sobre o funcionamento normal e patológico da linguagem construída a partir de tais pressupostos era insuficiente para explicar as características dos fenômenos que pretendia abordar e, a partir dessa recusa, formulou uma nova concepção sobre a “área” e o “aparelho” de linguagem, apoiando-se em uma maneira própria de conceber a localização das funções cerebrais e a relação entre os fenômenos psíquicos e neurológicos. Desses esforços resultaram os contornos de uma nova concepção da natureza e do modo de funcionamento das representações. Por isso, toma-se como ponto de partida as teorias de Wernicke e Lichtheim, antes de passar para a desconstrução empreendida por Freud do esquema teórico em que estes fundamentaram suas conclusões.

Wernicke tornou-se uma figura dominante na teorização sobre as afasias desde a publicação de sua primeira monografia em 1874, na qual identificava e localizava a área sensorial da linguagem na porção posterior da primeira circunvolução temporal, local ainda hoje chamado de “área de Wernicke”. Em *Sobre a concepção das afasias*, Freud refere-se aos seguintes textos de Wernicke: “O complexo sintomático das afasias” (1874) e “Novos trabalhos sobre a afasia” (1885). No que se segue, algumas das idéias às quais se dirige a crítica de Freud, presentes nesses dois textos, serão expostas e comentadas, na medida em que isso contribuir para a compreensão do desenvolvimento da argumentação freudiana.

A teoria de Wernicke sobre as afasias consiste, como ele mesmo afirmou em sua monografia de 1874, em uma aplicação aos processos normais da linguagem e às afasias dos ensinamentos de Meynert sobre a anatomia e a fisiologia do cérebro em geral. Wernicke procura fundamentar anatomicamente os processos normais e patológicos da linguagem; embora rejeite as tentativas anteriores dos frenologistas de localizar funções psíquicas complexas, como o amor ou a generosidade, em regiões cerebrais específicas, ele mantém a idéia de que seria possível estabelecer a localização anatômica das funções psíquicas mais elementares. Uma percepção visual poderia, assim, estar relacionada com a

terminação cerebral do nervo ótico, uma percepção acústica com a terminação do nervo acústico etc. Segundo sua teoria, apenas essas funções poderiam estar localizadas em regiões específicas, e todas as funções mais complexas resultariam da associação de diferentes regiões corticais. Para Meynert, o sistema nervoso funcionaria à maneira de um mecanismo reflexo, transmitindo a excitação da periferia aferente para a eferente. Neste processo, haveria uma etapa intermediária, que consistiria na passagem da excitação pelas obras associativas que conectam as diferentes partes do córtex entre si. Quando o córtex recebesse uma excitação simultânea de duas vias aferentes, seria estabelecida uma conexão entre ambas e, depois disso, o influxo de excitação seria conduzido para outra região. O córtex seria o órgão principal do cérebro, e todas as outras partes do mesmo seriam suas auxiliares. Seria constituído por duas áreas funcionalmente distintas: uma área motora, que estaria localizada na região frontal, contendo imagens de movimento, e uma área sensorial, que estaria localizada na região temporal, contendo imagens sensoriais. Essas duas regiões se conectariam por meio de “fibras associativas” – que seriam as fibras que ligam as diferentes regiões do córtex entre si – e estariam conectadas com a periferia do sistema nervoso por meio de “fibras projetivas” – que seriam as fibras que conduzem as informações sensoriais da periferia do sistema nervoso ao córtex e que conduzem as informações motoras no sentido inverso. Assim, todos os feixes de fibras do cérebro ou ingressariam ou se originariam no córtex (Amacher, 1965).

Freud comenta em sua monografia sobre as afasias que algumas passagens de Meynert sugerem que ele considerava haver uma projeção ponto a ponto da periferia do corpo no córtex, mas, não obstante, há outras afirmações que parecem contradizer esse ponto de vista. Mesmo assim, Freud trata a teoria desse autor como se ela de fato contivesse essa hipótese, o que se justifica, segundo ele, pelo fato de outros estudiosos que aceitaram os princípios gerais da doutrina de Meynert terem propagado esse conceito de uma projeção completa e topograficamente exata do corpo sobre o córtex. Os processos associativos corticais seriam os concomitantes

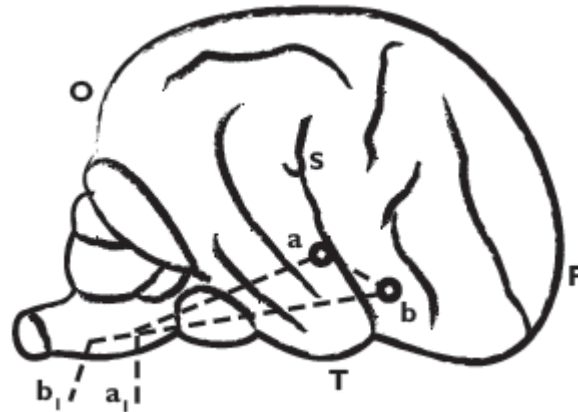
físicos dos processos psíquicos, sendo que o concomitante físico de uma percepção atual e o de sua memória teriam a mesma localização cortical. Segundo Freud, para Meynert, a constituição das imagens mnêmicas no córtex consistiria em um processo de ocupação de células desocupadas: deste modo, deveria haver “lacunas funcionais” no córtex que possibilitariam a aprendizagem:

[...] sob a influência dos ensinamentos de Meynert, tem-se desenvolvido a teoria de que o aparelho de linguagem é formado por centros corticais distintos; supõe-se que suas células contenham as imagens de palavras (representações de palavras ou impressões de palavras); diz-se que este território está separado por uma área carente de função e que os centros estão ligados reciprocamente pelos feixes associativos (Freud, 1891, p. 69).

O propósito de Wernicke é aplicar essa teoria geral de Meynert à linguagem. Segundo ele, a área da linguagem seria constituída por um centro sensorial, um centro motor e uma região associativa que conectaria ambos os centros entre si. Em sua monografia de 1874, ele propõe que:

A região inteira da primeira circunvolução primordial, o giro ao redor da fissura de *Silvius* em associação com o córtex da *insula*, funciona como um centro da linguagem. O primeiro giro frontal (Leuret), que é motor na função, atua como um centro motor das imagens de movimento; o primeiro giro temporal, que é de natureza sensorial, pode ser considerado como o centro das imagens acústicas... Portanto, o primeiro giro temporal pode ser considerado como o centro terminal do nervo acústico, e o primeiro giro frontal (Leuret), incluindo a área de Broca, como o centro terminal dos nervos que controlam a musculatura da linguagem (Wernicke, 1874, p. 103).

O esquema a seguir é, então, proposto para representar a área da linguagem:



O: Área occipital.

F: Área frontal.

T: Área temporal.

S: Fissura de Sílvia.

a: Terminação central do nervo acústico.

b: Área das impressões cinestésicas para a linguagem articulada.

a₁: Entrada do nervo acústico no bulbo.

b₁: Via centrífuga da linguagem.

Figura 1 Área da linguagem.

Para Wernicke, as imagens mnêmicas consistiriam em modificações permanentes do sistema nervoso central, resultantes da estimulação sensorial e dos movimentos realizados. Essas modificações permanentes consistiriam na diminuição da resistência nas vias neurais que conduzem os estímulos, em decorrência da repetição da mesma combinação de estímulos sensoriais, idéia que se assemelha, em certos aspectos, à noção de *facilitação* (*Bahnung*) formulada por Freud no “Projeto”. As imagens mnêmicas estariam armazenadas nos centros corticais, e a associação entre essas imagens seria realizada por meio das fibras associativas subcorticais. Assim como para Meynert, a constituição das imagens mnêmicas consistiria em um processo de ocupação de células corticais desocupadas, o que transparece claramente na seguinte afirmação de Wernicke: “Meynert estima que o córtex contém 600 milhões de células. Estas fornecem uma abundância de áreas de

armazenamento para as incontáveis impressões sensoriais” (Wernicke, 1874, p. 93).

Freud (1891) comenta que Wernicke considerava cada uma das imagens mnêmicas individuais como estando contida em uma célula singular. Segundo Eggert (1977), Wernicke não atribuiu cada traço de memória individual a uma célula singular, mas sim a circuitos celulares e suas fibras associativas. Eggert cita uma passagem de Wernicke de um texto posterior, “Fundamentos de psiquiatria” (1900), que demonstraria isto.

Por meio de uma organização muito singular dessas células estimuladas, uma imagem, que poderia ser projetada num espaço específico, surge... Eu concordo com Sachs e Goldscheider que a memória representa uma conexão funcional dos elementos percebidos simultaneamente ligados pelos caminhos associativos (Wernicke, 1900 *apud* Eggert, 1977, p. 26).

Não é possível dizer, apenas por esta passagem, que a afirmação de Freud sobre Wernicke é incorreta, uma vez que o texto de Freud foi escrito nove anos antes da passagem citada por Eggert, embora, nas duas monografias a que Freud de fato se refere, não haja nada que confirme sua afirmação de que, para Wernicke, as imagens mnêmicas individuais estariam armazenadas em células singulares.

A constituição das imagens acústicas e motoras nos centros de linguagem seria uma consequência do mecanismo reflexo, que caracterizaria o estágio inicial do desenvolvimento da linguagem. A imagem acústica da palavra ou da sílaba seria transmitida, durante o processo reflexo, para a área sensorial do cérebro, e a inervação do movimento produzido seria transmitida como imagem motora para a área frontal. No estágio inicial da aquisição da linguagem, a criança apenas repetiria as palavras ouvidas, por meio da associação da imagem acústica com a imagem motora da palavra. Essa associação, segundo Wernicke, constituiria o “conceito de palavra”: após sua constituição, o conceito de palavra seria associado ao “conceito de objeto”, adquirindo, assim, um

significado. O conceito de objeto corresponderia a uma unidade funcional formada pela associação das diferentes impressões sensoriais decorrentes da percepção dos objetos (Wernicke, 1885). Para as imagens acústicas e motoras da palavra, como visto, Wernicke estabeleceu uma localização exata, mas não para o conceito de objeto: este estaria disperso por diferentes regiões corticais. A associação entre o conceito de palavra e o conceito de objeto seria levada a cabo pelas chamadas vias de condução transcorticais da linguagem. A partir dessa associação, o estímulo para a linguagem poderia partir dos conceitos de objeto, ou seja, desse momento em diante poderia surgir a linguagem espontânea. Inicialmente, o estímulo seguiria do centro dos conceitos (postulado por Wernicke em 1885)¹ para o centro sensorial e, deste, para o centro motor; depois passaria a estimular diretamente o centro motor. Em “Sobre a concepção das afasias”, Freud dá a seguinte descrição da concepção de Wernicke sobre o processo fisiológico da fala:

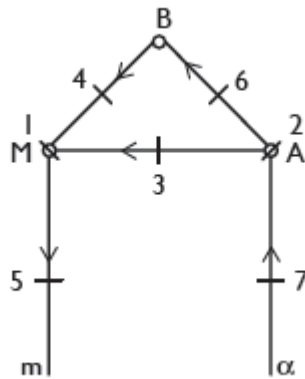
[...] segundo seu ponto de vista, os sons da linguagem eram levados pela via do nervo acústico a uma região situada no centro sensorial da linguagem, de onde os estímulos eram transmitidos à área de Broca, o centro motor da linguagem, que enviava à periferia o impulso para a linguagem articulada (Freud, 1891, p. 19).

Em sua monografia de 1874, Wernicke, de fato, concebe o mecanismo fisiológico da fala da forma descrita por Freud, mas, em sua monografia de 1885, aperfeiçoa essa idéia e, então, a produção da fala espontânea passa a ser concebida como envolvendo um processo mais complexo.

Na compreensão de palavras ouvidas, o conceito de palavra seria primeiro excitado e, então, excitaria o conceito de objeto e, na fala espontânea, ocorreria o inverso. Como a linguagem falada seria adquirida por meio da repetição das palavras, a imagem acústica da palavra continuaria sendo necessária para a escolha adequada de palavras na fala espontânea. Wernicke afirma que, por meio da via

a-b, as imagens acústicas exerceriam esta função corretora e que essa via, mesmo sem ser simultaneamente inervada, continuaria exercendo esse papel de auxiliar na linguagem falada espontânea, mas não explica como tal intervenção seria possível. Segundo ele, a presença de parafasia acompanhando a afasia sensorial seria decorrente da ausência desse monitoramento inconsciente exercido pela via a-b.

Os transtornos afásicos eram considerados, por Wernicke, como meras decomposições da função da linguagem. Em 1874, ele propôs a existência de três tipos de afasias que poderiam resultar de lesões na área da linguagem: a “afasia sensorial”, que resultaria de lesões no centro sensorial; a “afasia motora”, que resultaria de lesões no centro motor; e a “afasia de condução”, que resultaria de lesões nas fibras associativas que conectam os dois centros. Mais tarde, Wernicke (1885) ampliou o seu modelo para as afasias, passando a levar em consideração os funcionamentos subcortical e transcortical da linguagem. Essa modificação foi influenciada por algumas hipóteses formuladas por Lichtheim no período entre 1884 e 1885.² Lichtheim acrescentou ao esquema das afasias que Wernicke propusera em 1874 um “centro dos conceitos”, ou seja, expandiu tanto a camada superior do esquema quanto a camada inferior na sua descrição de afasia de condução periférica e de surdez periférica para a linguagem, posteriormente chamadas por Wernicke de “afasia motora subcortical” e “afasia sensorial subcortical”. O esquema proposto por Lichtheim é o seguinte:



A nomenclatura entre parêntesis é a proposta por Wernicke em substituição à de Lichtheim:

A: Centro acústico.

B: Centro dos conceitos. M: Centro motor.

1: Afasia nuclear (afasia motora cortical).

2: Surdez para a fala nuclear (afasia sensorial cortical).

3: Parafasia de condução (afasia de condução).

4: Afasia de condução central (afasia motora transcortical).

5: Afasia de condução periférica (afasia motora subcortical).

6: Surdez para a fala de condução central (afasia sensorial transcortical).

7: Surdez para a fala de condução periférica (afasia sensorial subcortical).

Figura 2 Esquema das afasias proposto por Lichtheim.

Wernicke adota a proposta de Lichtheim e acrescenta ao esquema que havia proposto as vias subcorticais e transcorticais envolvidas na linguagem. Ele introduz, então, em sua monografia de 1885, quatro outros tipos de afasias: as afasias sensorial e motora subcorticais e as afasias sensorial e motora transcorticais. Somente para o centro sensorial, para o centro motor e para a região associativa situada entre esses centros, Wernicke continua estabelecendo uma localização anatômica precisa.

A “afasia sensorial cortical” seria caracterizada por um prejuízo da compreensão da linguagem falada, pela incapacidade de repetir e pela presença de parafasia na linguagem espontânea. A diferença entre a “afasia sensorial subcortical” e a anterior consistiria apenas na ausência de parafasia. A “afasia sensorial transcortical” também apresentaria prejuízo na compreensão da linguagem falada e parafasia na linguagem espontânea, mas a capacidade de repetir palavras não se encontraria prejudicada.

Na “afasia motora cortical”, a compreensão da linguagem permaneceria intacta, mas o paciente apresentaria um vocabulário limitado e uma incapacidade de falar espontaneamente, assim como de repetir palavras. A diferença entre a “afasia motora subcortical” e a anterior consistiria na integridade do conceito de palavra. Na “afasia motora transcortical”, a linguagem espontânea estaria impedida, mas a capacidade de repetir palavras permaneceria intacta, assim como a compreensão da linguagem falada. A “afasia de condução” apresentaria como sintoma apenas parafasia, e a linguagem articulada, assim como a compreensão das palavras, não seria prejudicada. No caso do centro dos conceitos, segundo Wernicke, se apenas uma esfera sensorial fosse prejudicada, ocorreria uma agnosia; se várias delas fossem prejudicadas, ocorreria a demência.

Os tipos de afasias postulados por Lichtheim foram deduzidos de seu esquema da área da linguagem. Wernicke, em sua monografia de 1885, afirma que as novas formas de afasia por ele propostas, ao contrário das anteriores (afasia sensorial, motora e de condução), ainda não teriam sido constatadas empiricamente.

* * *

Meynert e Wernicke consideravam que os fenômenos psíquicos eram os correlatos dos fenômenos neurológicos, embora, na maior parte das vezes, falassem desses dois tipos de fenômenos como se fossem idênticos. Por exemplo, quando Wernicke afirma que o conceito de palavra é constituído pelas imagens acústicas e motoras “localizadas nos centros de linguagem”, ele parece considerar que

as modificações nas células dos centros são as imagens que compõem a palavra, e não apenas seus correlatos fisiológicos. Sendo assim, a representação simples, tanto para Meynert quanto para Wernicke – se consideramos somente o modo como Freud expõe a teoria desses autores –, seria a correlata de um engrama contido em uma célula singular de um centro cortical, e esse engrama, por sua vez, seria uma cópia dos estímulos que incidissem sobre a periferia do sistema nervoso, uma vez que os mesmos seriam projetados no córtex sem experimentar nenhuma alteração ao longo desse percurso. Os correlatos físicos das representações complexas resultariam de associações mecânicas entre os correlatos das representações simples, e essa associação seria determinada, antes de tudo, pela simultaneidade da incidência dos estímulos sobre o sistema nervoso. Desse modo, seria atribuído ao sistema nervoso um funcionamento totalmente passivo, pois tanto a constituição dos correlatos das representações simples quanto dos correlatos das representações complexas seriam inteiramente determinados por fatores externos.

Forrester (1983) considera que a concepção sobre o funcionamento do sistema nervoso que fundamentava a teoria localizacionista das afasias se apoiava na psicologia associacionista. Outros autores também apontaram essa relação entre o localizacionismo e o associacionismo. Amacher (1965) sugere que é pertinente comparar a visão de James Mill sobre os processos fundamentais da mente com a visão de Meynert e que, embora Meynert não tenha fundamentado explicitamente sua psicologia em James Mill, ele pode ter derivado suas suposições psicológicas de autores germânicos que incorporaram algumas das concepções da tradição britânica em seus trabalhos.

Para James Mill, assim como para Meynert, a mente receberia e associaria os estímulos que chegam aos órgãos sensoriais, e essa associação aconteceria de acordo com a contigüidade da recepção desses estímulos, ou seja, sem uma intervenção ativa do funcionamento mental. Os objetos externos enviariam impressões sensoriais ao organismo, e estas se agrupariam em nossa mente

em virtude da contigüidade de sua formação. As representações complexas consistiriam em agregados de representações simples, que resultariam de conexões mecânicas, e, portanto, todas as propriedades das primeiras estariam já presentes nas últimas, isto é, as propriedades da representação complexa consistiriam na soma das propriedades dos elementos simples que a compõem (Simanke, 2006). Nossas percepções seriam, então, cópias das sensações, e as rememorações, tão-somente reativações menos intensas dessas percepções. Segundo Amacher (1965), Meynert teria procurado descrever os concomitantes nervosos para os processos mentais que os psicólogos associacionistas haviam descrito.

A crítica freudiana vai se opor a praticamente cada um dos tópicos dessa teoria neurológica e psicológica. Passa-se, portanto, à análise dessa verdadeira desconstrução empreendida por Freud do esquema das afasias de Wernicke e Lichtheim, no contexto da qual irão tomar forma suas hipóteses sobre a área e o aparelho da linguagem.

¹ O centro dos conceitos foi postulado primeiro por Lichtheim e, depois, adotado por Wernicke. Este discordou de Lichtheim quanto ao caminho da estimulação que segue do centro dos conceitos para o centro motor da palavra, ou seja, quanto ao caminho em que ocorre a fala espontânea. Lichtheim considerava que ela ocorria apenas a partir de um caminho (B-b da Figura 2), e Wernicke, a partir de dois (B-a-b, inicialmente, e, mais tarde, B-b). Esse centro corresponderia ao conjunto dos conceitos de objetos e, portanto, não possuiria uma localização anatômica exata. Segundo Eggert (1977), ambos, Wernicke e Lichtheim, enfatizaram que a localização desse centro não é possível e que os processos superiores, na verdade, envolvem o córtex como um todo.

² Greenberg (1997) comenta que Ludwig Lichtheim (1845-1915) era um seguidor e um expositor influente da visão de Wernicke, mas era uma figura menos importante, cujos diagramas esquemáticos da função da linguagem no cérebro foram apontados como incorretos por vários pesquisadores.

Capítulo 2 - A área da linguagem segundo Freud

Freud analisa um a um os segmentos do esquema de Lichtheim – que fora, quanto ao essencial, adotado por Wernicke – e procura refutar todas as hipóteses que pudessem ser contraditas por dados clínicos e todas aquelas que se revelassem inferidas de maneira arbitrária. Ao cabo desse trabalho, como será visto, uma nova concepção sobre a área cerebral da linguagem irá emergir, a qual implicará uma nova concepção sobre o funcionamento da linguagem, com conseqüências decisivas para a formulação do conceito freudiano de representação.

As duas primeiras hipóteses afastadas por Freud são as da afasia de condução, postulada por Wernicke, e a da distinção anatômica entre as vias A-M e B-M do esquema de Lichtheim. O argumento que permite isso é, em linhas gerais, o seguinte: a perturbação da função da linguagem atribuída por Wernicke às lesões na via A-M não pode ser deduzida do esquema que ele propôs – isto é, haveria uma inconsistência interna na teoria – e, além disso, o distúrbio que pode ser deduzido desse esquema nunca foi constatado, de modo que, além de internamente inconsistente, a teoria não seria passível de verificação empírica e clínica. De acordo com Wernicke, uma lesão em A-M – da qual resultaria uma afasia de condução – provocaria, como sintoma, apenas a parafasia; contudo, de acordo com o esquema proposto, o que deveria ocorrer seria apenas a incapacidade de repetir palavras ouvidas, uma vez que essa via é especificamente responsável por essa função. Freud argumenta que a capacidade de repetir nunca é perturbada enquanto a fala espontânea e a compreensão da linguagem ouvida permaneçam intactas e que essa perturbação só ocorre se a fala estiver ausente ou se a audição estiver deteriorada. Partindo daí, ele conclui que, se a capacidade de repetir nunca se encontra perdida isoladamente – ou seja, se sempre que a fala espontânea estiver intacta a

capacidade de repetir também o estará – “uma única e mesma via serve para a fala e para a repetição de palavras ouvidas” (Freud, 1891, p. 28); em outras palavras, a via B-M teria de ser idêntica à via A-M. Logo em seguida, ele afirma ainda: “estamos justificados ao negar a existência da afasia de condução de Wernicke, porque foi demonstrado que é impossível encontrar um transtorno de linguagem que possua as características postuladas” (Id. *ibid.*). Freud menciona, em acréscimo – como argumento suplementar a favor da sua hipótese de que a afasia de condução, tal como descrita por Wernicke, não existe –, uma constatação de Bastian, segundo a qual lesões na *insula*, região anatômica onde, segundo Wernicke, estaria situada a via A-M, provocam afasia motora típica, o que quer dizer que a parafasia não é uma perturbação característica de lesões nessa região.

Assim, com esse primeiro argumento, Freud suprime um dos lados do triângulo do esquema de Lichtheim e nega a existência da afasia de condução. Como consequência, a hipótese da afasia motora transcortical, que resultaria de uma lesão em B-M, também é refutada, e o quadro clínico considerado característico dessa forma de afasia será, posteriormente, atribuído por Freud a um outro conjunto de fatores. Ao afirmar que a mesma via serve tanto para a repetição de palavras quanto para a fala espontânea, Freud propõe algo que seria inconcebível de acordo com a teoria de Wernicke e Lichtheim e que consistirá em uma das principais características depois atribuídas ao seu aparelho de linguagem: uma mesma área anatômica pode abrigar mais de uma função. Nesse argumento também está implícito uma outra característica do aparelho de linguagem depois proposto por Freud: o centro motor da linguagem não é funcionalmente independente, pois, se a fala espontânea ocorre pela mesma via que a repetição de palavras ouvidas, ela, de alguma maneira, também depende das imagens acústicas. Dessa forma, um problema na fala espontânea pode decorrer tanto de lesões na área sensorial da linguagem quanto de lesões na área motora, ou seja, lesões localizadas em regiões cerebrais diferentes podem provocar quadros clínicos semelhantes. Essa conclusão também seria incompatível com a teoria de Wernicke e Lichtheim,

segundo a qual uma lesão só poderia provocar uma alteração na função específica sediada pela região lesada, uma vez que os centros de linguagem seriam, por hipótese, funcionalmente independentes. Embora para Wernicke as imagens acústicas continuassem exercendo uma função de controle sobre a linguagem espontânea, ele considerava que esta última, após determinado período, deixaria de ser executada pela via B-A-M e passaria a ser executada diretamente pela via B-M. Assim, de acordo com o esquema por ele proposto, apenas uma lesão nessa via poderia impedir a fala espontânea.

A próxima parte do esquema de Lichtheim a ser descartada por Freud é a via A-B. Ele chega a essa conclusão após analisar e utilizar como argumento um caso que foi apresentado por Heubner, um pediatra alemão, de um paciente afásico cujos sintomas eram a incapacidade de falar espontaneamente e de compreender a linguagem falada e escrita, mas com manutenção da capacidade de repetir palavras ouvidas e de ler. Segundo Greenberg (1997), este caso foi apresentado por Heubner à sociedade médica de Leipzig, em 1888, quando o paciente ainda estava vivo; nessa apresentação, Heubner avaliou o caso de acordo com a teoria de Wernicke. A autópsia, contudo, revelou que a localização da lesão era bem diferente da prevista. Esse resultado levantou uma objeção contra a teoria localizacionista, que é, então, retomada por Freud. Heubner reapresentou o caso em 1889, já com os dados da autópsia, e apontou a sua incompatibilidade com a teoria de Wernicke.

O paciente apresentaria, segundo o esquema de Lichtheim, um misto de afasia sensorial transcortical e de afasia motora transcortical. No entanto, a autópsia acabou revelando que havia uma lesão em torno da área considerada como o centro sensorial – a primeira circunvolução temporal –, que isolava quase completamente essa área, assim como uma pequena lesão na terceira circunvolução frontal. Freud argumenta que, tal como Heubner já havia considerado, a lesão na área motora era pequena demais para ser responsável pelo distúrbio e que, portanto, este devia resultar de uma lesão na área sensorial. Esse caso revelou

que o isolamento da área sensorial – ou seja, uma lesão sensorial *transcortical* – poderia provocar a perda da linguagem espontânea. Diante disso, Freud conclui que a fala espontânea e a compreensão de palavras ouvidas devem ocorrer pela mesma via, isto é, “que a via B-M é idêntica à A-B, ou que a linguagem é produzida somente por intermédio das imagens acústicas” (Freud, 1891, p. 41). Com esse argumento, ele explicita a hipótese, que já podia ser inferida a partir de sua conclusão anterior, de que a fala espontânea depende também das imagens acústicas³ e recusa a distinção que havia restado entre as vias A-M e A-B. Conseqüentemente, a noção de afasia sensorial transcortical também pode ser descartada. Dessa conclusão e da anterior, segue-se que B-M é igual a A-M e que B-M é igual a A-B; portanto, B-M, A-M e A-B devem ser idênticas; em outras palavras, a repetição, a fala espontânea e a compreensão de palavras ouvidas devem ocorrer pela mesma via. Dessa forma, o triângulo superior do esquema de Lichtheim perde totalmente sua função e justificação. Restam, então, a via A-M, as vias subcorticais da linguagem, além da hipótese das lacunas funcionais.

Na seqüência do texto, as próximas partes do esquema a serem suprimidas são os próprios centros sensorial e motor da linguagem. Logo a seguir, Freud descarta a hipótese das lacunas funcionais – como sua existência estava implícita na teoria de Wernicke, elas serão tratadas como se fizessem parte do esquema – e, por último, a das vias subcorticais da linguagem. Na continuidade, essa última conclusão de Freud será comentada em primeiro lugar.

Freud argumenta, quanto a isso, que não há casos relatados de pessoas que tenham adquirido uma surdez ou uma cegueira verbal em razão de lesões nas vias aferentes subcorticais. Ele cita um caso, relatado por Giraudeau, de um paciente que apresentava os sintomas característicos da afasia sensorial subcortical – capacidade de falar intacta e surdez verbal –, mas cujo exame *post mortem* revelou uma lesão situada na primeira e na segunda circunvolução temporal, ou seja, na região cuja lesão deveria estar associada à afasia sensorial comum. Freud argumenta que esse caso analisado por Giraudeau não demonstra a existência do feixe

de fibras α -A e conclui que a afasia sensorial subcortical não se deve a uma lesão dessa suposta via, mas sim a uma lesão na área sensorial cortical.

Freud reconhece a existência de uma via subcortical motora, mas nega a possibilidade de um dano nesta via causar afasia. Comenta que, de acordo com Wernicke, o único traço característico que distinguiria a afasia motora cortical da subcortical seria a incapacidade, na primeira, de o paciente estabelecer o número de sílabas da palavra. Freud afirma que esse transtorno particular da linguagem pode ser considerado mais uma disartria – um problema apenas de articulação – que uma afasia e menciona, a favor dessa conclusão, um caso observado por Eisenlohr, o qual sugere que as lesões situadas abaixo da área de Broca provocam um distúrbio de linguagem que representa uma transição em direção à disartria. Ele, então, conclui que: “é necessário, pois, conceder somente para a parte motora do aparelho de linguagem uma via especial que leva à periferia” (Freud, 1891, p. 86).

Contudo, o transtorno de linguagem decorrente de um dano nessa via não pode ser considerado uma afasia, e sim uma anartria ou disartria: “o aparelho de linguagem, tal como nós o concebemos, não tem vias aferentes ou eferentes próprias, exceto um feixe de fibras, cuja lesão causa disartria” (Freud, 1891, p. 86). Freud, então, aceita a hipótese de que haveria uma via subcortical eferente própria da linguagem, mas recusa a possibilidade de que lesões nessa via provoquem transtornos efetivamente afásicos. Desse modo, mais uma parte do esquema de Lichtheim é suprimida – a via α -A – e mais dois tipos de afasia são, com isso, descartados: as afasias sensorial e motora subcorticais. Dessas conclusões já se pode antecipar que a afasia virá a ser considerada, por Freud, como um distúrbio exclusivamente cortical.

Até aqui, as vias transcorticais e uma das vias subcorticais foram suprimidas; portanto, permanecem do esquema de Wernicke–Lichtheim apenas os centros de linguagem A e M, a via associativa que os conecta, a via eferente da linguagem e a hipótese das

lacunas funcionais. Ainda há, pois, duas hipóteses a serem descartadas: a dos centros e a das lacunas funcionais – Freud conservará, como será constatado, a idéia das vias associativas da linguagem.

No início de sua monografia, Freud assinala que a hipótese da afasia central poderia ser considerada supérflua: “[...] toda hipótese de uma lesão central pode ser deslocada por outra baseada na lesão de várias vias, sem abandonar, por isso, a teoria da localização das funções psíquicas nas áreas dos centros” (Freud, 1891, p. 33), ou seja, uma lesão na totalidade das vias de acesso tornaria um centro inacessível e, portanto, seria funcionalmente equivalente à lesão ou à destruição deste centro. Mas, para descartar definitivamente a hipótese dos centros de linguagem, é necessário negar a função que lhes foi atribuída, isto é, recusar que é preciso haver locais de armazenamento das impressões sensoriais e motoras da linguagem no córtex, o que Freud faz no quinto capítulo ao revisar certas hipóteses de Meynert que, como já foi observado, estavam pressupostas e consistiam no fundamento da teoria de Wernicke.

Uma das hipóteses de Meynert discutida por Freud é, então, a de que haveria centros corticais onde estariam armazenadas as impressões sensoriais e motoras. Segundo Freud, a idéia da existência de centros cujas células armazenariam as diversas imagens sensoriais e motoras fundamentava-se na hipótese de que os fenômenos neurológicos e os psíquicos deveriam possuir as mesmas características, pois a um simples psíquico – uma impressão sensorial – deveria corresponder um simples neurológico – um engrama contido em uma célula. Freud argumenta que essa transposição de termos psicológicos em termos neurológicos, empreendida por Meynert e mantida por seus seguidores, é um procedimento arbitrário, pois os fenômenos psíquicos e neurológicos não precisam possuir necessariamente as mesmas características. É essa confusão entre o neurológico e o psicológico que deve, então, ser desfeita. Freud pergunta a si mesmo se a suposição de que as células dos centros corticais da linguagem contêm as

imagens de palavras é admissível e, imediatamente, responde negativamente.

Na psicologia, a idéia simples é para nós algo elementar que podemos diferenciar claramente de sua conexão com outras idéias. Esta é a razão por que nos sentimos tentados a presumir que o seu correlato fisiológico, a dizer, a modificação das células nervosas que se originam pela estimulação das fibras nervosas, seja também algo simples e localizável.

Tal inferência, com certeza, carece de todo fundamento; as qualidades dessa modificação têm que ser estabelecidas em si mesmas e independentemente de seus concomitantes psicológicos (Freud, 1891, p. 70).

Freud reconhece como um progresso o fato de Wernicke ter declarado que somente os elementos psíquicos mais simples – a saber, as diferentes classes de percepções sensoriais – poderiam ser localizados no córtex, isto se comparado à tendência anterior da medicina para localizar as faculdades mentais em sua totalidade, mesmo as mais complexas. Contudo, não deixa de reconhecer que, em princípio, Wernicke teria cometido o mesmo erro de seus predecessores.

[...] não se comete por acaso, em princípio, o mesmo erro tanto quando se pretende localizar um conceito complicado, como toda uma faculdade, ou um elemento psíquico? É justificado submergir uma fibra nervosa, que ao longo de todo o seu curso havia sido somente uma estrutura fisiológica sujeita a modificações fisiológicas, com sua terminação no psíquico e dotar esta terminação de uma idéia ou recordação? (Freud, 1891, p. 69).

Freud sustenta, entre outras coisas, que é necessário estabelecer um limite preciso que separe os fenômenos neurológicos dos psíquicos, necessidade que já havia sido apontada por Hughlings Jackson. Ele cita, em uma nota de rodapé, a seguinte afirmação de Jackson (1884, p. 72):

[...] devemos estar atentos contra a falácia de que o que são estados físicos nos centros inferiores tornem-se estados psíquicos nos centros superiores; que, por exemplo, vibrações nervosas sensoriais se tornem sensações...

A posição assumida por Freud (1891, p. 70) diante dessa questão é a mesma de Jackson:

A relação entre a cadeia de processos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não é de causa e efeito. Aqueles não cessam quando estes começam; tendem a continuar, porém, a partir de um certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, um *concomitante dependente*.

De acordo com a *doutrina da concomitância* de Jackson, os estados mentais (ou conscientes) e os estados nervosos transcorreriam paralelamente, mas não haveria interferência causal ou de qualquer outro tipo de um sobre o outro. Para cada estado mental, haveria, portanto, um processo nervoso correlativo.

Citando um exemplo: em uma percepção visual há um circuito físico que vai da periferia sensorial para os centros superiores e, destes, retornando à periferia muscular do organismo. A imagem visual, que seria um estado puramente mental, surge durante as – mas não resulta das – atividades dos elos superiores dessa cadeia de eventos puramente física (Jackson, 1884).

Essa posição de Jackson confere autonomia ao seu objeto de estudo e ao campo da pesquisa neurológica, permitindo-lhe que se distancie da confusão entre o que é físico e o que é psíquico mencionada acima. Forrester (1983) comenta que um dos primeiros ataques aos “fazedores de diagramas”⁴ veio dessa união de argumentos psicológicos e filosóficos que se encontra no trabalho de Jackson. Sobretudo, este estava interessado em escapar à flutuação entre termos psicológicos e fisiológicos que afetava as teorias sobre as afasias, assim como, a seu ver, a neurologia em

geral. De acordo com Forrester, a doutrina da concomitância – um argumento firme para uma separação rigorosa entre os processos psíquicos e os físicos – protegeu a neurologia contra um psicologismo rasteiro. Diante da necessidade de tratar os processos psíquicos e os fisiológicos como dois tipos de fenômenos independentes, Freud adota a concepção de Jackson, segundo a qual esses dois processos, embora concomitantes, não interferem um sobre o outro.

Nesta passagem mencionada, em que Freud aproveita a citação de Jackson para questionar a idéia de que o que são estados físicos nos centros inferiores tornam-se estados psíquicos nos centros superiores, ele parece referir-se à teoria de seus opositores como se esta se fundamentasse na hipótese de que os fenômenos psíquicos e os físicos fossem idênticos. Mas, logo em seguida, reconhece que, na verdade, tais autores consideravam que as modificações neurológicas das fibras nervosas mediante os estímulos sensoriais produziram outras modificações nas células nervosas centrais, as quais, então, seriam convertidas no “correlato fisiológico” da idéia ou representação. Em outras palavras, as modificações nas células corticais seriam tão-somente os correlatos das idéias, para Meynert e Wernicke, e não as próprias idéias. Freud argumenta que a insuficiência do conhecimento a respeito dos processos fisiológicos levou esses autores a empregarem termos psicológicos para se referirem a fenômenos fisiológicos, confundindo assim esse dois domínios:

Como sabem muito mais acerca das idéias que acerca das modificações fisiológicas que permanecem ainda mal definidas e pouco conhecidas, empregam a frase elíptica: uma idéia está localizada na célula nervosa. No entanto, esta substituição leva imediatamente à confusão de dois processos que não necessitam ter nada em comum um com o outro (Freud, 1891, p. 70).

Ao sustentar que os correlatos de uma idéia simples se localizam em algo igualmente simples – ou seja, em uma célula do córtex

cerebral –, Meynert teria atribuído as propriedades do fenômeno psíquico ao fenômeno neurológico, reiterando o pressuposto de que ambos possuam as mesmas propriedades. Freud contesta a legitimidade desse procedimento – dessa transposição das hipóteses da psicologia associacionista para a neurologia, apontada por Amacher (1965) – e procura formular uma hipótese alternativa que seja capaz de contornar este equívoco. Segundo Marx (1967), o que há de mais importante na monografia de Freud sobre as afasias é o fato de ela ter apontado o que há de ilógico em se construir um modelo anatômico a partir de uma concepção psicológica, com o que Freud teria identificado uma das maiores falácias inerentes às principais formulações psicofisiológicas dessa época. Após essa crítica, Freud se pergunta qual seria, afinal, o correlato fisiológico da idéia simples e responde:

Obviamente, nada estático, mas algo que tenha o caráter de um processo. Este processo não é incompatível com a localização.

Começa em um ponto específico do córtex e, a partir daí, se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato ocorre, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada (Freud, 1891, p. 71).

Agindo dessa forma, Meynert e Wernicke teriam reduzido as “faculdades” de Gall a agregados de impressões sensoriais e motoras elementares, e Freud, por sua vez, fez corresponder essas impressões elementares a algo neurologicamente mais complexo, ou seja, a intrincados processos associativos cerebrais. Provavelmente, Freud fundamentou suas hipóteses na concepção de Jackson de que a idéia é o correlato de um processo sensório-motor: o correlato fisiológico de uma idéia simples seria, assim, um processo e não um engrama simples contido em uma célula individual. Para Freud, então, o que é simples do ponto de vista psíquico corresponderia a um processo complexo do ponto de vista fisiológico. Disto se segue que não seria possível distinguir nitidamente entre os correlatos fisiológicos da associação e os da

representação, pois o correlato de uma idéia simples é um processo associativo, de modo que, para haver representação, é necessário que haja associação. Com isso, a associação deixa de ser considerada um processo que ocorre apenas *entre* os correlatos das representações simples, levando com isso à constituição dos correlatos da representação complexa, e passa a ser considerada como a condição necessária de todo correlato neural da representação. Como consequência, a noção de centros de linguagem fica consideravelmente vazia de sentido: se não há correlatos de representações armazenados em células corticais, não é necessário haver locais de armazenamento, isto é, os centros de linguagem que funcionem como tais. A área da linguagem seria, portanto, uma área exclusivamente associativa:

Mediante esta refutação da existência de localizações separadas para a ideação e para a associação descartamos uma razão importante para diferenciar entre centros e vias de linguagem. Em cada parte do córtex que está a serviço da linguagem temos que supor processos funcionais similares e não necessitamos apelar para os feixes de fibras brancas para a associação das idéias dentro do córtex (Freud, 1891, p. 72).

Então, mais uma parte do esquema de Wernicke e Lichtheim – os centros de linguagem – pode ser descartada e, conseqüentemente, os dois tipos de afasias centrais desaparecem com eles. Além disso, Freud também recusa a hipótese de que é necessário supor feixes de fibras subcorticais responsáveis pelas associações da linguagem – Wernicke considerava que a via A-M associaria os correlatos das imagens acústicas aos correlatos das imagens cinestésicas e que a associação entre os correlatos das diferentes imagens acústicas ou das diferentes imagens cinestésicas seria executada pelos feixes de fibras subcorticais. Contra esta última hipótese, ele cita uma conclusão de Pick, assim como o caso relatado por Heubner, nos quais se esperava, seguindo Wernicke, uma lesão nos feixes de fibras subcorticais, mas que a autópsia revelou que a lesão se situava exclusivamente no córtex. Para Freud, portanto, a área da linguagem converte-se em uma região exclusivamente associativa,

ao mesmo tempo em que a associação passa a ser considerada um processo exclusivamente cortical.

A última hipótese sobre a constituição da região da linguagem descartada por Freud são as *lacunas funcionais*, contra a qual ele usa dois argumentos. O primeiro refere-se ao modo como a existência dessas lacunas foi inferida, em que, mais uma vez, o método utilizado pelos localizacionistas pode ser criticado. De acordo com Freud, as áreas que apresentavam maior superposição de lesões nos exames *post mortem* foram consideradas como centros de linguagem, ou seja, como áreas cuja integridade seria indispensável para que a linguagem funcionasse normalmente. As demais áreas foram, por exclusão, consideradas como regiões desprovidas de função. Ele argumenta, contudo, que tal inferência não se justifica, porque pode perfeitamente haver outras áreas corticais que também estejam a serviço da linguagem, ainda que sua destruição possa ser tolerada mais facilmente e, além disso, também seria perfeitamente possível que uma lesão em uma região provocasse uma alteração no funcionamento de outra, ou seja, uma lesão poderia provocar uma alteração funcional generalizada. Por isso, o fato de determinadas áreas não estarem associadas a casos de afasia não permite concluir que elas não sejam responsáveis por nenhuma função da linguagem, nem que elas consistam, portanto, nas chamadas lacunas funcionais.

O segundo argumento de Freud dirige-se contra a função que foi atribuída a tais lacunas; mais precisamente, dirige-se contra a hipótese de que a aprendizagem da linguagem consistiria em um processo de ocupação de regiões anteriormente desocupadas. Usando a analogia empregada por Freud para expressar a concepção de aprendizagem de Meynert, esta última ocorreria de maneira similar à expansão de uma cidade quando as pessoas se instalam nas regiões que estão fora de suas muralhas. Freud argumenta que quando se examina a utilidade dessa hipótese para a compreensão dos distúrbios afásicos, constata-se que o que ocorre é exatamente o oposto do que pode ser previsto pela suposição das lacunas funcionais. Se a aprendizagem da língua

ocorresse da forma como acreditava Meynert, deveria ser possível, no caso de uma lesão na área da linguagem, que o uso da língua materna fosse prejudicado ou abolido e o uso de outra língua adquirida posteriormente permanecesse intacto, pois cada uma delas poderia, em princípio, estar armazenada em uma área totalmente diferente. Contudo, argumenta Freud, jamais acontece de uma lesão orgânica afetar a língua materna e não uma língua aprendida posteriormente; o que invariavelmente ocorre em todas as perturbações da linguagem é o contrário. Ele comenta que, ao revisar o material pertinente, nota-se que dois fatores determinam o caráter do transtorno de linguagem em políglotas – a influência da ordem de aquisição da língua e a influência da prática – e que esses fatores operam sempre na mesma direção. O prejuízo da linguagem seguiria sempre uma ordem contrária à da aprendizagem, ou seja, as línguas posteriormente adquiridas seriam sempre as primeiras a serem afetadas, a não ser que uma língua adquirida mais tarde tenha sido mais usada que a materna. Portanto, pode-se inferir que:

[...] um novo conjunto de associações pode sobrepor-se às associações já estabelecidas que intervêm na fala... O conjunto de associações sobrepostas é danificado antes que o primário, seja qual for a localização da lesão (Freud, 1891, p. 75).

Deste modo, a aprendizagem da linguagem não parece consistir num processo de ocupação de áreas desocupadas, e sim num processo de “sobreassociação” (*Superassoziation*), em que todas as aquisições da linguagem ocorreriam na mesma área, com as associações sobrepondo-se umas às outras. Assim, seria desnecessário supor a existência de lacunas funcionais, e essa hipótese também poderia ser descartada por Freud.

A hipótese de que as funções da linguagem são afetadas na ordem das mais recentes para as menos recentes está de acordo com o conceito de “dissolução”, proposto por Hughlings Jackson, para dar conta das patologias do sistema nervoso. Freud refere-se a ele como o “autor, sobre cujas opiniões tenho baseado quase todos os argumentos que venho empregando para refutar a teoria

localizacionista das afasias” (Freud, 1891, p. 75). Jackson (1879-80) teria aplicado a doutrina da evolução de Herbert Spencer ao sistema nervoso e proposto que os distúrbios nervosos consistem em reversões do processo evolutivo, isto é, em dissoluções das funções constituídas ao longo deste processo. A evolução do sistema nervoso significa, para Jackson, a passagem dos centros inferiores – que seriam mais organizados, mais simples e mais automáticos – para os centros superiores – que seriam menos organizados, mais complexos e menos automáticos. Para Jackson, não há inconsistência em se falar de centros como sendo, ao mesmo tempo, mais complexos e menos organizados. Para ele, um centro constituído apenas por dois elementos sensoriais e dois motores, em que esses elementos estivessem bem-associados, de forma que as correntes fluíssem facilmente dos primeiros para os segundos, embora muito simples, seria altamente organizado. Por outro lado, um centro constituído por quatro elementos sensoriais e quatro motores, no qual a articulação entre os elementos sensoriais e motores fosse imperfeita e dificultasse a passagem da corrente nervosa, embora fosse um centro mais complexo que o anterior, não poderia ser considerado mais organizado.

A dissolução, sendo o reverso da evolução, seria um processo que se orientaria no sentido do menos organizado, mais complexo e menos automático para o mais organizado, mais simples e mais automático. Em todos os casos de dissolução, a sintomatologia das patologias do sistema nervoso se formaria segundo uma dupla condição, havendo tanto elementos positivos quanto negativos. Os primeiros consistiriam, do lado físico, na atividade das partes do centro que não tivessem sido afetadas por processos patológicos; os segundos consistiriam no esgotamento ou na perda da função de alguma parte de algum dos centros. As disposições nervosas superiores evoluíam a partir das intermediárias, estas, a partir das inferiores e, estas, por sua vez, a partir das funções periféricas. Apesar disso, as disposições superiores passariam a controlar as inferiores, de um certo momento em diante, assim como um governo surgido na história de uma nação passa a controlar essa nação, exemplifica Jackson. Assim, se o processo de evolução ocorresse

mesmo dessa maneira, o processo reverso de dissolução não consistiria apenas numa supressão do funcionamento superior, mas também numa liberação do inferior. Conseqüentemente, os sintomas positivos não seriam *causados* pela dissolução, embora fossem *permitidos* por ela.

Recapitulando, então, a crítica de Freud procede descartando as partes do esquema de Wernicke e Lichtheim uma após a outra. Primeiro, a hipótese da via B-M e, com ela, a da afasia motora transcortical; em segundo lugar, a da via A-B e, com ela, a da afasia sensorial transcortical; em terceiro lugar, a hipótese dos centros de linguagem e, com ela, a das afasias centrais. A seguir, a hipótese das lacunas funcionais e, por último, a da via sensorial subcortical da linguagem e a das afasias subcorticais. Desse modo, só o que permanece do esquema original é a via associativa A-M e a via eferente subcortical. Freud suprimiu desse esquema tudo o que não resistiu à análise crítica, e as partes que foram mantidas podem ser apontadas, então, como as verdadeiras constituintes da área da linguagem. Com efeito, após discutir a noção de lacunas funcionais, ele afirma:

Rejeitamos a hipótese de que o aparelho da linguagem seja constituído por centros distintos separados por áreas carentes de função e de que as idéias (recordações) que servem para a linguagem estão armazenadas em certas partes do córtex chamadas centros, enquanto que sua associação é executada exclusivamente por feixes de fibras subcorticais. Só nos resta formular a opinião de que a área da linguagem é uma região cortical contínua dentro da qual ocorrem as associações e transmissões que subjazem às funções da linguagem; estas são de uma complexidade que ultrapassa toda compreensão (Freud, 1891, p. 76).

Freud acrescenta depois que esta área da linguagem estaria situada no hemisfério esquerdo, entre as terminações dos nervos ótico, acústico e motor. No último capítulo, como já foi mencionado, ao

analisar os casos de afasias subcorticais, Freud conclui que deveria haver uma via eferente específica da linguagem.

Mas, se a área da linguagem é uma área cortical contínua e exclusivamente associativa, ou seja, se não há centros de linguagem, por que a anatomia patológica teria conduzido a esta última hipótese? Freud considera que as áreas que foram consideradas centros de linguagem seriam as regiões mais próximas às terminações nervosas e que, como lesões nas partes periféricas dessa região associativa subtrairiam das associações da linguagem todos ou quase todos os elementos de um determinado tipo, isso teria levado à conclusão de que nessas partes se situavam os centros que conteriam esses elementos. Por exemplo, uma lesão na área adjacente à terminação do nervo acústico poderia impedir toda e qualquer associação dos elementos acústicos dentro da área da linguagem, dependendo de sua extensão, e o efeito disso seria uma surdez verbal. Já uma lesão situada na região central da área da linguagem provocaria uma alteração generalizada nas funções lingüísticas, mas sem ser capaz de suprimir totalmente nenhuma delas. Freud propõe então que, em toda a região da linguagem, ocorram processos similares e que a hipótese dos centros possui significado apenas para a patologia da linguagem, mas não para sua fisiologia normal:

As partes da região da linguagem que fazem fronteira com os campos corticais dos nervos cranianos ótico, acústico e motor adquirem o significado demonstrado pela anatomia patológica, que os tem definido como centros de linguagem. Esse significado, porém, vale somente para a patologia e não para a fisiologia do aparelho de linguagem, porque não se pode sustentar que nestas partes ocorram outros processos, ou processos mais importantes, do que naquelas partes da área da linguagem cuja deterioração é melhor tolerada (Freud, 1891, p. 78).

Em conclusão, portanto, para Freud, a área da linguagem seria uma área cortical homogênea, situada no hemisfério esquerdo, cujas

regiões periféricas adquiririam o significado de centros para a anatomia patológica, em razão do fato de essa área se situar entre as terminações dos nervos acústicos, óticos e motores.

* * *

Freud não apenas recusou o esquema específico elaborado por Wernicke e Lichtheim para as afasias, como também procurou refutar os pressupostos básicos da teoria desses autores, sem os quais suas hipóteses se tornariam insustentáveis. Em primeiro lugar, uma vez que uma mesma área pode abrigar mais de uma função e que as diferentes funções não são independentes umas das outras – o que tem como consequência que lesões de mesma localização podem provocar quadros clínicos diferentes e vice-versa –, não é possível inferir a função abrigada por uma área cortical específica apenas a partir da relação entre os sintomas afásicos e a localização da lesão; não é possível nem explicar o distúrbio apenas a partir da localização da lesão, nem, a partir desta última, fazer previsões precisas a respeito do quadro clínico que dela decorreria. Em segundo lugar, uma vez que se considera que o que é simples do ponto de vista psicológico corresponde a algo complexo do ponto de vista neurológico – ou seja, que uma idéia simples corresponda a um intrincado processo associativo –, não há como falar de engramas ou representações elementares armazenados no córtex e, portanto, torna-se desnecessário falar de áreas de armazenamento, isto é, de centros que executam autônoma e exclusivamente cada uma das diversas funções da linguagem.

A hipótese formulada por Freud sobre a área da linguagem fundamenta-se, assim, em uma concepção própria sobre a localização das funções cerebrais e sobre a relação entre os fenômenos psíquicos e os fisiológicos. As hipóteses de Gall sobre a localização de funções cerebrais compostas são, em parte, aceitas, pois Freud admite que o cérebro não atue como um todo, mas seja funcionalmente composto; mas são também, em parte, recusadas, pois Freud não aceita a hipótese de que cada uma das funções da linguagem se localize em uma área diferente e de que todas as

funções sejam independentes umas das outras. Segundo ele, não se pode falar de centros que executem as diferentes funções da linguagem: algumas dessas funções estão localizadas numa mesma área e parte delas são funcionalmente dependentes umas das outras. Freud propõe, então, que só é possível estabelecer a região mais ampla onde transcorrem os processos correlativos às funções psíquicas, ou seja, que apenas é possível falar de uma “área da linguagem” e não de “centros e vias associativas da linguagem”. Passa-se a examinar, a partir de agora, como Freud concebe esse “aparelho de linguagem” que tal área abrigaria.

³ A hipótese de que a linguagem espontânea é produzida por intermédio das imagens acústicas já estava presente no esquema da linguagem proposto em Grashey (1889), que é apresentado por Freud no quarto capítulo. Embora Freud discorde de Grashey em alguns aspectos, concorda com ele em outros, e este é um deles. As concepções de Grashey serão retomadas adiante.

⁴ Essa expressão – *diagram makers* – foi utilizada por Head (1926) para se referir aos neurologistas que procuravam explicar os distúrbios afásicos e o funcionamento da linguagem em termos localizacionistas e expunham suas concepções por meio de diagramas, tal como Wernicke e Lichtheim, entre outros.

Capítulo 3 - O conceito de aparelho de linguagem

Os processos associativos que constituiriam o *aparelho de linguagem* consistiriam no último estágio da série de reorganizações sucessivas da informação sensorial proveniente do mundo externo. Segundo Freud, os estímulos que incidissem sobre a medula seriam reorganizados ao longo de seu caminho até o córtex, onde eles passariam por outros processos associativos e, então, seriam mais uma vez por eles reorganizados. Os complexos associativos formados por esses processos corticais possuiriam concomitantes psíquicos que, no caso da área da linguagem, consistiriam nas representações de palavra e, nas demais regiões corticais, nas representações de objeto.

Freud formula essa hipótese da reorganização funcional dos estímulos em substituição à idéia de Meynert de que haveria uma projeção topograficamente exata da periferia do corpo no córtex. Ele recusa duas hipóteses que seriam condições necessárias para a ocorrência dessa projeção ponto por ponto: primeiro, a de que o número de fibras que parte da periferia é idêntico ao que ingressa no córtex; segundo, a de que na passagem dessas fibras pelos núcleos de matéria cinzenta intercalados em seu caminho não se daria nenhuma espécie de alteração na natureza ou na significação do material conduzido.

Contra a primeira dessas hipóteses, é mencionada uma constatação de Henle, segundo a qual o número de fibras que conecta a periferia do sistema nervoso à medula seria maior que o número de fibras que conecta esta última ao cérebro. Portanto, de acordo com as características anatômicas do sistema nervoso, só entre a periferia sensório-motora e a medula seria possível haver uma projeção ponto por ponto dos estímulos recebidos.⁵ Por causa dessa redução do número de fibras no caminho da medula ao córtex, uma unidade

sensorial que alcançasse o cérebro deveria corresponder a várias unidades sensoriais que alcançassem a periferia. Assim, deveria haver, forçosamente, uma reorganização da informação sensorial ao longo de sua condução ascendente. Com base nisso, Freud propõe que a relação entre a periferia do sistema nervoso e a medula pode ser chamada de “projetiva”, como queria Meynert, mas que a relação entre esta e o córtex deve ser chamada de “representativa”:

[...] uma unidade de substância cinzenta que pertence a um nível superior não pode corresponder à uma unidade periférica, mas tem que estar relacionada com várias de tais unidades. Isto também vale para o córtex cerebral e é, portanto, adequado empregar termos diferentes para esses dois tipos de representação no sistema nervoso central. Se chamamos “projeção” ao modo como a periferia está refletida na medula espinhal, sua contraparte no córtex cerebral poderia convenientemente ser chamada uma “representação” (*Repräsentation*), o que implica que a periferia do corpo não está contida ponto a ponto no córtex cerebral e sim por fibras selecionadas com uma diferenciação menos detalhada (Freud, 1891, p. 66).

Contra a segunda condição necessária para a projeção ponto por ponto dos estímulos – ou seja, contra a hipótese de Meynert de que as fibras retenham sua identidade mesmo após atravessar vários núcleos de matéria cinzenta –, Freud argumenta que as várias fibras provenientes das diferentes partes do sistema nervoso se conectam no interior desses núcleos e que, a cada fibra aferente, correspondem várias fibras eferentes em um mesmo núcleo. Dessa forma, não seria possível que a informação aferente fosse exatamente igual à eferente.

Se observarmos a maneira como a mielinização avança paulatinamente de um núcleo a outro e como, em um mesmo núcleo, para cada feixe de fibras aferentes emergem três ou mais feixes eferentes, essas massas cinzentas, e não os feixes de fibra, parecem ser os órgãos do cérebro. Se seguimos o

curso de um feixe sensorial aferente tal como o conhecemos e consideramos como características suas freqüentes interrupções nos núcleos cinzentos e sua arborização através deles, podemos supor que o significado funcional de uma fibra muda ao longo do seu caminho até o córtex cerebral cada vez que ela emerge de um núcleo (Freud, 1891, p. 67).

Portanto, no caminho da medula ao córtex, o material sensorial seria sucessivamente reorganizado de acordo com os princípios funcionais do sistema nervoso. Assim, os estímulos que chegassem ao córtex – isto é, o material constituinte dos correlatos das representações – possuiriam uma relação muito indireta com os estímulos periféricos, e o processo associativo cortical faria um último rearranjo nesse material, tornando essa relação ainda mais indireta. Dessa forma, os correlatos das representações consistiriam no estágio final de um processo de reordenação da informação periférica, e, assim, as representações mentais corresponderiam apenas ao ápice desse processo, de forma que seriam desconhecidas todas as suas determinações anteriores:

[...] os feixes de fibras, que chegam ao córtex cerebral depois de haver passado por outras massas cinzentas, mantêm alguma relação com a periferia do corpo, porém já não refletem uma imagem topograficamente exata dela. Contêm a periferia do corpo da mesma maneira que – para tomar um exemplo do tema que nos interessa aqui – um poema contém o alfabeto, isto é, uma disposição completamente diferente que está a serviço de outros propósitos, com múltiplas associações dos elementos individuais nas quais alguns podem estar representados várias vezes e outros estar totalmente ausentes (Freud, 1891, p. 68).

É provável, como visto, que Freud tenha fundamentado essa hipótese da reorganização dos estímulos periféricos na teoria de Jackson. Segundo este autor, o sistema nervoso consistiria num mecanismo sensório-motor da base ao topo, em que seria possível diferenciar três níveis de evolução da estrutura e da função nervosa:

os “centros inferiores”, os “intermediários” e os “superiores”. Os centros sensório-motores superiores evoluíram a partir dos intermediários; estes, a partir dos inferiores, e estes, por sua vez, a partir da periferia. Cada um deles representaria o mesmo material do nível inferior de uma forma diferente, além de incluir novos materiais. Nas palavras de Jackson, os centros inferior, intermediário e superior seriam, sucessivamente, “representativos”, “re-representativos” e “re-re-representativos” (Jackson, 1884). Portanto, as informações sensoriais e motoras seriam sucessivamente reordenadas, e o último nível de organização consistiria na base física dos processos psíquicos, em que estes só poderiam representar de forma triplamente indireta as informações da periferia.

Em suma, o aparelho de linguagem seria constituído por processos associativos incluindo os elementos acústicos, cinestésicos e visuais que entrariam na composição das palavras e que consistiriam no último estágio de reorganização dos estímulos periféricos. Haveria dois processos distintos nesse aparelho, o fisiológico e o psíquico, os quais, embora ocorrendo lado a lado, possuiriam características próprias, tendo, por isso, de ser tratados separadamente, segundo as diretrizes freudianas.

A fisiologia do aparelho

Do ponto de vista fisiológico, o aparelho de linguagem seria constituído por processos associativos funcionalmente similares, que se sobreporiam uns aos outros, ou seja, que se sobreassociariam na mesma região cortical. Dessa forma, haveria vários níveis de funcionamento coexistindo no aparelho de linguagem, cada um dos quais corresponderia a momentos diferentes do desenvolvimento da linguagem na vida do indivíduo. O aparelho poderia ser estimulado por meio de duas vias: da periferia sensorial ou do restante do córtex. No primeiro caso, haveria repetição ou leitura de palavras e, no segundo, a fala espontânea. Esta última consistiria na estimulação das associações de palavras pelas associações de objetos.

Como as lesões parciais na área da linguagem afetariam os níveis de funcionamento numa ordem que vai dos superiores e mais recentemente estabelecidos para os inferiores e mais arcaicos, os modos de funcionamento primários voltariam, nesses casos, a prevalecer. Freud propõe que as diferentes atividades da linguagem continuem sendo efetuadas pelas mesmas vias, mediante as quais se aprende e que, embora no funcionamento normal possam ser empregadas abreviações e substituições, em condições patológicas o aparelho seria forçado a retornar aos modos de associação primários. Ele recusa parcialmente a hipótese de Charcot de que todos os elementos da linguagem estariam, inicialmente, dotados de direitos funcionais equivalentes e que ficaria a cargo da prática ou da organização individual fazer com que um elemento específico da linguagem se tornasse o fator coordenador dos demais. Freud argumenta, ao contrário, que os estudos dos transtornos de linguagem, até aquele momento, não haviam fornecido apoio para essa hipótese e que, embora no funcionamento normal essa preferência habitual possa existir, nas enfermidades as linhas de associação primariamente empregadas sempre voltam a prevalecer. Assim, a atividade do elemento acústico possuiria um papel central nas atividades lingüísticas como um todo, pois todos os outros elementos estariam associados ao acústico e, além disso, seria por meio dele que as associações da linguagem se vinculariam às associações de objetos, de modo que a fala voluntária e a compreensão das palavras dependeriam também dos elementos acústicos. Como será visto, são as representações de objeto que desempenharão a função de atribuir significado às representações de palavra.

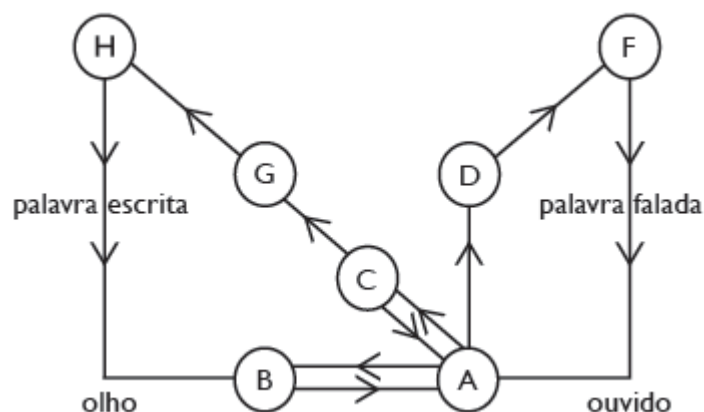
Como os diversos casos de afasia podem ser explicados por meio dessa concepção da fisiologia do aparelho de linguagem? Os pressupostos adotados por Freud sobre a localização de funções cerebrais tornam inviável a explicação dos casos de afasia unicamente a partir da localização da lesão, como faziam os localizacionistas: Freud se opõe tanto à suposição de que os transtornos afásicos podem ser explicados unicamente a partir da localização da lesão – idéia defendida por Wernicke e Lichtheim –

quanto à hipótese, formulada por Grashey, de que alguns tipos de afasias poderiam ser explicados apenas com referência a fatores puramente funcionais. Ao recusar essas duas concepções extremas, Freud assume uma posição intermediária, segundo a qual em todos os transtornos afásicos devem haver interrupções de fibras associativas e alterações funcionais globais.

Freud enuncia essa posição intermediária após estudar alguns casos de afasia motora transcortical e um caso de afasia amnésica relatado por Grashey. Ele analisa três casos do primeiro tipo – um relatado por Magnan e os outros dois por Hammond –, cujos sintomas eram aqueles considerados característicos da afasia motora transcortical (incapacidade de falar espontaneamente, com preservação da capacidade de repetir palavras ouvidas). Mas, desses casos, apenas o de Magnan havia resultado de uma lesão que podia ser considerada transcortical; nos outros dois, a lesão situava-se na área cortical motora. A partir disso e do fato de que o caso com sintomas de afasia motora transcortical relatado por Heubner resultava de uma lesão na área sensorial cortical, Freud conclui que esse tipo de afasia resulta de um rebaixamento no nível de funcionamento do centro motor, que pode decorrer tanto de lesões na área sensorial quanto de lesões na área motora da linguagem: uma vez que os elementos motores são estimulados a partir dos acústicos, qualquer problema nos últimos afetaria os primeiros. Freud faz uso aqui de uma hipótese de Bastian, de acordo com a qual é possível distinguir três estados de redução da excitabilidade de um centro. Num primeiro estágio, o centro não seria mais capaz de reagir à estimulação voluntária, mas seria ainda capaz de reagir à estimulação de outro centro e à estimulação sensorial direta; num segundo estágio, o centro só reagiria a esta última forma de estimulação; e, num terceiro, o centro não reagiria mais. Na afasia motora transcortical, o centro motor seria encontrado no segundo desses estágios e, com esse raciocínio, Freud enfatiza a necessidade de se considerar os fatores funcionais envolvidos na produção das afasias. Mas se, por um lado, os distúrbios afásicos não podem ser explicados unicamente a partir da localização da lesão, por outro, a presença desta não pode ser

totalmente descartada. Assim, Freud discorda da hipótese de Grashey de que a afasia amnésica poderia ser explicada como um distúrbio exclusivamente funcional.

Grashey – psiquiatra que foi diretor de um hospital de saúde mental na Baviera e, depois, do hospital da Universidade de Würzburg (Greenberg, 1997) – analisa o caso de um homem de 27 anos, a quem ele se refere como V., que sofrera uma fratura na parte de trás do crânio, que provocou inicialmente, entre outros problemas, uma surdez verbal, a qual dias depois foi parcialmente revertida e deu lugar a um outro distúrbio de linguagem – segundo Freud, um caso típico de afasia amnésica. Esse segundo quadro poderia ser resumido da seguinte forma: o paciente, embora reconhecesse os objetos, tornara-se incapaz de fornecer os seus nomes, mas podia escrever o nome perdido e, então, reproduzi-lo oralmente, encontrando, portanto, as palavras por meio da escrita (Grashey, 1889). Grashey analisa esse caso de acordo com o seguinte diagrama da linguagem:



- A: Centro das imagens acústicas.
 B: Centro das imagens de objeto.
 C: Centro dos símbolos (letras, palavras e números impressos e escritos).
 D: Centro das imagens motoras da fala.
 F: Núcleo dos nervos articatórios.
 G: Centro das imagens motoras da escrita.
 H: Centro dos centros motores funcionando durante a escrita.

Figura 3 Diagrama da linguagem.

Há duas rotas de condução conectando os centros A e B, assim como os centros A e C. Em cada caso, eles operam em direções opostas, como é ilustrado pelas flechas.

Para explicar o caso de V. a partir desse diagrama, seria necessário supor que a via B-A estivesse impedida, apesar de o sentido contrário (A-B) não o estar, pois o paciente não encontrava as imagens acústicas associadas aos objetos, embora fosse capaz de apontar um determinado objeto quando lhe solicitavam isso, o que comprovava a manutenção da capacidade de reconhecer os objetos. Seria necessário supor também que a via C-A não funcionasse para números, pois o paciente podia encontrar as imagens acústicas de letras e de palavras, mas não de números. Além disso, seria preciso admitir a existência de uma conexão direta entre B-G: a rota normal da escrita, segundo ele, seria B-A-C-G, mas o paciente, embora tendo B-A impedido, podia escrever os

nomes dos objetos. Grashey argumenta que explicar esse caso a partir de todas essas hipóteses seria um procedimento arbitrário:

[...] é minha firme convicção que suposições tais como essas não explicam, realmente, nada, elas meramente fornecem outra descrição dos fatos a serem explicados, e qualquer sintoma podia ser explicado em tal caminho *ad hoc* (Grashey, 1889, p. 529).

Ele formula, então, uma outra suposição para explicar o caso: as funções dos centros para imagens de objetos, imagens acústicas e símbolos estariam prejudicadas. O paciente podia reter em sua memória imagens acústicas de objetos e símbolos (imagens visuais da escrita), familiares ou não, apenas por um curto período, e esta redução do tempo de retenção das imagens na memória, segundo ele, explicaria a afasia amnésica de V.

Grashey complementa isso com a tese de que a compreensão correta de um elemento acústico, visual etc. apenas é possível se os elementos singulares dos quais este é composto puderem ser mantidos na memória por um tempo suficiente para que todas as partes sejam acessadas; assim, o fator crucial na percepção de um objeto ou símbolo seria a duração temporal de sua formação. Ele afirma que a palavra é percebida por nós numa ordem sucessiva. Uma letra precisaria de cerca de 0,06 segundo para ser percebida e, portanto, uma palavra de quatro letras necessitaria de mais ou menos 0,24 segundo, e assim por diante. Já os objetos são percebidos instantaneamente: em 0,06 segundo seria possível perceber um objeto visual em sua totalidade. As partes constitutivas de um objeto ou de um número não corresponderiam àquelas das imagens acústicas que se referem a eles, ao menos nas línguas ocidentais.

Em contraste, os elementos singulares das imagens acústicas e das imagens quirocinestésicas e glossocinestésicas coincidiriam quase perfeitamente. Assim, para que a imagem visual de um objeto excitasse uma palavra, a primeira teria de ser mantida na mente por um tempo suficientemente longo para que todas as letras da palavra

pudessem emergir. Se a imagem do objeto fosse mantida por um tempo inferior ao necessário, apenas uma parte da palavra, uma letra ou sílaba, surgiria. Mas, no sentido contrário, as coisas iriam se passar de modo diferente. Uma palavra excitaria a imagem de um objeto instantaneamente, e não uma parte da imagem acústica excitaria uma parte da imagem de objeto, por exemplo. Então, mesmo se a memória para a imagem acústica durasse apenas 0,06 segundo, ela seria suficiente para evocar a imagem total de um objeto. A partir disso, Grashey conclui que o mesmo distúrbio, isto é, um decréscimo da duração máxima da capacidade de manter uma imagem na memória, pode afetar severamente a transição da imagem de objeto para a imagem acústica, sem qualquer prejuízo na direção contrária.

Ele sustenta, então, que a redução da duração temporal de uma imagem na memória é suficiente para explicar o distúrbio de V. Este podia encontrar as imagens de objeto a partir das imagens acústicas, porque, como as primeiras surgem instantaneamente, o tempo de retenção da imagem acústica (0,06 segundo) seria suficiente para tanto. Já o contrário não seria possível, porque o tempo de retenção da imagem de objeto (0,06 segundo) seria suficiente para evocar apenas uma letra. Mas, como as partes das imagens acústicas, visuais, quirocinestésicas e glossocinestésicas da palavra corresponderiam umas às outras inteiramente, a imagem acústica da letra que emergia poderia excitar a imagem quirocinestésica correspondente, e esta, por sua vez, a glossocinestésica, que faria ressurgir a imagem acústica. Ou seja, o paciente poderia Oxar as imagens acústicas com o auxílio das outras imagens sensoriais da palavra. Essa conclusão levou Grashey a considerar que as afasias amnésicas poderiam ser explicadas apenas a partir de fatores funcionais:

Eu acredito ter fornecido evidências suficientes para a existência de uma desordem afásica que nem se baseia em uma destruição funcional dos centros nem em um distúrbio de condução das rotas conectivas (Grashey, 1889, p. 543).

Freud discorda da explicação que Grashey propõe para o caso de V., assim como da conclusão de que as afasias amnésicas resultam unicamente de fatores funcionais dela decorrentes. O fato de Grashey ter descartado a hipótese de que esse tipo de afasia poderia ser explicado pela interrupção das vias postuladas em seu esquema é mencionado por Freud como um mérito de Grashey; mas, ainda assim, ele discorda da conclusão de que esse tipo de afasia poderia ser explicado exclusivamente a partir de uma alteração fisiológica no aparelho de linguagem. Freud considera que, embora o artigo de Grashey não tenha alcançado êxito em seu principal objetivo – a saber, fornecer uma explicação puramente funcional da afasia amnésica –, há vários outros aspectos nele que podem reivindicar um valor permanente:

Foi o primeiro estudo que investigou a relação mútua dos centros de linguagem e sua dependência a respeito do centro das imagens acústicas e o primeiro que nos permitiu vislumbrar o complicado e tortuoso curso das associações que servem de base para o processo da linguagem (Freud, 1891, p. 57).

Greenberg (1997, p. 168), por sua vez, sugere que as hipóteses de Grashey sobre o “complicado e tortuoso curso das associações” serviram de inspiração para o conceito freudiano de *sobredeterminação*.

Prosseguindo, Freud argumenta que a redução da duração temporal da imagem de objeto não poderia provocar um transtorno do tipo considerado e cita, em favor dessa hipótese, um caso que havia sido relatado por Rieger. Este caso era similar ao de V. O paciente tinha dificuldade de encontrar os substantivos e adjetivos na linguagem espontânea e, para proferir os nomes dos objetos que lhe eram apresentados, era necessário que estes fossem constantemente incitados. Depois de algum tempo, as palavras surgiam explosivamente, ao contrário do que ocorria com o paciente de Grashey. Nesse caso, o distúrbio não podia ser explicado unicamente a partir da redução da duração temporal das imagens sensoriais. Freud sugere então que, além da deterioração na

memória, deveria haver uma lesão localizada no centro para as imagens acústicas, a qual teria provocado uma alteração funcional do mesmo, que se enquadraria no primeiro dos níveis⁶ de redução de excitabilidade propostos por Bastian: o centro não reage mais voluntariamente, mas continua reagindo em associação com outro centro e à estimulação sensorial direta. Ele explica que, no caso de V., o centro para as imagens acústicas não podia ser estimulado diretamente mediante a associação de objeto, mas ele permitia a condução dos estímulos às imagens visuais da palavra, associadas às imagens acústicas. A primeira parte das imagens visuais das palavras podia ser percebida durante a fração de tempo em que o estímulo do objeto permanecesse, e, por meio da repetição desse processo, todas as partes da imagem visual emergiriam e suscitarium a imagem acústica. Portanto, a lesão no centro acústico teria impedido a reação voluntária desse centro, mas a capacidade de reagir em associação com outro centro teria permanecido intacta. A atividade do centro acústico seria, então, auxiliada pela do centro visual, do quirocinestésico e do glossocinestésico. De acordo com a classificação das afasias que Freud propõe no final do texto, esse caso de afasia amnésica será considerado um caso de afasia assimbólica.

Desse modo, tanto os fatores topográficos quanto os funcionais estariam envolvidos na produção dos transtornos afásicos, de acordo com o que Freud propôs. A reação do aparelho a uma lesão dependeria da localização desta última em relação à periferia ou ao centro da área da linguagem e do grau de destrutividade da lesão, sua gravidade ou extensão. Essa reação poderia ocorrer de três formas distintas. Em primeiro lugar, se a lesão estivesse situada na periferia e fosse muito extensa, ela poderia suprimir das associações da linguagem todos os elementos de um determinado tipo. Nesse caso, além dos elementos específicos danificados (acústicos, visuais ou motores), todos os outros que dependessem deles também seriam prejudicados. É por isso que um problema na área acústica afetaria todas as atividades da linguagem. Em segundo lugar, se a lesão fosse periférica, mas parcial ou pouco extensa – ou seja, se não atingisse todos os elementos de um certo

tipo –, o grupo de elementos atingido sofreria uma alteração funcional de acordo com os níveis de redução da excitabilidade propostos por Bastian. Primeiro, não reagiria mais à estimulação voluntária; depois, não mais reagiria à estimulação a partir dos outros centros; e, por último, nem mesmo à estimulação sensorial direta. Em terceiro lugar, se a lesão se situasse na região central da área da linguagem, ela provocaria uma regressão funcional no aparelho, de acordo com o que havia sido proposto por Jackson. As associações seriam afetadas na ordem das mais complexas, menos organizadas e menos automáticas para as mais simples, mais organizadas e mais automáticas, ou, dizendo de outra forma, na ordem das mais antigas para as mais recentes.

Assim, quanto mais periférica fosse a lesão, mais seu efeito estaria relacionado com sua localização, e, se fosse central, ela tenderia a provocar uma retrogressão funcional no aparelho como um todo. Na verdade, também no caso em que houvesse redução da excitabilidade do centro (Bastian), haveria uma regressão funcional, pois a alteração afetaria as atividades desse centro na ordem das mais complexas para as mais simples – a atividade voluntária seria a primeira a ser afetada, e a decorrente da estimulação direta seria a última. Entretanto, nesse caso, a regressão seria local, ou seja, atingiria apenas o grupo de elementos danificados, enquanto no caso da lesão central ela atingiria o aparelho como um todo. Freud afirma que:

Ao avaliar as funções do aparelho de linguagem em condições patológicas, estamos adotando como princípio reitor a doutrina de Hughlings Jackson, segundo a qual todos esses modos de reação representam instâncias de retrogressão funcional (dissolução) de um aparelho altamente organizado e correspondem, portanto, a estados anteriores de seu desenvolvimento funcional (Freud, 1891, p. 100).

Com essa concepção sobre o funcionamento normal e patológico da linguagem, Freud introduz um fator subjetivo na explicação das afasias (Geerardyn, 1997). Segundo a teoria aqui formulada por

Freud, a sintomatologia das afasias dependeria também do modo particular de desenvolvimento das associações lingüísticas em cada sujeito afásico, o que faria com que cada caso de afasia fosse, sob certo aspecto, um caso singular.

Em suma, os processos fisiológicos que constituem o aparelho de linguagem seriam processos associativos similares, que produziriam uma última reordenação no material perceptivo e nos quais os elementos acústicos desempenhariam um papel central e organizador. O aparelho seria estimulado, inicialmente, a partir da periferia do sistema nervoso e, posteriormente, também a partir das associações de objeto. No funcionamento normal, as associações primárias poderiam ser substituídas por outras mais práticas, mas, no funcionamento anormal, os modos de associação primários voltariam inevitavelmente a prevalecer. A menos que uma lesão na área da linguagem afetasse todos os elementos das associações lingüísticas de um determinado tipo, os processos associativos sofreriam uma regressão funcional, a qual poderia ser local ou afetar o aparelho como um todo, dependendo da localização periférica ou central da lesão. Resta examinar, agora, em que consistiriam os processos psíquicos concomitantes a esses processos fisiológicos.

A psicologia do aparelho

Do ponto de vista psicológico, o aparelho de linguagem seria constituído por *representações de palavra*, que, embora funcionassem como uma unidade, consistiriam em complexos constituídos por imagens acústicas, visuais, quirocinestésicas e glossocinestésicas. Essa hipótese sobre os elementos constituintes da palavra já estava presente em Wernicke, Grashey, Bastian e Déjerine, entre outros. O que pode ser considerado novo na concepção de Freud sobre a representação de palavra é o modo como ele pensa os processos associativos que ocorrem entre seus elementos constituintes, lembrando que Freud usa o termo “associação” para se referir tanto aos processos fisiológicos quanto aos processos psicológicos envolvidos.

Do ponto de vista psicológico, a “palavra” é a unidade funcional da linguagem: é uma representação complexa constituída por elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos o conhecimento desta estrutura à patologia, a qual demonstra que as lesões orgânicas que afetam o aparelho de linguagem ocasionam uma desintegração da linguagem correspondente a tal constituição [...]. Geralmente se consideram quatro constituintes da representação de palavra: a “imagem acústica” ou “impressão acústica”, a “imagem visual da letra” e as “imagens ou impressões glossocinestésicas e quirocinestésicas”, porém esta constituição parece ainda mais complicada se se considera o provável processo de associação implícito nas diversas atividades da linguagem (Freud, 1891, p. 86).

Temporalmente, a imagem acústica seria a primeira a se formar; em seguida, a imagem glossocinestésica, a imagem visual da letra e, por último, a quirocinestésica. Todas as imagens se associariam à imagem acústica ou por meio de tal imagem; portanto, ao menos inicialmente, todas as atividades da linguagem dependeriam dela. A fala espontânea, a repetição de palavras e a compreensão das palavras permaneceriam sempre dependentes da imagem acústica, uma vez que a imagem cinestésica só seria acessada por meio dela e uma vez que seria apenas por meio da imagem acústica que a representação de palavra se associaria à representação de objeto, associação da qual dependeria o significado das palavras. Freud afirma que, ao menos no caso dos substantivos, é a representação de objeto que atribui significado à representação de palavra.

A representação de objeto consistiria também num complexo associativo, mas esse complexo não seria constituído apenas por representações acústicas, visuais e cinestésicas, como ocorre com a representação de palavra; outros tipos de imagens (tácteis, olfativas etc.) poderiam integrá-la. A representação de objeto, assim como a de palavra, possuiria como correlato um processo associativo, que consistiria no último estágio de reorganização do material perceptivo, pois a concepção de Freud sobre o processo de

condução dos estímulos da periferia ao córtex não se restringe às informações relacionadas à linguagem, mas refere-se ao processo de condução da informação sensorial em geral. Além de a representação de objeto ser constituída por uma variedade maior de elementos sensoriais, a possibilidade de novos elementos se acrescentarem a ela nunca cessaria, ao contrário, mais uma vez, do que acontece com a representação de palavra. Uma vez que as imagens acústicas, visuais e cinestésicas de uma determinada palavra se constituíssem, não haveria novos elementos a serem acrescentados àquela representação; novas representações de palavra poderiam se constituir e se associar às anteriores, mas não seria possível que percepções diferentes da mesma fossem vivenciadas. Mas, em relação à representação de um objeto específico, sempre haveria a possibilidade de que, por exemplo, percepções visuais de diferentes ângulos ou percepções tácteis de suas diferentes partes fossem vivenciadas a cada vez e, assim, acrescentassem novos elementos à representação. É por isso que Freud afirma que a representação de objeto seria um complexo aberto – ao passo que a representação de palavra seria um complexo fechado –, pois sempre permaneceria a possibilidade de que novos elementos se acrescentassem aos anteriores.

Essa concepção de objeto proposta por Freud provém, pelo menos em parte, da concepção de objeto formulada por Stuart Mill (1843). Segundo este, quando dois fenômenos que nunca foram vivenciados ou pensados separadamente fossem percebidos juntos com muita frequência, seria produzida uma “associação inseparável” entre eles, a qual tornaria impossível pensá-los isoladamente, a não ser que alguma experiência subsequente viesse dissolver a associação. De tal associação inseparável e da “capacidade de expectativa” da mente humana resultariam a idéia de um objeto externo e a crença na sua existência, segundo Mill. A idéia de um mundo exterior a nós resultaria do fato de que, ao vivenciarmos um conjunto de sensações associadas e que nos parecem inseparáveis, em razão de nossa capacidade de expectativa – ou seja, a capacidade que possuímos de conceber, após termos sensações reais, que novas sensações podem vir a ser vividas em associação

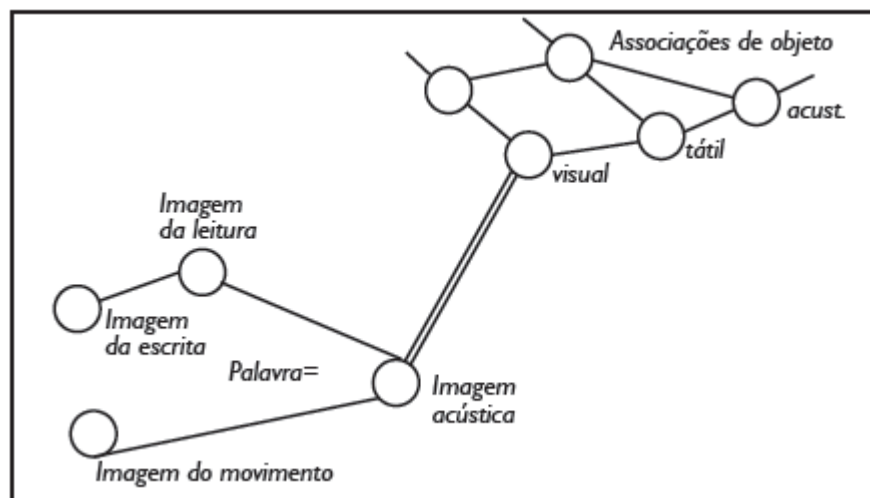
com as anteriores e que, em determinadas condições, as mesmas sensações podem retornar –, passaríamos a considerar que tais sensações sempre poderão ser vivenciadas novamente, por nós e por outros, sob determinadas circunstâncias, e que outras sensações ainda desconhecidas poderão ser acrescentadas às demais. De acordo com Mill, essa concepção de “sensações possíveis” fornece um caráter de permanência que se oporia ao caráter efêmero de nossas sensações singulares e, a partir dessa diferenciação, seríamos levados a considerar que ambas são coisas diferentes, que as possibilidades de sensações existem independentes de nós, ou seja, que existem objetos externos dos quais as sensações provêm. Ao expor sua concepção de objeto, Freud faz referência a essas idéias de Mill. Diz ele:

A idéia ou conceito de objeto é ela mesma outro complexo de associações composto pelas mais diversas impressões visuais, acústicas, cinestésicas e outras. Segundo o ensinamento da filosofia, a idéia de objeto não contém outra coisa; a aparência de uma “coisa”, cujas “propriedades” nos são transmitidas por nossos sentidos, se origina somente do fato de que ao enumerarmos as impressões sensoriais percebidas de um objeto deixamos aberta a possibilidade de que se acrescente uma grande série de novas impressões à cadeia de associações (J. S. Mill) (Freud, 1891, p. 90).

Portanto, tanto para Freud quanto para Mill, a representação de objeto consistiria num complexo de impressões sensoriais e, por isso, nossa idéia de uma coisa no mundo só poderia ser uma inferência, ou uma “crença”, que se originaria a partir desse agregado de impressões e da nossa capacidade de expectativa.

O vínculo entre a representação de palavra e a representação de objeto seria formado sempre por meio da associação entre a imagem acústica da primeira e, normalmente, a imagem visual da segunda. Segundo Freud, embora usualmente a imagem visual seja o elemento central da representação de objeto e seja por meio dela que essa representação se associa a de palavra, seria possível

também que a palavra fosse estimulada por meio de outros elementos constituintes da representação de objeto. O seguinte esquema é proposto por Freud para ilustrar essas representações e suas relações:



Como a representação de palavra se constitui? Segundo Freud, o primeiro passo na aprendizagem da linguagem consistiria em associar a imagem acústica de uma palavra a uma impressão de inervação dos músculos da fala. Quando o sujeito falasse, surgiria uma imagem glossocinestésica – ou seja, o segundo elemento da representação de palavra – e, simultaneamente, uma segunda imagem acústica, decorrente do som produzido pelo próprio sujeito, seria percebida e associada às duas primeiras. Inicialmente, essa segunda imagem acústica não seria idêntica à primeira, pois, na fase inicial do desenvolvimento o sujeito empregaria uma linguagem própria. Essa linguagem seria pouco a pouco aperfeiçoada, por meio de tentativas de fazer coincidir a imagem acústica resultante do som emitido pelo próprio sujeito à imagem acústica resultante do som pronunciado pelas pessoas que o cercam. Então, em sua origem, a fala surgiria e se desenvolveria sob a forma de um esforço para a repetição de palavras. A imagem acústica decorrente do som que o sujeito emite e a imagem glossocinestésica manteriam, ao longo de toda a vida, uma função corretiva da linguagem. Freud diz que, na linguagem contínua, a emissão de uma segunda palavra só ocorre depois que a imagem acústica ou que a imagem cinestésica

da palavra precedente foi percebida. A parafasia decorreria, então, da perda dessa função corretiva.

O terceiro elemento a integrar a representação de palavra seria a imagem visual. Esta última seria associada à imagem acústica durante a aprendizagem da leitura. Inicialmente, as imagens visuais das letras seriam associadas às imagens acústicas tomadas isoladamente. Depois, uma sucessão de impressões de inervação e de impressões cinestésicas de letras, estimuladas pelas imagens visuais por meio das imagens acústicas, seria reciprocamente conectada, formando um padrão, e assim surgiria a capacidade de ler as palavras. Ao se enunciar uma palavra, seria possível perceber que suas imagens acústicas e cinestésicas são idênticas às que eram usadas anteriormente e, a partir dessa associação entre a palavra lida e a já conhecida, a primeira adquiriria seu significado. Ou seja, a palavra mais antiga – que já estaria associada à representação de objeto e, por isso, já possuiria significado – o transmitiria à nova. A partir de então, o sujeito poderia ler com compreensão.

Segundo Freud, a compreensão do material lido se efetuariá após a transmissão dos estímulos dos elementos visuais para os elementos motores, mediante a associação desses últimos com as imagens acústicas. Portanto, as palavras seriam compreendidas como que as repetindo para si mesmo, e o mesmo ocorreria com as palavras ouvidas. Na compreensão destas últimas, a imagem acústica estimularia a imagem glossocinestésica, esta estimularia novamente, de forma retroativa, a imagem acústica e, esta, finalmente, incitaria a representação de objeto. Dessa forma, para Freud, a compreensão das palavras ocorreria por um caminho bem mais tortuoso do que para Wernicke, pois ela não consistiria simplesmente na associação da imagem acústica da palavra às associações de objeto, mas envolveria também as imagens glossocinestésicas. Por isso, a compreensão do material lido poderia ser prejudicada por problemas com as imagens visuais, acústicas ou glossocinestésicas, e a compreensão das palavras ouvidas poderia ser prejudicada por problemas na imagem acústica

ou na glossocinestésica. Todo tipo de compreensão da linguagem, é claro, também poderia ser afetado por problemas nas associações de objeto. Na aprendizagem de novas línguas, como já mencionado, as novas palavras se sobreassociariam as da língua materna e, a partir de tal associação, as primeiras adquiririam seu significado.

O quarto elemento constituinte da representação de palavra – a imagem quirocinestésica – seria formado em associação com a imagem visual e com a imagem acústica na aprendizagem da escrita. Quando a figura produzida pela escrita a partir dessa imagem quirocinestésica fosse percebida, uma nova imagem visual, em razão de sua semelhança com aquela anteriormente estabelecida na leitura, seria sobreassociada a esta.

Uma vez que as representações de palavras podem sobreassociar-se umas às outras, também do lado psíquico haveria vários níveis de processos associativos coexistentes, os quais corresponderiam aos sucessivos estágios de desenvolvimento da linguagem. Nas afasias, a regressão aos processos fisiológicos anteriormente estabelecidos seria acompanhada pela regressão aos processos psíquicos mais antigos. Esses processos primários, assim como os processos fisiológicos aos quais correspondem, não “voltariam a ocorrer” propriamente, mas apenas “voltariam a predominar”, visto que todos os níveis de processos coexistiriam. Na verdade, Freud atribui, de certa forma, as mesmas características aos processos fisiológicos e aos psicológicos: ambos seriam processos associativos e sobreassociativos que representariam os diferentes momentos do desenvolvimento da linguagem e que, nos casos patológicos, sofreriam uma regressão funcional na ordem dos mais recentes para os mais antigos. A diferença seria que, enquanto do ponto de vista neurológico a associação seria uma operação constituinte dos correlatos das representações, do ponto de vista psíquico ela ocorreria entre as representações simples e, assim, a uma associação psíquica corresponderia uma rede associativa neurológica.

O fato de a representação de palavra consistir num complexo de impressões acústicas, visuais e cinestésicas não configura nenhuma novidade em relação às teorias da época; o que parece ser original na concepção de Freud é a idéia de sobreassociação, a qual é incompatível com a idéia de que cada um dos correlatos das impressões sensoriais esteja armazenado em uma célula singular e que a sua constituição ocorra por um mero processo de expansão topográfica. A interdependência das diversas atividades da linguagem proposta por Freud já havia sido sugerida, pela primeira vez, por Grashey, como já comentado.

Segundo Freud, a partir do esquema proposto, os diversos tipos de afasias poderiam ser classificados em três grupos: as “afasias verbais”, decorrentes de danos nos correlatos das representações de palavra; as “afasias assimbólicas”, decorrentes de danos nos correlatos das associações entre representações de palavra e de objeto; e as “afasias agnósicas”, as quais consistiriam num problema puramente funcional, resultante de lesões nos correlatos das representações de objeto. Como destas últimas representações dependeriam a fala espontânea e a compreensão das palavras, qualquer problema com elas prejudicaria também a linguagem.

Na afasia verbal seria possível explicar três tipos de sintomas a partir da localização da lesão: 1) incapacidade de reconhecer letras, se a lesão se situasse na área visual e fosse completa, ou seja, se atingisse todos os elementos visuais; 2) incapacidade de escrever, se o mesmo ocorresse com os correlatos das imagens quirocinestésicas; e 3) incapacidade de repetir ou falar espontaneamente e prejuízo da compreensão da linguagem escrita ou ouvida, se a lesão se situasse na área das impressões glossocinestésicas e fosse completa.

A afasia assimbólica, por sua vez, poderia aparecer em estado puro ou em associação com a afasia verbal. O primeiro caso decorreria de uma lesão circunscrita à área onde ocorreria a ligação entre as associações de palavra e as de objeto; nesse caso, a fala voluntária e a compreensão das palavras seriam inviabilizadas; o segundo

caso – a afasia assimbólico-verbal – resultaria de lesões no elemento acústico. Neste caso, uma vez que todas as atividades da linguagem dependeriam desse elemento, e que seria por meio dele que a palavra se conectaria ao objeto, todas as atividades da linguagem seriam afetadas de alguma forma. Se a incapacidade tanto para encontrar uma palavra, quando dado um objeto, quanto para compreender o significado das palavras é chamada de assimbolia, e a palavra é um símbolo do objeto, pode-se concluir, portanto, que os casos de afasia assimbólica não consistem apenas em distúrbios da linguagem, como os de afasia verbal, mas também, num sentido mais amplo, em distúrbios da simbolização.

Todos os casos de afasia aqui descritos seriam resultantes de lesões completas ou, no caso da assimbolia pura, de uma lesão circunscrita à área que conecta as representações de palavra as de objeto. As lesões parciais na região periférica da área da linguagem, como visto, provocariam uma redução da excitabilidade dos elementos atingidos pelo distúrbio, e, deste modo, os sintomas seriam manifestações dessa redução. Quando isso ocorresse, os elementos menos prejudicados forneceriam apoio para os mais prejudicados, independentemente da ordem de estabelecimento das associações. Segundo Freud, os processos patológicos consistiriam em regressões a níveis anteriores do desenvolvimento da linguagem, mas a hierarquia primária não precisaria necessariamente ser seguida, no caso de lesões parciais:

[...] as afasias não fazem outra coisa que reproduzir um estado que existiu no curso do processo normal de aprendizagem da fala [...]. Há apenas uma diferença: quando aprendemos estamos limitados pela hierarquia dos centros que começam a funcionar em épocas diferentes: primeiro o sensorial acústico, logo o motor, o visual e, finalmente, o gráfico. Nos casos patológicos, no entanto, o centro que menos sofre é aquele cuja ajuda é buscada em primeiro lugar (Freud, 1891, p. 57).

Essa hipótese de Freud, provavelmente, fundamenta-se na idéia de “compensação” desenvolvida por Jackson, segundo a qual, no caso

de lesões cerebrais, as partes intactas compensariam, na medida do possível, as atividades prejudicadas das áreas atingidas. Por isso, os sintomas não seriam puramente negativos, ou seja, não resultariam apenas da inatividade ou da deficiência de determinadas áreas, mas seriam, em parte, manifestações da atividade das áreas que sobreviveram à lesão, que forneceria então sua determinação positiva.

As lesões na parte central da área da linguagem, como já afirmado, produziriam uma regressão funcional no aparelho como um todo; nesses casos, as representações de palavra primariamente adquiridas seriam as últimas a serem prejudicadas e as mais recentemente adquiridas seriam afetadas em primeiro lugar. Portanto, isso deve resultar em um retorno às formas primárias de uso da linguagem, cujas características específicas iriam depender do modo como as capacidades lingüísticas tivessem se desenvolvido no indivíduo afásico.

Assim, do ponto de vista psicológico, o aparelho seria constituído por representações de palavra, que consistiriam em complexos de impressões acústicas, visuais e cinestésicas associadas de acordo com certos princípios e regras específicas. As palavras seriam sobreassociadas umas às outras, e, dessa forma, o significado das primariamente estabelecidas seria transmitido às outras, de forma que haveria várias cadeias de palavras que, em última instância, denotariam um mesmo objeto. As impressões visuais e cinestésicas só seriam acessadas por meio das acústicas, e, assim, as afasias não resultariam apenas da perda de certas imagens, mas também da impossibilidade de acessá-las.

Em suma, o aparelho de linguagem consistiria em vários níveis de processos neurológicos associativos, concomitantes a vários níveis de processos psicológicos também associativos, que, em conjunto, constituiriam as representações de palavra. Embora esses dois tipos de fenômenos apresentassem as mesmas características globais, a uma associação psíquica corresponderia uma rede associativa neurológica. A informação sensorial que chegasse à medula sofreria

uma reorganização ao longo de sua condução ao córtex, e os processos associativos que ocorressem no aparelho de linguagem representariam o último estágio de reorganização dessa informação perceptiva. Assim, a informação perceptiva que se torna consciente seria, em grande parte, uma construção subjetiva, e não apenas uma cópia passiva do mundo externo. Em casos de lesões na área da linguagem, haveria uma regressão funcional que poderia ser global ou local; quando isso ocorresse, os níveis associativos inferiores e mais primitivos voltariam a prevalecer. O fato de Freud ter concebido a área da linguagem como uma área homogênea, onde os processos associativos estabeleceriam as diferenciações, e de ter concebido a afasia como uma regressão a estágios anteriores do desenvolvimento fez com que os fatores individuais passassem a desempenhar um papel determinante nas afasias. Essas poderiam definir-se como prejuízos apenas da linguagem ou como prejuízos também da capacidade de simbolização em geral. No primeiro caso, apenas as associações que constituíssem as representações de palavra seriam atingidas e, no segundo, as associações que conectassem esta última às representações de objeto seriam também afetadas. A representação de palavra seria um complexo associativo constituído por elementos acústicos, cinestésicos e visuais, que adquiriria significado por meio de sua associação com a representação de objeto. Esta consistiria também num complexo semelhante de impressões sensoriais, mas, ao contrário da representação de palavra, a representação de objeto seria um complexo aberto, e disto resultaria a crença em objetos existentes independentemente de nossa percepção. As palavras seriam sobreassociadas umas às outras, e, nesse processo, o significado das já constituídas seria transmitido para as que a elas se sobreassociassem.

Resta examinar, agora, quais conseqüências para a formulação de um conceito de representação são acarretadas por essa teoria sobre a fisiologia e a psicologia da linguagem proposta por Freud.

⁵ Freud comenta que até é possível que o número de fibras corticais aferentes seja próximo ao número de fibras que conectam a

periferia à medula, mas parte das fibras que alcançam o córtex não parte da medula e, assim, de qualquer forma, não seria possível haver uma projeção topograficamente exata entre a periferia e o córtex.

⁶ Nessa parte, Freud menciona o *segundo nível* de redução da excitabilidade de um centro, mas, de acordo com as duas outras descrições desses níveis feitas por ele (Freud, 1891, p. 45 e p. 113), o caso do paciente de Grashey possui as características do primeiro nível: incapacidade de reagir voluntariamente, com preservação da capacidade de reagir em associação com outro centro e à estimulação sensorial direta. No segundo nível, o centro só reagiria a esta última.

Capítulo 4 - Metapsicologia da representação

Em primeiro lugar, uma vez que Freud propôs que o simples do ponto de vista psíquico corresponderia a um complexo do ponto de vista neurológico, uma imagem – uma representação simples – deve corresponder a um processo associativo, e uma representação complexa, como a de palavra, deve corresponder, portanto, a uma rede de processos associativos. Desse modo, não é possível, nos correlatos da representação, distinguir algo simples: estes só existem enquanto complexos, pois só com a associação surge o correlato de uma representação. Mas, do lado psicológico, podem haver representações simples, assim como representações complexas, que resultam da associação das primeiras. Freud usa para se referir aos elementos constituintes da representação de palavra tanto o termo *Bild* (imagem) como *Vorstellung* (representação); este último termo, no entanto, é sempre usado para se referir aos complexos associativos que formam a representação de palavra (*Wortvorstellung*) e a de objeto (*Objektvorstellung*). Mas, para se referir à imagem de movimento da fala, por exemplo, Freud utiliza tanto *Sprachbewegungsvorstellung* quanto *Sprachbewegungsbild*.

Dessa forma, enquanto do ponto de vista fisiológico a associação é o processo constituinte dos correlatos das representações, do ponto de vista psicológico a associação continua sendo um processo que ocorre entre as representações simples para a constituição das representações complexas, ou seja, nesse sentido, a associação continua sendo concebida de uma forma próxima como o era pela psicologia associacionista.

O conceito de associação proposto por Freud não deixa de apresentar algumas dificuldades. Por um lado, Freud recusa a idéia de Meynert, segundo a qual a aprendizagem consistiria num

processo puramente cumulativo, numa mera soma de elementos simples, o que se evidencia no modo como descreve a perda da linguagem no sujeito afásico e no modo como propõe que: 1) a aprendizagem consista num processo de sobreassociação; 2) as representações se sobreponham umas às outras; e 3) isto explique como ocorre a desorganização na fala nos afásicos – uma desorganização de acordo com princípios funcionais e não de acordo com determinantes puramente anatômicos.

A idéia de sobreassociação parece se opor a uma concepção mecanicista de associação como à de James Mill e parece se aproximar mais da “química mental” de Stuart Mill, segundo a qual a associação reorganiza os elementos associados, fazendo com que o resultado não consista na mera soma dos elementos quando tomados isoladamente, além de fazer com que novas propriedades apareçam no complexo assim formado. Mas, por outro lado, a possibilidade afirmada por Freud de se retornar às representações primariamente estabelecidas a partir das mais recentes, percorrendo a cadeia associativa no sentido contrário ao de sua constituição, parece tornar problemática essa concepção da associação como uma química mental, pois se é possível retornar às representações anteriormente formadas parece ser necessário que elas conservem sua identidade, que não tenham suas propriedades modificadas ao longo do processo de sobreassociação. No entanto, apesar dessas dificuldades, talvez não seja impossível conciliar esses pontos de vista: o fato de propriedades novas surgirem apenas em função do modo próprio de organização dos fenômenos complexos não inviabilizaria o retorno aos elementos constituintes como “método” para a elucidação desses processos. Em outras palavras, se se trata, de fato, na perspectiva freudiana, de uma “química mental” ao estilo de Stuart Mill, isso não configuraria um obstáculo absoluto à proposição da “análise” como opção metodológica, lembrando que já se apontou como Freud formula a idéia mesma de uma “psicanálise” como uma referência, por alusiva e metafórica que seja, aos procedimentos da química analítica.

Uma segunda característica da representação é o fato de ela consistir, pelo menos em parte, em uma construção mental e não apenas em uma cópia das sensações. A informação sensorial é, segundo a concepção freudiana, sucessivamente reorganizada ao longo de seu percurso da medula ao córtex e, aí, como visto, ela experimenta um último processo de reorganização; portanto, os correlatos das nossas representações seriam construções do sistema nervoso, rearranjos da informação recebida do mundo externo, constituídos de acordo com os princípios funcionais desse sistema. Desse modo, pode-se dizer que nossas representações seriam constituídas por um funcionamento inato a partir de conteúdos adquiridos. Quanto a esse ponto, Freud claramente se distancia dos autores associacionistas mencionados anteriormente, pois, para eles, nenhum fator subjetivo interferiria na construção de nossas representações; a mente seria mera receptora passiva das impressões sensoriais. Uma vez que, para Freud, o que se torna consciente é o correlato de um processo que representa o último estágio de reorganização da informação sensorial, nossas representações corresponderiam ao ápice de um processo cujos estágios anteriores nos são totalmente inacessíveis: não teríamos conhecimento das etapas da construção das nossas representações, nem de suas determinações, o que implicaria reconhecer que o acesso aos estímulos provenientes do mundo externo só ocorre de forma muito indireta, por meio de uma série complexa de mediações.

As representações de palavra seriam sobreassociadas umas às outras, de forma que vários níveis de processos associativos correspondentes aos diferentes estágios do desenvolvimento do sujeito pudessem coexistir. Nesse processo de sobreassociação, as representações mais antigas transfeririam seu significado às mais recentes, formando, assim, séries associativas de mesma significação. Como a representação de palavra, ao menos no caso dos substantivos, adquiriria seu significado por meio de sua associação com a representação de objeto, haveria várias cadeias de representações de palavra que, em última instância, denotariam os mesmos objetos, e como estes adquirem significado, conforme o

que Freud propõe no “Projeto de uma psicologia” (1895), a partir de sua associação com nossas sensações corporais (Gabbi Jr., 2003), haveria várias cadeias de representações de palavra que, em última instância, denotariam a mesma sensação corporal.

Assim, para se conhecer o significado originário de uma palavra, seria necessário percorrer essa cadeia no sentido inverso ao de sua constituição, pois só assim seria possível chegar à representação inicial da sensação corporal, isto é, ao ponto de origem do significado da palavra. Muito embora Freud, nesse texto sobre as afasias, não tenha se estendido sobre como a representação de objeto adquire significado, no “Projeto de uma psicologia” ele desenvolve a teoria de que, para se compreender uma representação perceptiva, é necessário rastreá-la até uma sensação corporal. Freud propõe que, inicialmente, o processo de juízo ou de reconhecimento dos objetos consista numa tentativa de rastrear as percepções até ocupações⁷ oriundas do próprio corpo, ou seja, consista num esforço para encontrar um caminho que leve das representações de objeto, formadas na parte do sistema de memória que recebe as ocupações perceptivas (ψ do manto), até as representações de vivências corporais, que se constituem na parte do sistema de memória que está em contato direto com o interior do organismo (ψ do núcleo). Citando Freud (1895/1950, p. 47):

O julgar, mais tarde um meio para *reconhecer* o objeto que talvez tenha importância prática, é, assim, originariamente um processo associativo entre ocupações vindas do exterior e ocupações provindas do próprio corpo, *uma identificação entre notícias ou ocupações de φ e de dentro*.

Por que o reconhecimento de um objeto dependeria de sua associação com uma experiência corporal? Uma vez que é a necessidade de se livrar do desprazer – ou seja, de fazer cessar o fluxo de excitação proveniente do interior do corpo que incide sobre o sistema ψ do núcleo – que leva o sujeito a atentar para as ocupações perceptivas, todos os objetos seriam inicialmente separados em dois grupos: os “objetos de desejo”, que são

associados com a supressão do desprazer, e os “objetos hostis”, que são associados com o aumento do desprazer. Portanto, originariamente, seriam as sensações corporais de prazer e desprazer que atribuiriam significado aos objetos, porque seria a necessidade de se livrar do desprazer que levaria o sujeito a atentar para as percepções.

Seria possível supor, então, que a representação de objeto adquire significado por meio de sua associação com sensações corporais de prazer e desprazer, e a representação de palavra, mediante sua associação com a representação de objeto. Em última instância, portanto, as palavras seriam referidas sempre a sensações corporais. Em uma passagem dos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1895), Freud parece referir-se a essa relação, ao discutir o papel da linguagem na sintomatologia histérica:

Todas essas sensações e inervações pertencem à expressão das emoções, que, como nos ensinou Darwin (1872), consistem em operações em sua origem significativas e apropriadas; em geral elas se encontram hoje debilitadas a tal ponto que sua expressão lingüística nos parece uma transcrição figurativa, contudo, muito provavelmente, uma vez tudo foi dito literalmente e a histeria acerta quando restabelece para suas inervações mais intensas o sentido originário da palavra (Freud, 1895, p. 193).

Um último aspecto da representação a ser considerado é sua relação com a consciência. Freud ainda considera, em *Sobre a concepção das afasias*, que o psíquico se restringe ao consciente e, conseqüentemente, que toda representação é, por sua própria natureza, acessível à consciência. Os correlatos das representações seriam processos associativos que deixariam atrás de si modificações, as quais, por sua vez, possibilitariam a rememoração. Porém, só quando o mesmo processo tornasse a ocorrer, a representação emergiria novamente. Dessa forma, as referidas modificações corticais seriam condições necessárias para a representação, mas não suficientes. Falando nos termos do

“Projeto”, a representação emergiria somente quando houvesse uma quantidade percorrendo o caminho facilitado, e, assim, quando o processo cessasse, a representação deixaria de existir enquanto tal, embora continuasse existindo como possibilidade. Ao falar sobre os processos associativos correlatos das representações, Freud afirma:

Esse processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e a partir daí se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato tem lugar, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada. É muito duvidoso que esse fenômeno fisiológico esteja de algum modo associado com algo psíquico. *Nossa consciência não contém nada que possa justificar, do ponto de vista psicológico, o termo “imagem latente de recordação”*. No entanto, cada vez que o mesmo processo cortical volta a ser suscitado, o fenômeno psíquico anterior emerge novamente como recordação (Freud, 1891, p. 71).

Portanto, nesse texto, o psíquico continua sendo identificado à consciência, e só é possível falar de “inconsciente” para designar uma ausência de consciência que implicaria também, rigorosamente falando, a ausência de fenômenos propriamente psíquicos. Assim, de acordo com as concepções aqui apresentadas, a expressão “representação inconsciente”, se não considerada uma expressão figurada ou um modo de se expressar pouco rigoroso, seria autocontraditória, pois a representação estaria, por definição, inteiramente incluída no domínio dos processos conscientes.

Quais desenvolvimentos teóricos vão permitir a Freud falar de “representações inconscientes”, ou seja, vão permitir a dissociação entre “representação” e “consciência” que distingue a psicanálise? Nos textos sobre as neuroses, publicados no período entre a monografia sobre as afasias (1891) e a redação do “Projeto” (1895), o termo “subconsciente”, assim como “inconsciente”, é empregado em algumas ocasiões para caracterizar certos aspectos do

mecanismo psíquico das neuroses, mas Freud não chega a atribuir uma natureza decididamente psíquica às representações e às associações inconscientes de que fala, o que, como será constatado, ocorre de forma explícita, somente no “Projeto”. A esses desenvolvimentos posteriores está dedicada a segunda parte deste trabalho.

⁷ Utiliza-se aqui “ocupação” para traduzir a *Besetzung* freudiana, usualmente vertida como “investimento”, por esta opção funcionar melhor nestes textos que utilizam um vocabulário ainda muito próximo ao da neurologia.

Parte II - Da teoria das neuroses ao “Projeto de uma Psicologia” (1891-1895)

Capítulo 5 - O conceito de representação nos textos freudianos sobre a histeria do período 1891-1895

No texto “Algumas considerações com vistas a um estudo comparativo entre as paralisias motoras orgânicas e histéricas” (1893), embora Freud ainda sustente a idéia de que os processos psíquicos sejam paralelos aos neurológicos, ele não mais identifica tão claramente o psíquico ao consciente, pois introduz, para explicar as paralisias histéricas, a noção de processos psíquicos “subconscientes”.¹ Nesse trabalho, Freud afirma que as características distintivas das paralisias histéricas com relação às orgânicas se devem ao fato de que, enquanto estas últimas são determinadas pela anatomia do sistema nervoso – isto é, pela extensão e localização de uma lesão orgânica –, as primeiras são totalmente independentes dos fatores anatômicos, pois não decorrem de lesões orgânicas, mas de lesões puramente funcionais, entendendo por isso a alteração de propriedades funcionais do sistema nervoso independentemente de danos materiais e, portanto, independentemente da estrutura desse sistema. Do lado psíquico, essa alteração funcional se manifestaria como a exclusão de uma representação das associações conscientes, o que leva Freud a dizer que a paralisia histérica resulta da “lesão de uma representação” (nesse texto, que foi escrito originalmente em francês, Freud usa o termo *conception* para traduzir, ao que tudo indica, o termo alemão *Vorstellung*).

Uma representação assim lesada não seria uma representação aniquilada, ou cujo substrato material estivesse destruído, mas sim uma representação cujo vínculo com o restante do psiquismo tivesse sido rompido, tornando-a, por isso, inacessível à consciência. Freud afirma que, nas paralisias histéricas, a representação do órgão ou função paralisada está inacessível às associações conscientes, pois todo seu “afeto” está envolvido em uma “associação subconsciente” exclusiva com uma recordação traumática. O termo subconsciente aparece uma vez como substantivo: “A impossibilidade de eliminação é notória quando a impressão permanece no subconsciente” (Freud, 1893, p. 209). Além disso, aparece várias vezes como adjetivo:

[...] a concepção de braço existe no substrato material, porém não é acessível para as associações e impulsos conscientes, porque toda a sua afinidade associativa, por assim dizer, está saturada em uma associação subconsciente com a recordação do acontecimento, do trauma, produtor dessa paralisia (Freud, 1893, p. 209).

De acordo com a teoria apresentada em *Sobre a concepção das afasias*, o psíquico deveria restringir-se ao consciente, e, por tanto, falar de uma representação subconsciente, desde essa perspectiva, só poderia significar uma representação inexistente; em outras palavras, “subconsciente” seria sinônimo de ausência de processos psíquicos e, portanto, “representação subconsciente” seria sinônimo de ausência de representação. Assim, nesse artigo sobre as paralisias histéricas, ou Freud apóia suas hipóteses em uma concepção sobre os processos psíquicos diferente daquela proposta no texto sobre as afasias – mais precisamente, numa concepção em que o psíquico não seja mais identificado ao consciente – ou, quando ele fala de representações subconscientes, refere-se a representações inexistentes. Nesse último caso, as expressões em que aparece o termo “subconsciente” seriam, no máximo, expressões figuradas, e a ausência de consciência da representação não poderia ser entendida literalmente.

Uma vez que Freud não deixa claro em que sentido precisa mente o termo subconsciente está sendo usado, permanece aí a questão de quais são as concepções metapsicológicas em que ele fundamenta suas hipóteses sobre o mecanismo psíquico que originaria uma paralisia histérica. Não fica claro se Freud continua identificando o mental ao consciente – e, neste caso, subconsciente significaria ausência de processos psíquicos, de modo que a associação subconsciente seria um processo físico sem concomitante psíquico – ou se ele considera que o psíquico não se limita à consciência. Se ele considera que os processos psíquicos podem ser em parte conscientes e em parte subconscientes, então suas expressões não são metafóricas, mas referem-se a algo concebido como efetivamente real. Em suma, permanece a questão de se há ou não, literalmente falando, um subconsciente psíquico para Freud nesse momento, ou seja, se ele considera que as representações possam existir independentemente da consciência.

Em *As neuropsicoses de defesa* (1894), Freud se coloca explicitamente a questão mencionada anteriormente sobre a possibilidade de ocorrerem processos psíquicos na ausência da consciência, mas não chega a tomar uma posição definitiva. Nesse trabalho, trata-se de formular uma hipótese sobre o mecanismo psíquico das psiconeuroses – histeria de defesa, fobias, obsessões e psicoses alucinatórias –, de acordo com a qual a gênese dessas afecções residiria em um esforço do eu para se defender de uma representação intolerável. Essa defesa consistiria essencialmente na retirada do afeto atrelado à representação traumática, fazendo com que essa representação ficasse isolada dentro da consciência e constituísse, assim, o núcleo de um grupo psíquico secundário. Os tipos de psiconeuroses se diferenciariam uns dos outros em razão do modo como seria empregado o afeto retirado da representação traumática. Na histeria de defesa, o afeto seria “convertido” para uma inervação sensorial, somática ou motora e, na neurose obsessiva e na fobia, o afeto seria “deslocado” para outra representação, permanecendo assim no âmbito psíquico, ao contrário do que ocorre na neurose histérica.

Freud não usa os termos “subconsciente” e “inconsciente” nesse texto. A representação patogênica, segundo ele, estaria excluída dos processos associativos, mas permaneceria, por hipótese, dentro da consciência: “A representação, agora debilitada, fica segregada de toda a associação na consciência [...]” (Freud, 1894, p. 53). Afirma que o divórcio entre a representação e o seu afeto ocorreria “sem consciência”, mas hesita em aceitar que esses processos que ocorrem na ausência de consciência sejam efetivamente psíquicos:

O divórcio entre a representação sexual e seu afeto, e o enlace deste último com outra representação, adequada porém não inconciliável: eis aí processos que acontecem sem consciência, que somente é possível supor, e nenhuma análise clínico-patológica é capaz de demonstrar. Talvez se ria mais correto dizer: estes, de modo algum são processos de natureza psíquica, mas processos físicos cuja conseqüência se afigura como se real e efetivamente tivesse acontecido o que é expresso mediante o circunlóquio “divórcio entre a representação e seu afeto”, e “enlace falso” deste último (Freud, 1894, p. 54).

Ao que tudo indica, então, nesse trabalho sobre as neuro psicoses de defesa, Freud tende a identificar os processos que ocorrem na ausência de consciência a processos tão somente físicos, mantendo assim o que é propriamente psíquico restrito à consciência, mas não chega a afirmar cabalmente essa identidade.

Nos *Estudos sobre a histeria* (1895), tanto Freud como Breuer remetem a etiologia dos sintomas histéricos a representações inconscientes, embora tenham opiniões distintas sobre o mecanismo psíquico dessa neurose. Segundo Breuer, a cisão da atividade psíquica poderia ocorrer em dois casos: quando um grupo de representações se constituísse durante um estado psíquico anormal – um “estado hipnóide”, em sua terminologia – ou quando ele fosse alvo de uma defesa por parte do eu, concebida como voluntária. No entanto, apenas essa última hipótese, já presente em *As neuropsicoses de defesa*, é aceita integralmente por Freud nesse

texto: embora Freud ainda compartilhe com Breuer, na *Comunicação Preliminar*, a hipótese da histeria hipnóide, no capítulo sobre a psicoterapia da histeria, que foi escrito dois anos mais tarde, afirma que todo caso de histeria hipnóide pode ser remetido, em última instância, a uma defesa por parte do eu. Ele propõe que toda histeria apresente, em sua gênese, a separação entre uma representação intolerável e seu afeto, isto é, um esforço defensivo do qual resulte a divisão psíquica que é característica dessa neurose. Apesar de ambos os autores empregarem o termo inconsciente em diversas ocasiões, aparentemente nenhum deles possui ainda uma concepção muito clara sobre qual poderia ser a natureza desses processos inconscientes revelados pelas observações clínicas.

Para Breuer, haveria dois tipos de representações inconscientes: as que fazem parte da atividade psíquica normal e aquelas cuja existência é patológica. Segundo ele, no funcionamento psíquico normal, as representações cuja intensidade superasse um certo limiar seriam conscientes e as que permanecessem abaixo desse limiar seriam inconscientes. Mas estas últimas seriam, no entanto, “suscetíveis de consciência”, ou seja, para elas se tornarem conscientes bastaria que sua intensidade aumentasse. As representações inconscientes determinantes da histeria, ao contrário, seriam “insuscetíveis de consciência”, isto é, mesmo possuindo uma intensidade elevada, elas permaneceriam inconscientes. Portanto, o campo da atividade psíquica representacional, nesse caso, seria maior que o campo da consciência potencial, como afirma Breuer:

O campo da atividade psíquica representacional não coincide, pois, neles com o da consciência potencial; este é mais limitado que aquele. A atividade psíquica representacional se decompõe em consciente e inconsciente, e as representações, em suscetíveis e insuscetíveis de consciência. Não podemos, então, falar de uma cisão da consciência, mas sim de uma cisão da psique (Breuer, 1895, p. 235).

Mas, apesar de afirmar que parte da atividade psíquica representacional é insuscetível de consciência, em outra passagem Breuer nega a possibilidade de haver processos inconscientes de natureza psíquica:

É certo que “representação” provém da terminologia do pensar consciente e, por isso, “representação inconsciente” forma uma expressão contraditória. Mas o processo físico que está na base da representação é o mesmo em seu conteúdo e em sua forma (se bem que não quantitativamente), quer a representação passe o limiar da consciência ou permaneça abaixo deste. Bastaria construir uma frase como “substrato da representação” para evitar a contradição e escapar àquela reprovação (Breuer, 1895, p. 233).

Parece haver uma contradição interna nos argumentos de Breuer, pois ele afirma, primeiro, que a “representação in consciente” consiste num processo puramente físico e, logo em seguida, afirma que a atividade psíquica representacional não se limita à atividade consciente. Na maior parte do texto, ele dá mostras de aceitar a existência de um psíquico inconsciente, mas, pelo menos na afirmação apresentada, recusa expressamente essa possibilidade.

Freud, em seu capítulo sobre a psicoterapia da histeria, desenvolve a hipótese sobre o mecanismo psíquico desta neurose que havia sido proposta em *As neuropsicoses de defesa* e a estende aos dois outros tipos de histeria (hipnóide e de retenção). O material patogênico determinante da histeria, segundo ele, seria constituído por um núcleo que conteria as representações traumáticas e por um amplo material mnêmico constituído por representações que, em razão do fato de se terem associado com as traumáticas, também teriam se tornado patogênicas. Esse complexo de representações possuiria um triplo ordenamento e as representações estariam aí organizadas: 1) de forma linear cronológica; 2) de forma concêntrica, em torno do núcleo, seguindo linhas de resistência decrescentes; e 3) de forma irregular, seguindo nexos causais. No trabalho da análise, as representações seriam evocadas à medida

que a resistência fosse sendo superada, na ordem contrária à da sua constituição, isto é, das periféricas, que coincidiriam parcialmente com o eu, até as nucleares, que esclareceriam o significado do sintoma. Haveria, portanto, uma seqüência ininterrupta mediando as representações originárias da histeria e os sintomas – em outras palavras, entre as representações inconscientes e as conscientes.

Freud distingue dois tipos de representações patogênicas que permaneceriam inacessíveis à consciência do paciente até emergirem na terapia: as que são rememoradas – ou seja, as que o sujeito reconhece como tendo sido, de fato, vivenciadas em algum momento – e as que não são rememoradas. Estas últimas, embora sejam aceitas pelo paciente, em razão de sua necessidade lógica e do afeto que acompanha o seu surgimento e provoca o alívio do sintoma, não conseguem ser reconhecidas como tendo sido um dia vivenciadas:

[...] com a ajuda deste procedimento (a pressão sobre a fronte), que ora mostra, desde o ponto em que cessaram as reconduções do enfermo na vigília o caminho posterior; ora chama a atenção sobre nexos que caíram no esquecimento, depois convoca e ordena recordações que desde muitos anos atrás estavam subtraídas à associação, apesar do que ainda se pode discerni-las como recordações e, como operação suprema da reprodução, faz alorar pensamentos que o enfermo nunca quer reconhecer como seus, que ele não *recorda*, embora admita que o contexto os exige imprescindivelmente e, nesse transcurso, se convence de que essas representações, e não outras, produzem o fechamento da análise o cessar dos sintomas (Freud, 1895, p. 279).

Freud atribui a incapacidade de rememoração dessas representações ao fato de elas consistirem em “pensamentos inconscientes”:

Ainda quando tudo já passou, quando o enfermo, dominado pela compulsão lógica e convencido pelo efeito curativo que

acompanha justamente o aloramento desta representação; quando o enfermo, digo, aceita ele mesmo que teve que ter pensado isto ou aquilo, costuma acrescentar: “Porém, não posso *recordar* que o tenha pensado”. Em tal caso é fácil entender-se com ele: eram *pensamentos inconscientes*. No entanto, como esse estado de coisas foi registrado em suas intuições psicológicas? Há que se passar por alto esse discernimento recusado do enfermo, que não possui motivo algum posto que o trabalho já acabou? Deve-se supor que se trata real mente de pensamentos nunca produzidos e para os quais havia uma mera possibilidade de existência, de modo que a terapia consistiria, então, na consumação de um ato psíquico interceptado? É evidentemente impossível enunciar algo sobre isto, ou seja, sobre o estado do material patogênico antes da análise, até que se tenha esclarecido a fundo suas visões psicológicas básicas, antes de tudo sobre a essência da consciência (Freud, 1895, p. 305).

Uma vez que Freud afirma que essas representações não são rememoradas porque consistem em pensamentos inconscientes, é necessário reconhecer que esses dois tipos de representações patogênicas evocadas na terapia não são inconscientes no mesmo sentido. Freud reconhece que não possui uma explicação para essa diferenciação. Em nenhum dos textos até agora comentados ele explicita a noção de representação inconsciente admitida como necessária para se esclarecer o mecanismo psíquico das neuroses, embora em *Sobre a psicoterapia da histeria* apresente uma inclinação a conceber os processos inconscientes como processos puramente físicos. Aparentemente, Freud não possuía ainda, nesse período, uma concepção perfeitamente definida sobre esse ponto, mas fica claro que a identidade entre o psíquico e o consciente afirmada no texto sobre as afasias já vem sendo questionada ao longo desse período. No “Projeto”, ele formulará uma teoria em que a consciência será concebida como algo que se acrescenta a apenas uma parte de nossas representações e, portanto, a identidade total entre o psíquico e o consciente será finalmente recusada, de modo que a expressão “representação inconsciente”

poderá ser incorporada legitimamente à teoria. A releção sobre a consciência apontada por Freud como necessária nos *Estudos sobre a histeria* parece ter sido um dos motivos que o levaram a redigir o “Projeto”, a cuja análise estão dedicados os próximos capítulos, no que diz respeito às questões em foco neste livro.

¹ Laplanche & Pontalis (1998, p. 494) comentam que, nesse período em que foi publicado o artigo sobre as paralisias histéricas, não parece haver diferença entre o uso que Freud faz do termo “subconsciente” e o que estava prestes a destacar-se sob o nome de “inconsciente”.

Capítulo 6 - O “Projeto de uma psicologia”: os pressupostos e a estrutura do aparelho

No “Projeto”, como se sabe, Freud tenta explicar os processos psíquicos a partir de dois postulados principais: *quantidade* e *neurônio*. Ele apresenta e desenvolve a idéia de um *aparelho neuronal*, onde ocorreriam tais processos, cujo funcionamento e estrutura seriam determinados pelo “princípio de inércia”, isto é, por uma tendência a descarregar toda a quantidade que incidisse sobre o aparelho. A proposta inicial é, portanto, “fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas” (Freud, 1895/1950, p. 9). Freud busca explicar todos os fenômenos psíquicos mecanicamente, mas, quando essa forma de explicação não pode ser alcançada, admite recorrer a justificativas de ordem biológica, isto é, explicar certas características dos processos descritos como consistindo em aquisições condicionadas por adaptações ou regras biológicas. O aparelho neuronal descreveria, então, processos que ocorrem no sistema nervoso e que poderiam, em princípio, ser relacionados a regiões anatômicas do cérebro. Trata-se, portanto, de “um modelo teórico-abstrato do funcionamento do cérebro” (Monzani, 1989, p. 118). Várias idéias apresentadas em *Sobre a concepção das afasias* foram complementadas e ampliadas no “Projeto”.

Esse programa de formular uma teoria psicológica em termos quantitativos não representava propriamente uma novidade na época em que o “Projeto” foi escrito. Amacher (1965) comenta que, em muitos pontos, o “Projeto” não faz desvios significativos com relação à neurologia praticada pelos professores de Freud. As descrições da inércia neurônica, da facilitação entre neurônios corticais e da experiência da satisfação como processo cortical e

psicológico básico teriam sido essencialmente fundamentadas nos conceitos que Freud aprendera com Brücke, Meynert e Exner. Mas algumas das grandes inovações que iriam caracterizar a psicanálise – a teoria dos sonhos como realizações de desejos, a teoria sobre o mecanismo da histeria e da repressão – aparecem já de forma original no “Projeto”, afirma Amacher. Sem dúvida, Freud foi influenciado pelas teorias dos neurologistas e cientistas mencionados, mas a teoria do “Projeto” vai além por incluir, ademais disso, as hipóteses decorrentes da observação clínica das neuroses:

De fato, toda a articulação das teses do Projeto... está vinculada à leitura que Freud elabora, de forma inaugural, sobretudo a partir dos históricos. É exatamente essa prática clínica original, inédita, que confere ao Projeto... sua especificidade própria e o torna um documento único frente às mesmas tentativas nessa linha feitas pelos contemporâneos de Freud, como Exner (Monzani, 1989, p. 99).

Segundo Geerardyn (1997), o “Projeto” consiste num experimento de pensamento incitado pela expectativa de que dados neurológicos conhecidos poderiam auxiliar a formulação de uma teoria psicológica que explicasse os fenômenos observados na clínica.

O primeiro pilar dessa teoria – a noção de “quantidade” (Q) – é definida como algo que diferencia a atividade do repouso e que está submetido à lei geral do movimento. Para representar a quantidade, Freud usa os símbolos Q e Q’n. James Strachey comenta que não há dúvida de que ambos os símbolos representem a “quantidade”, porém é inquestionável que haja uma ligeira diferença entre o que eles representam, embora essa diferença não seja esclarecida por Freud. Em algumas partes do texto, ele parece usar Q para quantidade externa e Q’n para quantidade psíquica, mas esse uso é inconsistente e não vale para todas as passagens em que ocorrem essas abreviaturas (Strachey, 1998, pp. 325-336).

Freud, além disso, não especifica qual seria a natureza dessa quantidade. Para Strachey (1998, p. 442), embora no artigo As

neuropsicoses de defesa Freud tenha feito uma vaga comparação entre a “soma de excitação” – conceito que seria precursor do de quantidade – e “uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo” e nos *Estudos sobre a histeria* tenha feito uma analogia entre quota de afeto e uma certa medida de excitação elétrica nas vias condutoras do encéfalo, não há nenhuma palavra no “Projeto” que possa ser interpretada no sentido de que Freud entendesse a quantidade estritamente como uma força ou energia de natureza elétrica. Pribram & Gill (1976), ao contrário, argumentam que Freud identificou a quantidade de excitação neural com suas manifestações elétricas, porque, embora hoje se saiba que a propriedade básica do movimento neuronal é neuroquímica, o conhecimento dos processos neuroquímicos de hiperpolarização e despolarização da membrana do neurônio, assim como das características da mesma que permitem dar origem a um impulso nervoso propagado, estava em sua infância em 1895. Portanto, a natureza neuroquímica da quantidade não poderia ter sido descrita naquele momento, mas apenas a sua manifestação como atividade elétrica. Esses autores afirmam que as medições neuroelétricas de potenciais eletrotônicos e de impulsos nervosos propagados eram não só comuns em 1895, mas também suficientemente recentes para empolgar a imaginação dos neurocientistas da época e que, muito provavelmente, essas idéias teriam influenciado Freud.

De qualquer forma, ao longo de toda a sua obra, a natureza da quantidade não chega a ser plenamente especificada. Em “Além do princípio do prazer”, Freud volta a afirmar que nada definitivo é possível afirmar sobre ela:

[...] não sabemos nada sobre a natureza do processo excitatório nos elementos do sistema psíquico nem nos sentimos autorizados a adotar uma hipótese a respeito dela. Assim, operamos continuamente com um grande X que transportamos a cada nova fórmula. Admitimos com facilidade que esse processo se cumpre com energias que apresentam diferenças quantitativas [...] (Freud, 1920, p. 30).

O segundo postulado principal, o “neurônio” é definido como a unidade material do sistema nervoso. Os neurônios seriam estruturalmente idênticos, anatomicamente independentes uns dos outros e entrariam em contato entre si por mediação de tecido não-neuronal. Eles receberiam quantidade através dos prolongamentos celulares e a emitiriam através dos cilindros do eixo (axônios); portanto, sua estrutura estaria de acordo com a tendência principal do aparelho, pois favoreceria a descarga da quantidade. A teoria neuronal havia sido formulada em 1891 por W. Waldeyer e provavelmente é a esta descoberta a que Freud se refere, quando afirma que seu objetivo é “combinar com esta teoria de Q’n o conhecimento sobre os neurônios, tal como é fornecido pela histologia recente” (Freud, 1895/1950, p. 2).

Com a hipótese do neurônio, Freud pode especificar as características da área cortical homogênea exclusivamente associativa que, como ele havia proposto em *Sobre a concepção das afasias*, constituiria a área da linguagem. Esta seria composta por neurônios estruturalmente idênticos e, portanto, entre tais neurônios é que ocorreriam as associações que estabeleceriam diferenciações funcionais nessa área. No “Projeto”, no entanto, essa hipótese da homogeneidade estrutural cortical é modificada e expandida, pois passa a referir-se à totalidade do sistema nervoso. Uma parte de um dos sistemas do aparelho neuronal – o sistema de memória, ψ – seria constituída pelas associações lingüísticas, cujas funções serão abordadas adiante. Dessa forma, a área da linguagem, mencionada por Freud em sua monografia sobre as afasias, corresponderia a uma parte de um dos sistemas que integram o aparelho neuronal, tal como essa noção é formulada no “Projeto”.

O estabelecimento do “princípio de inércia” como princípio regulador fundamental do aparelho resultou da extensão aos fenômenos psíquicos normais de uma concepção sugerida pelos fenômenos patológicos. Freud afirma que os mecanismos neuróticos, em que o caráter quantitativo sobressai de forma mais visível, sugeriram a concepção da excitação nervosa como uma “quantidade em luxo” e

que, a partir da generalização dessa concepção, pôde-se estabelecer o princípio de inércia como o princípio fundamental da atividade nervosa. Considerando que a excitação nervosa é concebida como uma quantidade em luxo e que o aparelho neuronal seria composto por quantidades e neurônios, então se conclui que o neurônio deva trabalhar sempre no sentido de descarregar a quantidade recebida, e, conseqüentemente, a tendência fundamental do aparelho seria anular todo o aumento quantitativo. Isso pode ser entendido como uma tendência a evitar o desprazer, pois Freud identifica o aumento da excitação com o desprazer e a sua diminuição, com o prazer.

O surgimento das quantidades endógenas – aquelas decorrentes das necessidades vitais – imporia, contudo, uma modificação importante a essa tendência primária à inércia. Se o sistema nervoso recebesse apenas quantidade de origem externa, seria possível, em princípio, por meio de movimentos relexos, descarregá-la totalmente e, assim, mantê-lo livre de todo aumento quantitativo. Mas esse sistema, além de quantidade exógena, receberia também quantidade endógena, e esta não poderia ser suprimida unicamente por meio do mecanismo relexo. Embora os movimentos relexos funcionem como um meio de descarga para a quantidade endógena, não são capazes de anular a fonte de estimulação, como o fazem em relação à quantidade exógena, ou seja, eles não permitem, nesse caso, *a fuga de estímulo*. A anulação de uma fonte interna de estimulação dependeria de uma atuação mais complexa sobre o mundo, como, por exemplo, a obtenção de alimento, no caso da fome. Seria necessário, então, o que Freud chama de uma “ação específica” para que a estimulação endógena pudesse cessar. Em razão da complexidade por ela requerida, a execução da ação específica teria como condição um acúmulo de quantidade no aparelho.

No caso de uma ocupação do aparelho por quantidade exógena, não seria necessário, em princípio, utilizar para sua eliminação mais quantidade que a atualmente acrescentada pelo estímulo recebido; em outras palavras, o montante de quantidade de ocupação

equivaleria àquele necessário para a resposta relexa que pudesse dar fim à estimulação. Já no caso da quantidade endógena, a resposta requerida exigiria mais do que a ocupação atual. Por isso, a tendência fundamental do aparelho teria de ser modificada: em vez de manter o nível de quantidade igual a zero, a tendência dominante passaria a ser mantê-lo constante no nível mínimo necessário. Assim, o princípio de inércia daria lugar a uma “tendência à constância”.

No “Projeto”, Freud ainda não se refere explicitamente a essa tendência do aparelho para manter seu nível de quantidade o mais baixo possível como sendo um princípio independente. Garcia Roza (1991) comenta que essa lei da constância aparece no “Projeto” como uma lei secundária. Só em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920), Freud a enunciaria como um *princípio de constância*. Mas, apesar disto, desde a *Comunicação preliminar*, o princípio de constância teria estado presente em seus escritos, mesmo que de forma não totalmente explícita. Essa tendência à constância não se oporia ao princípio de inércia; ao contrário, atuaria em seu favor permitindo que a quantidade endógena fosse eficientemente descarregada. A manutenção de uma reserva de quantidade permitiria que a fonte de estimulação interna fosse, de fato, cancelada; portanto, apesar dessa modificação, o princípio de inércia continuaria exprimindo a tendência mais fundamental do sistema nervoso.

Além de uma reserva de quantidade, também seria necessário haver, para que as necessidades vitais fossem satisfeitas, alguma espécie de aprendizagem, e esta última exige que as experiências anteriores sejam, de alguma maneira, registradas mediante a constituição de traços permanentes no aparelho, ou seja, tem a memória como condição. A possibilidade da memória é justificada por Freud por meio das noções de “barreira de contato” e de “facilitação”. A hipótese das barreiras de contato permite explicar as duas exigências impostas pela necessidade de lidar com a quantidade endógena: a constituição de traços permanentes e a possibilidade de retenção de um certo nível de quantidade. Para

haver qualquer acúmulo de quantidade, é preciso que algo ofereça resistência à sua passagem. Uma vez que a arquitetura dos neurônios foi descrita como favorecendo o escoamento da excitação, essa resistência deve situar-se em outro lugar, a saber, nos pontos de contato entre os neurônios, como sugere Freud. Esses contatos funcionariam como barreiras para a passagem da corrente de excitação nervosa, e, para que essas barreiras fossem superadas, seria necessário que a corrente adquirisse uma intensidade superior à da sua capacidade de resistência. Quando esta fosse superada, seria formada ali uma “facilitação”, isto é, a resistência da barreira de contato ultrapassada seria diminuída e, numa próxima ocasião em que os mesmos neurônios fossem ocupados, a quantidade encontraria uma resistência menor e o mesmo caminho anterior tenderia a ser percorrido. Dessa forma, as facilitações constituiriam traços permanentes no aparelho, que tornariam a memória possível. Contudo, a resistência das barreiras de contato só poderia ser diminuída até certo nível, e essa resistência mínima que permanecesse asseguraria a impermeabilidade parcial de uma parte dos neurônios.

Com esses conceitos de neurônio, barreira de contato e facilitação, Freud tem condições de esclarecer em que consistiriam as modificações permanentes que resultam dos processos associativos na área da linguagem, que ele havia mencionado em *Sobre a concepção das afasias*, assim como tornar mais preciso em que consiste o processo de associação. As modificações permanentes seriam as facilitações e, com a formação destas últimas, ocorreria a associação entre os neurônios, ou seja, quando uma barreira de contato entre dois neurônios fosse facilitada, esses neurônios estariam, desde então, associados.

Portanto, tendo em vista o texto de Freud sobre as afasias, se for considerado que a associação é o processo constituinte dos correlatos da representação e que, no “Projeto”, Freud está identificando os processos neuronais com o psíquico inconsciente, uma representação consistiria num grupo de neurônios cujas barreiras de contato estivessem facilitadas. A circulação da

quantidade seria um processo constituinte da representação e, por isso, esta última seria indissociável de um componente energético. A idéia de que a representação só surge com a associação concorda com a hipótese de que as modificações permanentes decorrentes da passagem da quantidade ocorrem nos contatos entre os neurônios e não nos próprios neurônios e, assim, a constituição de traços permanentes no aparelho sempre implicaria a associação entre pelo menos dois neurônios. A representação surgiria quando o caminho facilitado estivesse ocupado e, na ausência de ocupação, ela continuaria existindo enquanto possibilidade, visto que as facilitações permaneceriam.

Se, por um lado, seria necessário que o aparelho fosse constantemente modificado para que se constituíssem traços permanentes e ele pudesse funcionar como um sistema de memória, por outro, seria preciso também haver uma permeabilidade completa, para que toda a excitação que incidisse sobre ele encontrasse as mesmas condições de recepção e ele pudesse funcionar eficientemente como um sistema de percepção. Em outras palavras, enquanto a memória requereria uma impermeabilidade parcial dos neurônios, a percepção requereria uma permeabilidade total.

Uma vez que essas duas características opostas não podem ser atribuídas a um mesmo conjunto de neurônios, Freud é levado a diferenciar entre dois sistemas neuronais: o sistema ϕ , que seria responsável pela recepção de estímulos externos, e o sistema ψ , que seria responsável pela memória e pelos processos psíquicos em geral. A diferença entre os dois sistemas seria decorrente do modo de ação da quantidade em cada um deles, e não de fatores constitucionais. Os neurônios ϕ , por estarem diretamente ligados aos órgãos sensoriais, receberiam os estímulos externos, que, segundo Freud, possuiriam uma intensidade superior à da resistência das barreiras de contato e, portanto, facilitariam totalmente essas barreiras em ϕ .

Por isso, embora os neurônios sejam, por hipótese, estruturalmente idênticos nos dois sistemas, em ϕ as barreiras de contato não exerceriam função alguma e, assim, ficaria assegurada a permeabilidade que permite a recepção dos novos estímulos. Os estímulos que chegassem a ϕ seriam parcialmente descarregados pela via motora e parcialmente transmitidos ao sistema vizinho ψ . Neste último, as barreiras de contato atuariam como um obstáculo à passagem da quantidade, pois esta possuiria uma intensidade inferior à da resistência dessas barreiras. Assim, para haver facilitação em ψ , seria necessário que dois neurônios fossem ocupados simultaneamente, ou seja, que uma mesma barreira de contato fosse afetada a partir de dois neurônios ao mesmo tempo e, dessa forma, a quantidade adquirisse uma intensidade capaz de superar a resistência da barreira. Portanto, o que determinaria a constituição de caminhos diferenciados no sistema ψ seria a simultaneidade da ocupação dos neurônios. A simultaneidade seria, então, o princípio associativo mais fundamental que regeria a constituição das representações.

Freud afirma que a ocupação de ψ a partir de ϕ possui sempre a mesma intensidade, porque a arquitetura ramificada dos neurônios ϕ faria com que uma quantidade mais intensa nesse primeiro sistema ocupasse ψ em mais pontos, ou seja, ocupasse mais neurônios em ψ (e não o mesmo número de neurônios mais intensamente). Então, quanto maior a intensidade em ϕ , mais caminhos seriam percorridos em ψ , isto é, a intensidade da ocupação no último sistema não variaria proporcionalmente à intensidade de ocupação do primeiro. Isto leva Freud a dizer que “a quantidade em ϕ expressa-se em ψ por complicação” (Freud, 1895/1950, p. 29).

Como o aparelho neuronal seria ocupado não só a partir do exterior, mas também a partir do interior do próprio organismo, Freud divide o sistema ψ em “ ψ do manto” e “ ψ do núcleo”. O primeiro receberia, através de ϕ , a quantidade exógena, e o segundo, que estaria diretamente ligado ao interior do corpo, receberia a quantidade endógena. Esta última possuiria intensidade inferior à da resistência

mínima das barreiras de contato que separariam ψ do núcleo do interior do corpo, e, por isso, essas quantidades teriam sempre de se somar para adquirir uma intensidade capaz de facilitar essas barreiras. Por isso, Freud afirma que a ocupação do núcleo de ψ ocorreria por um processo de “somação”: embora fossem geradas continuamente, só periodicamente, após atingirem uma certa intensidade, as quantidades endógenas ocupariam ψ do núcleo e, assim, adquiririam expressão psíquica. Uma vez superada a resistência das barreiras que separam ψ do núcleo do interior do organismo, a quantidade endógena passaria a receber essa expressão psíquica, isto é, daria origem a representações nesse sistema. Assim, apesar de essas quantidades serem geradas continuamente, só periodicamente seriam convertidas em estímulos psíquicos: quando adquirissem intensidade suficiente, por meio do mecanismo de somação, para ocupar o núcleo do sistema ψ , elas seriam convertidas em estímulos psíquicos. ψ do núcleo conteria, então, representações constituídas a partir dessas fontes internas de estimulação. Vale a pena observar que essas representações possuiriam as mesmas características atribuídas ao conceito de pulsão no artigo *Pulsões e destinos das pulsões*. Freud define a pulsão aí da seguinte forma:

[...] a pulsão nos aparece como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como um representante psíquico dos estímulos que provém do interior do organismo e alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao anímico como sua consequência de sua conexão com o corporal (Freud, 1915, p. 117).

No mesmo ano, ele agrega a seguinte passagem na terceira edição dos *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*: “Por *pulsão* podemos entender nada mais que a agência representante psíquica de uma fonte de estímulos intrasomática em contínuo luir [...]” (Freud, 1915, p. 153). Tendo em vista essas definições de pulsão, pode-se considerar que o conceito de pulsão tem sua origem no “Projeto”, como apontou Geerardyn (1997), e que ψ do núcleo, sendo o pólo pulsional do aparelho, antecipa a instância “Id”

proposta na chamada “segunda tópica”, apresentada por Freud em *O ego e o id* (1923).

Retornando ao “Projeto”, o conjunto das ocupações de ψ do núcleo constituiriam o eu. Este seria o portador do armazenamento de quantidade necessário para a satisfação das necessidades vitais; essa quantidade seria utilizada por ele para direcionar os processos associativos, de modo que estes alcançassem as condições necessárias para a obtenção da satisfação e impedissem a produção do desprazer. Segundo Freud, a quantidade que ocupa o eu estaria em “estado ligado”, ou seja, na passagem da excitação de um neurônio para outro, parte dela seria retida no primeiro, de modo que esses neurônios permaneceriam permanentemente ocupados. A excitação em estado ligado, no entanto, só passaria a existir após a inibição do modo de associação primário, que se caracteriza pelo livre luxo de quantidade através dos neurônios, sem a retenção de nenhuma parcela de excitação. Essa diferenciação entre “excitação livre” e “excitação ligada” ou “tônica” já havia sido estabelecida por Breuer nos *Estudos sobre a histeria*: enquanto a segunda seria caracterizada pela retenção de uma parte da quantidade na representação, a primeira seria definida pela tendência à descarga total da excitação. Para Freud, a excitação livre é própria do modo de funcionamento dos processos primários (o que depois será descrito em termos de condensação e deslocamento), e a excitação ligada caracterizaria o processo secundário. Só após a inibição desse livre luxo da excitação passaria a estar disponível aquele montante de quantidade armazenada que seria utilizado pelo eu. Mais adiante, será tratado o problema de como essa inibição pode vir a ocorrer.

O eu atuaria por meio de “ocupações laterais”, isto é, ocupando os neurônios adjacentes aos ocupados a partir de ϕ e deslocando, assim, o curso da corrente de excitação. Como já visto, a ocupação de um neurônio adjacente a um ocupado aumentaria a pressão sobre a barreira de contato entre ambos e favoreceria a facilitação, segundo o princípio de simultaneidade. O eu teria acesso a todas as facilitações de ψ do manto e, por isso, seria composto por uma parte

constante – as ocupações do núcleo de ψ – e uma parte variável – as ocupações ocasionais do manto, que teriam a finalidade de alterar o curso associativo. As representações de ψ do manto assim ocupadas permaneceriam provisoriamente em estado ligado e, nessa condição, ficariam provisoriamente incluídas no eu, constituindo a sua “parte variável”.

Freud tenta apoiar a hipótese da diferenciação entre o sistema ψ e o sistema ϕ em dados anatômicos. Argumenta que é possível correlacionar o sistema ϕ com a substância cinzenta da medula espinhal e o sistema ψ com a substância cinzenta do cérebro:

De fato, conhecemos, a partir da anatomia, um sistema de neurônios (a substância cinzenta da medula espinhal), o único em conexão com o mundo externo, e um superposto (a substância cinzenta do cérebro) que não tem relações periféricas diretas, mas é responsável pelo desenvolvimento do sistema nervoso e das funções psíquicas. O cérebro primário não se ajusta mal a nossa caracterização do sistema ψ , se nos é lícito supor que o cérebro tenha vias diretas, independentes de ϕ , para o interior do corpo (Freud, 1895/1950, p. 17).

O fato de Freud estabelecer uma correspondência anatômica para o aparelho neuronal deixa claro que os processos psíquicos que ocorrem na ausência da consciência são identificados aos processos neurológicos. Mas estes não representariam a totalidade da vida psíquica, pois esta seria parcialmente consciente e parcialmente inconsciente. A independência dos processos que ocorrem em ψ – ou seja, da memória – com relação à consciência é claramente afirmada:

Temos tratado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir deste conhecimento dado pela consciência, que existe independente de uma tal consciência [...]. Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro dos processos neuronais; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda a extensão como

inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais (Freud, 1895/1950, p. 22).

Os processos psíquicos inconscientes seriam objeto de estudo da ciência natural, pois possuiriam a mesma natureza dos demais objetos das disciplinas científicas, isto é, consistiriam em processos físicos envolvendo neurônios e quantidades. Mas, e os fenômenos conscientes? Qual a sua natureza e sua relação com o restante do psíquico e qual a forma de conhecimento adequada à sua abordagem? A seguinte afirmação de Freud sugere que a consciência possuiria uma natureza distinta do restante do psiquismo e que, por isso, ela estaria fora do campo da ciência natural:

Até agora não discutimos de nenhuma maneira que toda teoria psicológica tem ainda, *além dos desempenhos decorrentes do lado científico-naturalista*, de satisfazer uma grande exigência. Ela nos deve explicar aquilo que conhecemos da forma mais enigmática através de nossa “consciência” (Freud, 1895/1950, p. 22).

A consciência seria o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos. Ao comentar a relação de sua teoria da consciência com as demais, Freud afirma:

Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é só um aditivo aos processos fisiológico-psíquicos, cuja sua pressão não alteraria em nada no curso psíquico. De acordo com outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de toda ocorrência psíquica, portanto, inseparável do processo fisiológico anímico. Entre ambas situa-se a teoria aqui desenvolvida. Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω (Freud, 1895/1950, p. 25).

Os neurônios ω , que ainda não foram mencionados, constituiriam um terceiro sistema de neurônios, que seria responsável pela consciência. O paralelismo que, no texto sobre as afasias, definia a

relação entre o neurológico e o psíquico passa a definir, agora, a relação entre o psíquico inconsciente e o consciente. Freud amplia a sua noção de psíquico com relação ao texto sobre as afasias, atribuindo uma natureza psicológica àqueles processos neurológicos que antes eram concebidos como sendo apenas concomitantes aos fenômenos psíquicos. Esses concomitantes passariam a ser, no “Projeto”, os próprios processos psíquicos inconscientes, e os fenômenos conscientes seriam, por sua vez, concebidos como concomitantes a uma parte desses processos. De acordo com Geerardyn (1997), Freud, no “Projeto”, opõe-se à teoria de Meynert – que identificava o psíquico com a consciência e o considerava como um epifenômeno dos processos físicos cerebrais – e sustenta que a consciência seja um epifenômeno dos processos psíquicos inconscientes.

As características antes atribuídas aos processos neurológicos são agora atribuídas aos processos ψ : o que lá era considerado como constituindo os correlatos da representação é agora pensado como consistindo na própria representação, na sua condição de processo psíquico inconsciente. O conceito de representação é, com isso, desvinculado do de consciência, e a expressão “representação inconsciente” perde a significação enigmática ou contraditória que poderia antes possuir. No *Esboço de psicanálise* (Freud, 1938), Freud retoma essa idéia sobre a relação de concomitância entre o psíquico consciente e o inconsciente e afirma claramente a identidade entre o psíquico inconsciente e os processos físicos. Afirma:

[...] esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isto sugere, de maneira natural, pôr o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos,

reconhecer neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes (Freud, 1938, p. 156).

Ele acrescenta que essa posição adotada pela psicanálise, segundo a qual o psíquico legítimo ou genuíno são os processos somáticos concomitantes aos conscientes, permite tratar parte da psicologia como uma ciência natural:

Enquanto a psicologia da consciência nunca saiu daquelas séries lacunares, que evidentemente dependem de outra coisa, a concepção segundo a qual o psíquico é em si inconsciente permite configurar a psicologia como uma ciência natural entre as outras (Freud, 1938, p. 156).

Em suma, os processos psíquicos inconscientes, por serem processos físicos, podem e devem ser abordados de uma perspectiva científico-naturalista. Os processos psíquicos conscientes, por sua vez, por possuírem talvez uma natureza distinta, estariam excluídos do campo da ciência natural e deveriam ser abordados segundo uma outra perspectiva. Dessa forma, a metapsicologia teria como objeto de estudo os processos físicos que constituiriam a mente inconsciente; seria, assim, uma espécie de neuropsicologia especulativa. Com isso, Freud parece sustentar uma epistemologia pluralista para a abordagem dos fenômenos psíquicos, o que abre espaço para uma abordagem do psiquismo inconsciente nos termos da ciência natural. A consciência exigiria uma abordagem de outra ordem, que não chega, contudo, a ser especificada.

No “Projeto”, Freud procura estabelecer as condições materiais da consciência, ou seja, as características dos processos físicos concomitantes a ela, que tornariam inteligível a sua possibilidade. Um terceiro sistema de neurônios é introduzido para explicar a produção das sensações conscientes – que se diferenciariam, de início, em qualidades sensoriais e sensações de prazer e desprazer. A introdução desse novo sistema faz-se necessária, segundo Freud, porque essas sensações não poderiam se originar em ψ , uma vez que esse sistema é responsável pela rememoração, a qual ocorre

sem qualidade; elas também não poderiam se originar em ϕ , porque se sabe que a consciência está relacionada com os níveis mais elevados de funcionamento do sistema nervoso e, tampouco, poderia se originar no mundo externo, porque neste haveria apenas massas em movimento. Então, conclui Freud, deve haver um terceiro grupo de neurônios – os quais constituiriam o “sistema ω ” –, cujos estados de excitação seriam responsáveis pela consciência. Esse sistema estaria conectado apenas a ψ e, portanto, a ordem dos sistemas seria: $\phi\psi\omega$.

Uma vez que as quantidades em ψ seriam pouco intensas, de modo que apenas a ocupação simultânea de dois neurônios seria capaz de facilitar as barreiras de contato – ou seja, de modo que esse sistema permanecesse parcialmente impermeável – e uma vez que ω poderia ser ocupado apenas a partir ψ , a permeabilidade que caracteriza a consciência deveria resultar de algo diverso da intensidade da quantidade, pois esta seria ainda menos intensa do que aquela que alcança ψ e, deste modo, incapaz de facilitar completamente as barreiras de contato. Ou seja, o fato de que a consciência deve, como a percepção, apresentar sempre as mesmas capacidades receptivas, o que tem como condição a ausência de traços permanentes, levou Freud a introduzir um novo elemento na teoria:

Vejo apenas uma saída que implica rever a suposição fundamental sobre o curso de $Q'n$. Até agora o considere apenas como transferência de $Q'n$ de um neurônio para outro. Mas tem de existir ainda um caráter de natureza temporal; pois também para os outros movimentos de massa do mundo externo, a mecânica dos físicos considerou a característica temporal. Eu a chamo resumidamente o *período*. Assim, suporei que toda resistência das barreiras de contato só valeria para transferência de Q , embora o *período* do movimento neuronal propague-se sem inibição em todas as direções, semelhante a um processo de indução (Freud, 1895/1950, p. 24).

Desse modo, os neurônios ω seriam permeáveis ao período, e não à quantidade, sendo que daí proviria a permeabilidade que caracteriza a consciência. Mas apenas o surgimento das qualidades sensoriais dependeria do período; as sensações de prazer e desprazer resultariam da ocupação de ω por quantidade. Segundo Freud, prazer e desprazer seriam conseqüências, respectivamente, da diminuição e do aumento da quantidade em ω . Haveria um limiar acima do qual a ocupação de ω produziria desprazer e um limiar abaixo do qual ela produziria prazer. Entre esses dois limiares, ω permaneceria sensível ao período:

[...] os neurônios ω , no caso de uma certa ocupação [forte], revelam um ótimo para receber o *período* do movimento neuronal; que no caso de ocupação mais forte dão como resultado desprazer; no caso de mais fraca, prazer, até que a capacidade receptiva desapareça com a falta de ocupação (Freud, 1895/1950, p. 26).

O surgimento das qualidades sensoriais estaria, portanto, relacionado ao período. Essa hipótese adotada por Freud, no entanto, apresenta uma série de problemas que permanecem sem solução. Se a afecção dos neurônios pelo período consiste na base material da produção de qualidades sensoriais, por que apenas em ω estas últimas surgiriam? Se o período é uma propriedade da quantidade e se esta antes de chegar a ω deve passar necessariamente por ϕ e por ψ , por que as sensações conscientes não se originariam já quando da ocupação destes sistemas? Freud procura responder a essa questão dizendo que o período em ψ é monótono e, por isso, não haveria ali qualidades sensoriais, uma vez que estas não traduzem apenas o período, mas as diferenças no período. Mas, logo em seguida, ele parece se contradizer, afirmando que essas diferenças no período resultariam do fato de os órgãos sensoriais agirem como filtros, dando passagem apenas para estímulos com períodos específicos e que tal diferença seria transmitida dos órgãos sensoriais para ϕ , destes para ψ e daí para ω . Assim, não haveria como o período ser monótono em ψ e não sê-lo em ω , como havia sido afirmado anteriormente.

Freud diferencia a produção de qualidades sensoriais do ato da percepção consciente dessas mesmas qualidades. Para que estas fossem percebidas pelo sujeito, não bastaria a sua formação, pois, só quando o eu ocupasse os “signos de qualidade” fornecidos por ω à ψ , uma representação seria conscientemente percebida. Essa hipótese dos signos de qualidade é, contudo, uma das mais obscuras do “Projeto”; Freud a introduz para explicar como seria possível discriminar entre uma percepção e uma rememoração. Inicialmente, ele afirma que as representações constituídas em ψ a partir de ϕ despertariam signos de qualidade e que esses signos permitiriam a diferenciação entre uma representação ocupada por quantidade de origem endógena – uma rememoração – e uma representação ocupada por quantidade exógena – uma percepção. Mas, logo após introduzir esta hipótese, conclui que os signos de qualidade, em vez de explicarem essa discriminação, explicam, na verdade, a confusão entre essas duas coisas: a confusão entre percepção e rememoração – em outras palavras, a alucinação – resultaria do fato de que, não só no caso de ocupações oriundas de ϕ , mas também no de ocupações muito intensas oriundas de ψ , ω forneceria signos de qualidade. Freud, então, reconhece que é necessário atribuir à distinção anterior um outro fator. Esta questão terá de ser retomada adiante.

Mas, o que seriam, afinal, os signos de qualidade? Segundo Freud, seriam notícias de eliminação da excitação de ω :

[...] uma percepção, segundo meus pressupostos, sempre excita ω , portanto dá signos de qualidade. Dito de forma mais precisa, ela excita em ω consciência (consciência de uma qualidade), e a eliminação da excitação ω , [como] toda eliminação, fornecerá uma notícia para ψ que é justamente o signo de qualidade (Freud, 1895/1950, p. 75).

Em que consistiria essa eliminação de ω ? Tratar-se-ia da descarga de quantidades por meio de movimentos:

Se a consciência for apresentada por neurônios ω , têm-se várias ilações. Estes neurônios têm de ter uma eliminação, tão

pequena quanto possa ser, e tem de existir um caminho para preencher os neurônios ω com $Q'n$ no montante mínimo indispensável. A eliminação vai, como toda outra, para o lado da motilidade, e aqui cabe observar que através da circulação motora evidentemente se perde todo o caráter qualitativo, toda a especificidade do período (Freud, 1895/1950, p. 25).

Mas, se os signos de qualidade são notícias de eliminação da excitação ω em ψ , eles só poderiam ser representações de movimento e essas representações não se diferenciariam em nada das demais representações de movimento que se constituem em ψ , pois, como Freud mesmo afirma, na via motora a qualidade se desvanece. Dessa forma, se a consciência de uma representação perceptiva dependesse da ocupação pelo eu dos signos de qualidade a ela correspondentes e se tais signos fossem representações de movimento, qual seria, propriamente, a função do sistema ω ?

Freud reconhece quão problemáticas são essas idéias formuladas para explicar a base material da consciência, porém argumenta que isso não representa um impedimento para levar adiante a formulação da teoria:

Apenas através dessas suposições complicadas e pouco intuitivas foi-me possível, até agora, incluir os fenômenos da consciência na arquitetura da psicologia quantitativa. Não se pode evidentemente tentar dar uma explicação sobre como processos excitatórios nos neurônios ω trazem consigo consciência. Trata-se só de fazer corresponder propriedades conhecidas por nós a respeito da consciência com processos de alteração paralela nos neurônios ω . Por outro lado, isto, no pormenor, não está mal (Freud, 1895/1950, p. 25).

A atividade consciente, embora restrita em relação à amplitude total do psiquismo, exerceria um papel essencial na vida psíquica: “[...] sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω ” (Freud, 1895/1950, p. 190). Os “sinais de qualidade” fornecidos pelo sistema ω é que

tornariam possível tanto o acesso aos objetos necessários para a satisfação das necessidades vitais como a fuga dos objetos que gerassem desprazer, de modo que esses sinais seriam indispensáveis para a sobrevivência do indivíduo.

Agora, uma vez explicitadas as características gerais – estruturais e funcionais – atribuídas ao aparelho neuronal, é possível partir para a consideração dos processos que se supõem ocorrerem nesse aparelho.

Capítulo 7 - O “Projeto de uma psicologia”: os processos psíquicos

Duas grandes classes de processos são supostas como ocorrendo no aparelho: os “processos primários”, que seriam governados pelo princípio de inércia, e os “processos secundários”, que seriam governados pela tendência à constância. Inicialmente, qualquer ocupação do aparelho seguiria unicamente o caminho mais bem facilitado, uma vez que a tendência operante seria a de descarregar totalmente a quantidade recebida; assim, o processo primário se caracterizaria pelo livre luxo da quantidade através dos neurônios. Esse modo de operar, contudo, não seria adequado para lidar com as quantidades endógenas; por isso, com a aparição destas últimas, os processos associativos passariam a ser inibidos, e essa inibição do curso associativo primário caracterizaria o processo secundário. Como visto, a ação das necessidades vitais, que resultam na ocupação do aparelho por quantidades endógenas, é que tornaria necessária essa substituição do princípio de inércia pela tendência à constância, e, por isso, os processos secundários proviriam de uma exigência imposta pelas próprias necessidades do organismo. Dessa forma, todos os processos psíquicos mais complexos serviriam, em última instância, às necessidades vitais, sobretudo à satisfação da fome. A satisfação da fome é considerada a experiência que estrutura a atividade psíquica normal no “Projeto”, pois, na época em que este foi redigido, a sexualidade ainda era para Freud algo que se originava apenas na puberdade.² Os problemas levantados pela renúncia à teoria da sedução – cuja fundamentação metapsicológica é um dos objetivos de Freud na segunda parte do “Projeto” – é que irão levá-lo a rever mais tarde essa concepção tradicional da sexualidade.

Nesse contexto, na primeira vez que ψ do núcleo fosse ocupado, tal ocupação provocaria respostas relexas, como o grito, o choro e a agitação motora, as quais consistem na única forma de eliminação

da quantidade que o recém-nascido possui. Esse tipo de reação, embora não fosse capaz de eliminar o desprazer, uma vez que a fonte interna de estimulação não seria cancelada, passaria a funcionar como um meio de comunicação entre a criança e o adulto, pois levaria este último a atentar para o estado de carência do bebê. Quando o adulto executasse a ação específica – por exemplo, quando a mãe oferecesse o seio à criança – esta poderia, por meio de ações relexas, realizar os movimentos necessários para a alimentação e, assim, a recepção dos estímulos internos cairia abaixo do nível de resistência das barreiras de contato, de modo que a ocupação de ψ do núcleo e o desprazer dela resultante cessariam. Essa experiência é chamada por Freud de “vivência de satisfação”. Como consequência dessa vivência, ocorreriam três coisas em ψ . Em primeiro lugar, o desprazer decorrente da ocupação de ψ do núcleo cessaria; em segundo lugar, seria constituída uma representação do objeto externo, cuja percepção fora simultânea à experiência de satisfação; e, em terceiro, seria formada uma representação do movimento relexo executado. Todos os movimentos originariam excitações sensoriais que constituiriam imagens de movimento em ψ . Afirma Freud: “As notícias de eliminação relexa realizam-se porque todo movimento, através de suas consequências colaterais, dá lugar a novas excitações sensoriais (da pele e dos músculos) que em ψ resultam em uma ‘imagem de movimento’” (Freud, 1895/1950, p. 32).

Entre essas duas representações de ψ do manto – a de movimento e a de objeto – e os neurônios nucleares ficaria estabelecida uma facilitação, em razão do fato de que as primeiras se teriam constituído simultaneamente à ocupação de ψ do núcleo. Uma vez estabelecidas essas facilitações, sempre que o estado de excitação no núcleo se repetisse, o processo excitatório seguiria o caminho por elas estabelecido e ocuparia as representações em ψ do manto. Essa tendência para investir as representações de objeto em ψ do manto é o que Freud chama de “desejo”. O desejo seria uma tendência para investir a representação de um objeto, e a ocupação dessa representação consistiria em uma “realização de desejo”. Na segunda ocorrência do processo, não haveria apenas uma

necessidade, mas já haveria um desejo, uma vez que o estado de carência já se teria associado à representação de um objeto e, então, visaria especificamente sua ocupação. No início, não havendo nenhuma inibição, a ocupação da representação de objeto decorrente da animação de desejo seria muito intensa, de modo que ω forneceria signos de qualidade, o que daria origem a uma alucinação. Em consequência dessa alucinação, a ação relexa – no caso, a sucção – seria executada e, nessas condições, provocaria uma frustração. O bebê, como explicita Freud, ficaria num estado de “desamparo”. Dessa forma, para a sobrevivência do indivíduo, seria necessário haver uma alteração nessa tendência primária do processo associativo, de modo que a representação de desejo não fosse mais tão intensamente ocupada, dando condições para que o eu diferenciasse entre uma rememoração e uma percepção e, com isso, evitasse o investimento das representações de movimento na ausência do objeto desejado na realidade. Em suma, para a sobrevivência do sujeito seria necessário substituir o processo primário pelo secundário.

Freud explica a inibição do processo primário recorrendo ao que ele chama de “primeira regra biológica”, a *defesa primária*, que consistiria numa tendência inata a não ocupar as representações que geram desprazer. O desprazer decorrente da ocupação de certas representações condicionaria o eu a não mais ocupá-las. Haveria ainda uma segunda regra, a da “atenção”, que também seria condicionada pelo desprazer. Essas explicações biológicas, segundo Freud, representariam um novo fundamento explicativo que não seria, no entanto, incompatível com os princípios mecânicos. Diz ele:

Com a expressão “instruído biologicamente” introduzimos um novo fundamento explicativo que deve ter validade independentemente, ainda que não exclua uma redução a princípios mecânicos (momentos quantitativos), mas os exija (Freud, 1895/1950, p. 36).

Como, no ressurgimento da fome após a vivência primária de satisfação, a ocupação muito intensa da representação desejada e das imagens motoras a ela associadas provocaria uma intensificação do desprazer, a tendência do aparelho a não ocupar representações que conduzissem a esse resultado – a defesa primária – faria com que o eu, primeiro, não ocupasse mais as representações de movimento constituídas na vivência de satisfação e, depois, faria com que ele não mais ocupasse a representação de desejo tão intensamente. Assim, os sinais de qualidade não seriam mais fornecidos na ausência do objeto na realidade e, então, quando surgissem, poderiam atuar como um sinal de que o objeto desejado está de fato presente e de que os movimentos necessários para a obtenção da satisfação podem ser executados; com isso o desamparo, seria superado. Desse modo, o condicionamento do eu pela primeira regra biológica conduziria à inibição do processo primário:

O eu consiste originariamente em neurônios nucleares que, através de condução, recebem a Q'n endógena e a descarregam pelo caminho da alteração interna. A vivência de satisfação arranhou para este núcleo uma associação com uma percepção (a imagem de desejo) e uma notícia de movimento (da parte relexa da ação específica). No estado de repetição do apetite, no *estado de expectativa*, realiza-se a educação e desenvolvimento deste eu inicial. Ele aprende inicialmente que não tem o direito de ocupar as imagens de movimento, de modo que se efetue a descarga enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção. Depois ele aprende que não tem o direito de ocupar a representação de desejo acima de uma certa medida, porque, caso contrário, iludir-se-ia alucinatoriamente [...]. Assim, é claro, as barreiras que impedem o eu de ocupar a imagem desiderativa e a imagem de movimento acima de uma certa medida são o fundamento de uma acumulação de Q'n no eu [...] (Freud, 1895/1950, p. 84).

Portanto, o condicionamento do eu pela primeira regra biológica levaria à passagem do processo primário para o secundário, a qual

coincidiria com a substituição da tendência à inércia pela tendência à constância. Essa inibição faria com que um certo montante de quantidade fosse retido no núcleo – em outras palavras, a excitação “livre” seria, assim, “ligada” –, ficando assegurada a manutenção da reserva necessária para que o eu pudesse influenciar os processos associativos, de modo a evitar novas produções de desprazer.

A vivência de satisfação e suas repetições ensinariam também ao eu que é necessário permanecer atento aos signos de qualidade e, assim, surgiria a “atenção psíquica”, que seria a segunda regra biológica que dirigiria os processos associativos. Nas repetições do estado de desejo – mesmo que a ocupação de ψ do manto fosse inibida –, se o sujeito não permanecesse atento aos signos de qualidade, o desprazer não cessaria, pois o objeto desejado não seria encontrado. Assim, o eu seria condicionado a permanecer atento a esses signos. Estes permaneceriam ocupados pelo eu e, quando fossem ocupados também a partir de ω – isto é, quando fossem “sobre-ocupados” –, as facilitações existentes entre eles e as ocupações perceptivas – as ocupações de ψ do manto oriundas de ϕ – conduziriam a ocupação para as últimas:

[...] é um resultado da experiência biológica que a atenção está voltada continuamente para os signos de qualidade. Portanto estes se efetuam sobre neurônios ocupados previamente e com quantidade suficientemente grande. As notícias de qualidade, assim reforçadas, reforçam através de sua facilitação as ocupações perceptivas, e o eu aprende a fazer com que suas ocupações de atenção sigam o decurso deste movimento de associação até P (Freud, 1895/1950, p. 77).

Por que a atenção não se dirige diretamente para a percepção, em vez de se dirigir para os signos de qualidade? Freud justifica a ocupação prévia dos signos de qualidade argumentando que o campo dos sinais de descarga de ω é menor, pois abrange menos neurônios do que na percepção e que, por isso, o eu pouparia muito gasto mantendo os signos de qualidade ocupados e não as ocupações perceptivas.

Dessa forma, para que os estímulos externos fossem percebidos, seria necessário não apenas que tais estímulos alcançassem ψ e despertassem signos de qualidade, mas que as representações por eles constituídas fossem também ocupadas pelo eu. Por isso, Freud afirma que:

[...] a ocupação perceptiva é na primeira vez uma ocupação pouco intensa, com Q pequena; na segunda vez por ocupação prévia de ψ , ela é quantitativamente maior. Ora, o juízo sobre as propriedades quantitativas dos objetos não é alterado em princípio pela atenção. Conseqüentemente, a quantidade externa dos objetos não pode expressar-se em ψ por quantidade psíquica (Freud, 1895/1950, p. 77).

Essa explicação sobre o mecanismo da atenção contribui muito para o esclarecimento da relação entre a memória e a consciência: das representações que se formam em ψ , apenas aquelas cujos signos de qualidade fossem focalizados pela atenção se tornariam conscientes. Portanto, a consciência tem que ser posterior à memória, pressupondo a constituição da representação e o despertar dos signos de qualidade, de modo que seu campo seria mais restrito em relação àquele da representação.

Com a inibição do processo primário, ocorreria um acúmulo de quantidade no eu que lhe permitiria direcionar, daí em diante, os demais processos associativos. A partir de então, a ocupação dos neurônios de ψ do núcleo levaria apenas a uma ocupação pouco intensa da representação de desejo, de forma que esta última seria rememorada, mas não alucinada. Por meio de uma comparação entre essa representação e as representações provenientes da percepção – processo ao qual Freud denomina “juízo” –, o eu passaria a discriminar, nos complexos perceptivos, uma parte que coincidissem com a representação de desejo e uma que não coincidissem e, a partir da ocupação da parte discordante do complexo, tentaria encontrar um caminho que levasse à representação de desejo, ou seja, que levasse à coincidência total entre o complexo perceptivo e a representação do objeto desejado,

criando assim condições que possibilitassem a satisfação. Nos casos em que o complexo perceptivo não coincidissem em nada com o desejado, o eu seguiria as facilitações da representação perceptiva e tentaria, a partir daí, encontrar uma representação a ela associada que coincidissem ao menos parcialmente com a desejada. Isso seria alcançado a partir da ocupação das vias associadas à representação perceptiva. Esses processos que transcorreriam entre o surgimento do desejo e sua satisfação constituiriam o “pensamento” para Freud. O pensamento estaria sempre, em última instância, a serviço da realização de desejo, assim como todos os processos psíquicos derivados da vivência de satisfação, tanto os primários quanto os secundários. Originariamente, o pensamento teria como meta o reencontro da identidade entre a representação mnêmica correspondente ao objeto de desejo e a percepção atual; posteriormente, ele se tornaria relativamente independente dessa meta imediata e passaria a visar apenas o reconhecimento dos objetos. Essa forma secundária de pensamento seria formada a partir da primária e, embora deixasse de seguir exclusivamente a meta da realização direta do desejo, continuaria contribuindo para esta, pois permitiria o reconhecimento dos objetos e de suas relações com o objeto desejado, o que facilitaria a busca deste último.

Este caminho percorrido pelo pensamento consistiria, inicialmente, na reanimação da imagem de movimento de uma ação pertencente ao lado acidental da ação específica; desse modo, a reocupação das imagens de movimento constituiria o pensamento em seu momento mais originário. Nesse momento, portanto, pensamento e ação não seriam essencialmente diferentes:

[...] se o neurônio a coincidir, mas for percebido o neurônio c no lugar do neurônio b, o trabalho do eu segue as ligações desse neurônio c e faz surgir, por meio da corrente de Q'n ao longo dessas ligações, novas ocupações até encontrar acesso para o neurônio faltante b. Em geral, resulta em uma imagem de movimento, que se intercala entre neurônio c e neurônio b, e com a reanimação desta imagem, por um movimento

efetivamente realizado, é produzida a percepção do neurônio b e, com isso, a identidade procurada. Por exemplo, seja a imagem recordativa desejada a imagem do busto materno e seu mamilo em visão completa, e a primeira percepção uma visão lateral deste objeto sem o mamilo. Na recordação da criança encontra-se uma experiência ocorrida por acaso na amamentação, onde um determinado movimento de cabeça transformou a imagem completa em lateral. A imagem lateral vista conduz agora a um movimento de cabeça que – uma tentativa mostra –, tem de ser executado ao contrário, e chega-se à percepção da visão completa (Freud, 1895/1950, p. 42).

Posteriormente, o pensamento passaria a ser executado com quantidades menores e, a partir desse momento, poderia ser diferenciado da ação pela intensidade do processo – Freud afirma que o representar e o mover são apenas quantitativamente distintos. Contudo, não é explicado como, a partir de certo momento, é possível pensar sem se mover, mas é possível inferir que o que possibilitaria essa distinção é a constituição das associações lingüísticas, pois elas permitiriam a rememoração das percepções, ou seja, permitiriam que as ações fossem rememoradas sem terem que ser necessariamente executadas. Mas em que consistiriam essas associações lingüísticas?

De acordo com o que Freud havia proposto em *Sobre a concepção das afasias*, as associações lingüísticas constituiriam a representação de palavra. Ele retoma esse conceito na terceira parte do “Projeto”, para explicar como as ocupações variáveis do eu que constituiriam o pensamento podem se tornar conscientes. De acordo com a teoria aí apresentada, a representação de palavra começaria a se formar no momento que antecede a vivência de satisfação. Nas primeiras vezes em que o recém-nascido sentisse fome – ou seja, nas primeiras vezes em que os estímulos endógenos conseguissem superar a resistência das barreiras de contato que separam ψ do núcleo do interior do organismo –, o aumento da excitação no núcleo, como visto, conduziria a descargas relexas. Entre essas eliminações relexas de quantidade

estaria o grito, que, inicialmente, consistiria apenas numa forma de descarga, mas que adquiriria a função secundária de “comunicação”, a partir do momento em que passasse a funcionar como um chamado ou como um meio para o indivíduo necessitado comunicar seu estado a outra pessoa:

A inervação lingüística é originariamente uma via de eliminação que age como um tipo de válvula para ψ , a fim de regular as oscilações de $Q'n$, um fragmento da via para *alteração interna*, que apresenta a única eliminação enquanto a *ação específica* não for encontrada. Essa via ganha uma função secundária, na medida em que chama a atenção do indivíduo prestativo (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de apetite e necessitado da criança, e serve a partir daí à *compreensão*, estando, portanto, incluída na ação específica (Freud, 1895/1950, p. 80).

Por isso, o grito assinalaria o ponto de origem da linguagem, ou seja, a partir dele seriam originadas as primeiras imagens acústicas e cinestésicas que viriam a constituir a representação de palavra. A constituição das associações lingüísticas, além de dotar a criança de um instrumento para a comunicação de seu estado, possibilitaria a rememoração, isto é, possibilitaria que as representações ocupadas pelo eu no pensamento despertassem signos de qualidade e, assim, se tornassem conscientes. Como isso ocorreria? Segundo Freud, uma vez que a consciência dependeria de signos de qualidade e que estes consistiriam em notícias de movimento, para que uma representação ocupada pelo eu se tornasse consciente, seria necessário obter, a partir de sua ocupação, uma inervação motora:

[...] signos de qualidade normalmente vêm apenas de P; portanto, se trata de obter, a partir do curso $Q'n$, uma p[ercepção]. Se estivesse ligado ao curso de $Q'n$ uma eliminação (junto com a circulação), esta forneceria, como todo movimento, uma notícia de movimento (Freud, 1895/1950, p. 79).

Um dos componentes da representação de palavra – a imagem cinestésica – é que forneceria esse elemento. Quando a ocupação da representação de objeto seguisse para a imagem acústica da representação de palavra e, daí, para a imagem cinestésica, um signo de qualidade seria fornecido, e, então, os processos que ocorressem em ψ como resultado da ação do eu poderiam tornar-se conscientes, surgindo, dessa forma, a possibilidade de rememoração:

[...] se as imagens de recordação forem tais que uma corrente possa ir de uma delas para as imagens acústicas e para as imagens motoras da palavra, a ocupação das imagens de recordação é acompanhada de notícias de eliminação, os signos de qualidade, com isso, são também signo de cons[ciência] da re[cordação] (Freud, 1895/1950, p. 79).

Portanto, enquanto houvesse apenas representações de objeto em ψ , os processos que aí ocorressem seriam inconscientes – com exceção dos que consistissem em eliminações motoras ou em alucinação; em todos os casos, a consciência aí seria *imediate*, ou seja, decorreria única e diretamente das propriedades das percepções. Com a linguagem, surgiria uma segunda forma de consciência, uma consciência *mediate*, isto é, intermediada pelos signos lingüísticos. Sendo assim, antes da constituição das associações lingüísticas, só seria possível haver pensamento consciente se este consistisse em uma ação; até esse momento, portanto, o pensamento consciente não se diferenciaria do agir; apenas com a constituição da representação de palavra não seria mais necessário agir para pensar, a ação poderia ser representada e surgiria, com isso, a capacidade de raciocínio. A partir de então, o pensamento poderia ocorrer também na ausência de uma necessidade real a atual. Pode-se dizer que as imagens cinestésicas da palavra passam a substituir a ação e que, portanto, a linguagem é que permitiria que o pensamento se diferenciasse desta última.

Assim, a partir do momento em que surgisse o mecanismo da atenção e o eu passasse a julgar os complexos perceptivos – ou seja, a partir do momento em que o eu tentasse identificá-los com as representações já conhecidas – as representações de palavras iriam sendo constituídas, uma vez que os sons fazem parte dos complexos perceptivos. Por causa da tendência à imitação presente no juízo,³ o sujeito tentaria encontrar imagens cinestésicas que levassem à produção de imagens acústicas semelhantes às provenientes dos sons pronunciados por outros:

Ora, não é preciso muito para inventar-se a linguagem. Há outros objetos que produzem constantemente certas fônias; portanto, um som desempenha um papel em seu complexo perceptivo. Em virtude da tendência de imitação, presente no julgar, pode encontrar-se para esta imagem sonora a noção de movimento. Também essa classe de recordações pode tornar-se agora consciente. Todavia resta ainda associar sons deliberados com as percepções, então as recordações, através da atenção aos signos de descarga sonora, tornam-se conscientes como as percepções e podem ser ocupadas a partir de ψ (Freud, 1895/1950, p. 81).

Desta forma, cada vez mais representações de objeto poderiam ser assim memorizadas, até o momento em que a linguagem adquirisse a capacidade de substituir completamente a ação. Pode-se supor que, com essa tentativa, inerente ao processo do julgar, de identificar as percepções externas a representações já conhecidas – isto é, a representações que já possuem um significado, o qual seria dado pela sua associação com ψ do núcleo por meio da representação de desejo –, os objetos adquiririam significado, assim como as palavras a eles associadas. Com isso, a busca da satisfação, que seria a finalidade primeira do juízo, acabaria por conduzir ao conhecimento e à compreensão do mundo externo.

Como comentado no primeiro capítulo, o reconhecimento dos objetos, que consistiria na finalidade inicial do juízo, dependeria do rastreamento das representações perceptivas até representações

ocupadas a partir de ψ do núcleo; dito de outro modo, dependeria da associação dessas representações com ocupações provenientes do próprio corpo. Como, de acordo com o que Freud propusera no texto sobre as afasias, a representação de palavra, ao menos no caso dos substantivos, adquiriria significado a partir de sua associação com a representação de objeto, o significado dessas representações de palavra decorreria também, em última instância, das sensações corporais, mais especificamente, das sensações de prazer e desprazer.

O pensamento que teria como meta apenas a obtenção da identidade entre a percepção atual e a representação de desejo é chamado por Freud de “pensamento prático” ou “reprodutivo”. A linguagem, além de tornar tal pensamento mais eficiente – por permitir a rememoração da ação e, assim, a antecipação dos possíveis caminhos que conduzem à satisfação, de modo que fosse obtida mais rapidamente quando o desejo surgisse –, permitiria ainda que o pensamento abandonasse essa meta prática imediata e pudesse buscar apenas o reconhecimento dos objetos. Esta última forma de pensamento é chamada por Freud de “pensamento teórico” ou “recongnitivo”. No pensamento prático, o objetivo seria encontrar um caminho que conduzisse à representação de desejo; nele, as representações que produzissem desprazer seriam evitadas, pois não fariam parte desses caminhos.

No pensamento teórico, contudo, o reconhecimento dos objetos seria alcançado por meio da ocupação de todas as vias associadas a um objeto, inclusive as que conduzissem ao desprazer. A hipótese de Freud de que as palavras dariam acesso também às representações desprazerosas parece ter sido sugerida pela constatação clínica de que, uma vez vencida a resistência, as palavras conseguem evocar as representações traumáticas que estariam na origem das neuroses, ou seja, uma vez vencida a resistência que se opõe a isso, o vínculo entre a palavra e o objeto seria restabelecido. Esse efeito da linguagem seria possível porque ela permitiria que as representações de palavra fossem ocupadas *no lugar* das representações de objeto hostis, de modo que essas

representações pudessem ser evocadas sem que o desprazer fosse desencadeado em toda a sua intensidade. Portanto, a linguagem tornaria possível um pensamento imparcial, uma forma mais elevada de pensamento. Freud afirma que: “O pensar com ocupações dos signos de realidade do pensar ou signos lingüísticos é, portanto, a forma mais elevada, *mais se gura*, do processo de pensar cognitivo” (Freud, 1895/1950, p. 88). Para que uma tal forma de pensamento fosse possível, seria necessário que o eu ocupasse constantemente os signos de qualidade lingüísticos, pois só dessa forma o curso associativo não seria influenciado diretamente pelas representações de desejo. Caso contrário, o desejo distorceria o conhecimento real dos objetos, e permanecer atento aos signos de qualidade lingüísticos seria a única forma de evitar essa distorção. Com relação aos signos lingüísticos, no entanto, não haveria uma atenção condicionada biologicamente, porque, nesse caso, a desatenção não seria tão prejudicial ao organismo quanto a desatenção aos signos de qualidade resultantes das percepções.

Em suma, enquanto houvesse no aparelho apenas representações de objeto, os processos que ocorressem em ψ resultantes da ação do eu, que não consistissem na ocupação de imagens de movimento, seriam inconscientes. A partir do momento em que surgissem as representações de palavra, as representações ocupadas pelo eu poderiam tornar-se conscientes. Como consequência disso, o pensar se tornaria independente do agir, ou seja, surgiria a capacidade de *raciocínio*. Além disso, com a linguagem, as representações associadas ao desprazer seriam acessíveis ao pensamento, o que o faria não só independente da ação, mas também relativamente independente do desejo. Deste modo, a linguagem, para Freud, permitiria uma consciência *mediata*, que traria consigo a possibilidade de raciocínio e de conhecimento.

Em *O inconsciente*, Freud claramente retoma essas idéias do “Projeto” sobre a relação entre as representações de palavra e de objeto e a consciência:

[...] agora acreditamos saber onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas inscrições do mesmo conteúdo em diferentes lugares psíquicos, nem diferentes estados funcionais de investimento no mesmo lugar, se não que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a representação-palavra correspondente, e a inconsciente é a representação-coisa somente (Freud, 1895/1950, p. 198).

Então, como apontou John Forrester (1980/1983), embora esse vínculo entre a linguagem e a consciência desapareça dos textos freudianos durante a primeira década de 1900, ele reaparece nos artigos metapsicológicos de 1915, praticamente da mesma forma como fora formulado inicialmente. Resta agora, portanto, examinar, a partir do trabalho desenvolvido até aqui, o que é possível concluir sobre as relações entre representação e consciência no pensamento metapsicológico freudiano desenvolvido até a época do “Projeto”.

² Enquanto a “vivência de satisfação” seria o protótipo do modo de funcionamento normal do aparelho a “vivência de dor” seria o protótipo do funcionamento patológico. Como Freud trata ambas de forma independente, a vivência de dor não será discutida aqui, pois isto estaria fora do propósito deste trabalho.

³ Segundo Freud, no juízo seria buscado o reconhecimento das representações perceptivas, reconhecimento este que seria obtido por meio do rastreamento dessa representação até uma outra já conhecida. Então, no caso da percepção de movimentos, o sujeito tentaria imitá-los, o que leva Freud afirmar que, no juízo, está presente uma tendência à imitação.

Capítulo 8 - Representação e consciência no “Projeto”

Em *Sobre a concepção das afasias*, Freud havia sustentado que os processos psíquicos seriam concomitantes a uma parte dos processos que ocorrem no sistema nervoso e que esses dois tipos de processos deveriam ser tratados de maneira independente. Nessa concepção não havia lugar para o conceito de representação inconsciente, o qual, no entanto, revelou-se imprescindível para a explicação do mecanismo de produção das neuroses. De acordo com a doutrina da concomitância, que Freud emprestou a Jackson, o psíquico seria restringido ao consciente, e, portanto, falar de representações inconscientes seria um contra-senso, a não ser num sentido figurado. Talvez esse seja um dos principais motivos que levaram Freud a modificar essa concepção sobre a relação entre o psíquico e o consciente no “Projeto”. Nesse texto, a noção de psíquico é expandida e ultrapassa a de consciência, e o paralelismo – se é que se pode assim denominá-lo – passa a definir a relação entre parte dos processos psíquicos inconscientes, que seriam processos nervosos, e os processos conscientes, cuja natureza não é, contudo, especificada. Com isso, a noção de representação inconsciente pode ser incorporada à teoria. A afirmação de Freud de que a consciência estaria “além dos desempenhos científico-naturalistas”, ao contrário dos processos psíquicos inconscientes, parece sugerir a atribuição de uma natureza aos fenômenos conscientes distinta daquela atribuída aos processos psíquicos inconscientes, mas isso não chega a ser claramente afirmado.

Apesar de a consciência estar fora do domínio da ciência natural, Freud tenta caracterizar os processos físicos que seriam concomitantes a ela. Haveria um grupo independente de neurônios – o sistema ω – que seria responsável pela produção das qualidades sensoriais, as quais estariam relacionadas com as características temporais da quantidade. O sistema ω forneceria

signos de qualidade à ψ e da ocupação de tais signos pelo eu decorreria a consciência de uma representação. Essa hipótese do signo de qualidade, apesar de apresentar uma série de dificuldades, como foi comentado anteriormente, permite especificar em parte a relação entre a consciência e a representação: das representações que se constituíssem em ψ , apenas aquelas cujos signos de qualidade fossem focalizados pela atenção seriam conscientes. Dessa forma, apenas uma pequena parte das nossas representações seria passível de consciência, e a inconsciência passaria a ser o estado predominante e, em todo caso, a condição originária das representações.

Com a modificação da doutrina da concomitância e a identificação de parte dos processos psíquicos a processos nervosos, a psicologia ficaria cindida entre uma neuropsicologia, que trataria dos processos psíquicos inconscientes, e uma outra estratégia de abordagem, que deveria dar conta dos processos mentais conscientes. Assim, a separação epistemológica entre a neurologia e a psicologia, enfatizada como necessária por Freud no texto sobre as afasias, daria lugar a uma separação interna à psicologia, entre uma psicologia do inconsciente e uma psicologia da consciência. A metapsicologia deveria consistir, então, numa psicologia especulativa do inconsciente, isto é, numa neuropsicologia especulativa, nos termos especificados.

Em *Sobre a concepção das afasias*, Freud havia afirmado que os correlatos da representação consistiriam em processos associativos corticais, mas as características desses processos não haviam sido explicitadas. As noções de neurônio, barreira de contato e de facilitação introduzidas no “Projeto” destinaram-se a esclarecer em que consistiria a associação e quais elementos estariam envolvidos no processo associativo. A associação ocorreria pela circulação de quantidade entre os neurônios e dependeria da facilitação das barreiras de contato situadas entre eles. Quando uma barreira fosse facilitada, dois neurônios ficariam associados e teria início, então, o processo que levaria ao surgimento de uma representação. Esta consistiria, portanto, num grupo de neurônios ocupados, cujas

barreiras de contato estivessem facilitadas. Mas seria necessária a facilitação entre pelo menos dois neurônios para que uma representação se constituísse, ou a ocupação de um neurônio isolado poderia corresponder já a uma representação? No texto sobre as afasias, Freud afirmara que os correlatos das representações só surgiriam com a associação. Considerando que, no “Projeto”, Freud identifica a representação ao seu correlato, pode-se inferir que só com a facilitação surgiria uma representação. Em uma passagem do “Projeto” Freud deixa isto claro: “[...] é o momento de recordarmos que as ocupações de percepções não são nunca ocupações de neurônios isolados, mas sempre de complexos” (Freud, 1895/1950, p. 41). A representação, então, consistiria, como dito, em um circuito de neurônios ocupados e, na ausência de ocupação, a representação continuaria existindo como possibilidade de repetição de processos, visto que as facilitações permaneceriam e possibilitariam seu ressurgimento. Uma vez que a representação passe a ser concebida como um processo cortical, e não mais como o concomitante de um processo cortical, a distinção entre representações simples e complexas, mantida ainda no texto sobre as afasias para o nível psicológico, tende a desaparecer. Neste último texto, uma imagem acústica, por exemplo, seria uma representação mental simples, concomitante a um processo associativo cortical. No “Projeto”, essa imagem passa a ser o próprio processo associativo e, assim, não seria mais possível diferenciar taxativamente entre representações simples e complexas. A representação consistiria sempre num processo dinâmico e complexo.

Em *Sobre a concepção das afasias*, Freud havia sustentado que os estímulos periféricos seriam submetidos a vários níveis de reorganização ao longo de sua condução da medula ao córtex, onde eles dariam origem a processos associativos – sendo, portanto, mais uma vez reorganizados –, os quais seriam os correlatos das representações. Desse modo, as representações seriam construções do sistema nervoso; elas possuiriam uma relação muito indireta com os estímulos periféricos. A hipótese sustentada no “Projeto” de que os órgãos sensoriais funcionariam como filtros para

os estímulos externos, permitindo a passagem apenas de estímulos com períodos específicos, torna o acesso ao mundo externo ainda mais indireto: além do sistema nervoso dar novos arranjos aos estímulos externos, fazendo com que estes representem o mundo externo muito indiretamente, apenas parte de tais estímulos lhe seria acessível.

De acordo com a teoria exposta no “Projeto”, haveria duas formas de consciência: uma consciência *imediata*, que decorreria unicamente das propriedades da percepção, e uma consciência *mediata*, que seria intermediada pelos signos lingüísticos. Enquanto houvesse apenas representações de objeto em ψ , não seria possível a rememoração consciente de uma representação, a não ser que esta consistisse em imagens de movimento. Portanto, em princípio, todas as representações de objeto seriam inconscientes e, posteriormente, com o estabelecimento das associações da linguagem, parte delas poderia se tornar consciente. A possibilidade de rememoração da representação decorreria de sua associação com a representação de palavra. A imagem cinestésica da palavra, como toda imagem de movimento, produziria uma percepção e, portanto, despertaria signos de qualidade, tornando possível a rememoração das representações de objeto a ela associadas. Por isso, com a constituição das associações lingüísticas, surgiria um segundo tipo de consciência, intermediada pelas representações de palavra.

Haveria três tipos de representações inconscientes: aquelas associadas a representações de palavra, mas cujos signos de qualidade não fossem ocupados pelo eu ou não fossem despertados; aquelas que nunca estiveram associadas a representações de palavra; e aquelas cuja associação com a palavra estivesse impedida. No primeiro caso, embora inconscientes, as representações seriam “suscetíveis de consciência”, utilizando os termos de Breuer (Breuer & Freud, 1895). No segundo e no terceiro caso, elas seriam “insuscetíveis de consciência”. O último seria o caso das representações reprimidas responsáveis pela produção dos sintomas das neuroses. A

representação inconsciente que estaria na origem dos sintomas neuróticos seria uma representação de objeto cuja associação com a representação de palavra estivesse inviabilizada, para impedir sua rememoração e a conseqüente produção de desprazer dela resultante. Como disse Freud em *O inconsciente*: “A representação não apreendida em palavras [...] fica para trás, no interior do inconsciente, como algo reprimido” (Freud, 1915, p. 198). Dessa forma, já no “Projeto”, o inconsciente não coincide com o reprimido. As representações reprimidas, isto é, as que tivessem sua associação com a representação de palavra impedida, constituiriam apenas uma parte da totalidade das representações insuscetíveis de consciência, pois aquelas que não chegaram a ser associadas a representações de palavra também não poderiam se tornar conscientes. Haveria, assim, um grupo de representações que permaneceria insuscetível de consciência, em razão do fato de nunca ter sido associado a representações de palavra, e um outro grupo cujo acesso à palavra existiu um dia, mas que se encontra atualmente impedido.

Conclusão

A revisão crítica e a reformulação das teorias sobre a neurologia e a psicologia da linguagem empreendida por Freud na monografia *Sobre a concepção das afasias* acabaram por levar à formulação de um conceito de representação que se distanciou em diversos aspectos daquele que estava subentendido nas teorias criticadas. Em vez de uma cópia dos estímulos que chegam à periferia sensorial, a representação, para Freud, seria uma construção do sistema nervoso. Em vez de um processo de expansão topográfica, a constituição da representação consistiria num processo de sobreassociação, em que o significado das representações seria transferido das mais antigas para as mais recentes, formandose, assim, cadeias associativas de mesma significação. Em vez de ser o correlato de um engrama contido em uma célula cortical, a representação simples passa a ser concebida como o correlato de um processo associativo, e, com isso, a distinção entre representação e associação desaparece no nível neurológico. No entanto, a identificação entre o psíquico e a consciência – e, do ponto de vista freudiano, entre representação e consciência – é ainda mantida nesse texto. Freud sustenta aí que os processos psíquicos são concomitantes dependentes de certos processos nervosos e recusa, declaradamente, a possibilidade da existência de um psiquismo inconsciente. Portanto, de acordo com o que ele propõe em 1891, a expressão “representação inconsciente” não passaria de uma contradição em termos, se entendida literalmente.

As observações clínicas das diversas psicopatologias, no entanto, colocaram em questão essa identificação do psíquico ao consciente. Nos textos sobre as neuroses imediatamente posteriores à monografia de 1891, Freud afirma que há representações inconscientes envolvidas na gênese das neuroses, mas não chega a esclarecer em que consistiriam essas representações. Nos *Estudos sobre a histeria*, ele deixa claro que não tem uma hipótese claramente definida sobre a natureza dessas representações

inconscientes e aponta para a necessidade de uma releitura sobre a consciência para esclarecê-la. Essa releitura, ao que parece, é um dos desenvolvimentos esboçados no “Projeto”. Nesse trabalho, Freud recusa a identificação entre o mental e a consciência e abre espaço em sua teoria para a noção de um psiquismo inconsciente. Propõe que os fenômenos conscientes sejam paralelos a uma parte dos processos nervosos – aqueles que constituiriam o psíquico inconsciente – e, conseqüentemente, que toda representação consista num processo cortical totalmente independente a princípio da consciência. Esta última passa a ser concebida, então, como algo posterior e restrito em relação ao campo da atividade representacional. Portanto, ao atribuir uma natureza psicológica àqueles processos corticais, que no texto sobre as afasias eram considerados concomitantes aos fenômenos psíquicos, e ao deslocar o paralelismo, que antes definia a relação entre os processos nervosos e os psíquicos, para a relação entre os processos psíquicos inconscientes e os conscientes, Freud pôde incorporar a noção de uma mente inconsciente em sua teoria. Essa noção não apenas começa a ser esboçada no “Projeto”, mas se reveste aí de características que permanecem nos desenvolvimentos posteriores da teoria freudiana. Além disso, no “Projeto”, as características dos processos associativos que constituiriam as representações são especificadas por meio das noções de neurônio, quantidade, barreira de contato e facilitação, assim como os mecanismos que governariam a atividade representacional.

É possível, a partir desses textos iniciais, portanto, apreender as singularidades do conceito freudiano de representação – o qual se distancia consideravelmente daquele que predominava na psicologia e na filosofia da época – e apreender o modo como Freud desvincula os conceitos de consciência e de representação, abrindo caminho para a formulação do conceito de um inconsciente psíquico e representacional, peça-chave em todos os desenvolvimentos posteriores da teoria psicanalítica.

Bibliografia

Amacher, P. Freud's neurological education and its influence on psychoanalytic theory. **Psychological issues**, International University press, v. 4, n. 4, 1965.

Andersson, O. **Freud precursor de Freud**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

Assoun, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

Assoun, P. L. **Metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Brook, A. Neuroscience versus psychology in Freud. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 111-115, May 15 1998.

Clarke, E; Jacyna, L. S. **Nineteenth-Century Origins of Neuroscientific Concepts**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1987.

Cioffi, F. **Freud and the question of pseudoscience**. Chicago: Open Court, 1998.

Eggert, G. H. **Wernicke's works on aphasia**. Paris, New York and Haghe: Ed. Mouton, 1977.

Elling, P. **Reader in the history of aphasia**. John Benjamins Publishing Company, 1994.

Forrester, J. **A linguagem e as origens da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Freud, S. (1888) Histeria. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1891) **La afasia**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

Freud, S. (1891) **Zur Auffassung der Aphasien**: eine Kritische Studie. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.

Freud, S. (1892-1893). Un caso de curación por hipnosis. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1893) Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1894) Las neuropsicosis de defensa. v. 3, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S.; Breuer, J. (1893-1895). Estudios sobre la histeria. v. 2. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1895/1950) "Projeto de uma psicologia". In: Gabbi Jr., O. F. **Notas a Projeto de uma psicologia**: as origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Freud, S. (1950[1892-99]) Fragmentos de la correspondencia com Fliess. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1915) Pulsiones y destino de pulsión. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1915) La represión. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1915) Lo inconciente. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1920) Más allá del principio de placer. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Freud, S. (1940[1938]) Esquema del psicoanálisis. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Gabbi, O. F. Sobre a concepção da afasia e da histeria. In: Prado Jr., B. (Org.). **Filosofia e psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

Gabbi, O. F. Memória e desejo. In: Prado Jr., B. (Org.). **Filosofia e psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

Geerardyn, F. **Freud's Project and the roots of psychoanalysis**. London: Rebus Press, 1997.

Grashey, H. G. (1889) On aphasia and its relations to perception. **Cognitive neuropsychology**, 1989.

Greenberg, V. **Freud and his aphasia book**: language and the sources of psychoanalysis. Ithaca and London: Cornell University Press, 1997.

Grossman, W. I. Hierarchies, Boundaries and Representation in a Freudian Model of Mental Organization. **Japa**, v. 40, n. 1, pp. 27-62, 1992.

Guttman, G.; Strasser, S. **Freud and the neurosciences**. Vienna: Verlag Der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 1998.

Hans, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Harrington, A. **Medicine, Mind, and the Double Brain**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1987.

Head, H. **Aphasia and kindred disorders of speech**. London: Cambridge University Press, 1926.

Henderson, V. W. Sigmund Freud and the Diagram-makers school of aphasiology. **Brain and Language**, v. 43, pp. 19-41, 1992.

Herrnstein, R. J.; Boring, E. G. **Textos básicos de história da psicologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

Imbasciati, A. **Afeto e representação**. São Paulo: Editora 34, 1998.

Jackson, J. H. (1884) Evolution and dissolution of the nervous system. In: Taylor, J. (Org.). **Select writings of John Hughlings Jackson**. New York: Basic Books, 1958. pp. 45-118.

Jackson, J. H. (1878-79) On affections of speech from disease of the brain. In: Taylor, J. (Org.). **Select writings of John Hughlings Jackson**. New York: Basic Books, 1958. pp. 155-170.

Jackson, J. H. (1879-80) On affections of speech from disease of the brain. In: Taylor, J. (Org.). **Select writings of John Hughlings Jackson**. New York: Basic Books, 1958. pp. 171-204.

Jackson, S. The history of Freud's concept of regression. **Journal American Psychoanalysis**, v. 17, pp. 743-84, 1969.

Kinsbourne, M. Taking the *Project* seriously: the unconscious in neuroscience perspective. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 111-115, May 15 1998.

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (1982) **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Laubstein, A. S. Inconsistency and Ambiguity in Lichteim's model. **Brain and Language**, 45, 1993.

Lothane, Z. Freud's 1895 *Project*: from mind to brain and back again. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 43- 65, May 15 1998.

Marshall, C. Introdução (Henry Charlton Bastian). In: Elling, P. (Org.). **Reader in the history of aphasia**. John Benjamins Publishing Company, 1994.

Marx, O. M. Freud and aphasia: an historical analysis. **American Journal Psychiatry**, v. 124, n. 6, pp. 815-825, 1967.

Milidoni, C. B. **Heurística freudiana no “Projeto para uma psicologia científica”**. 1993. Tese (Doutorado) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Mill, J. S. (1843) A System of Logic Ratiocinative and Inductive. In: Mill, J. S. **Collected Works of John Stuart Mill**. v. 7. Toronto: University Press, 1974.

Mill, J. S. (1872) **The Logic of the Moral Sciences**. London: Open Court, 1994.

Mill, J. S. (1865) Um exame da filosofia de Sir William Hamilton. **Os pensadores**, Abril Cultural, v. 34, 1974.

Monzani, L. R. **O movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

Panhuisen, G. The relationship between somatic and psychic processes: Lessons from Freud's *Project*. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 20-42, May 15 1998.

Pribram, K. H.; Gill, M. **O “Projeto” de Freud: uma reavaliação**. São Paulo: Cultrix, 1976.

Rizzuto, A. M. The origins of Freud's concept of object representation (Objektvorstellung) in his monograph “On Aphasia”:

its theoretical and technical importance. **International Journal of Psychoanalysis**, pp. 71, 241-248, 1990.

Rizzuto, A. M. Freud's speech apparatus and spontaneous speech. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 74, pp. 113-127, 1993.

Roza, G. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

Roza, G. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Schweiger, A. Consciousness then and now: Comments on Consciousness in Freud's *Project for a scientific psychology*. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 107-110, May 15 1998.

Simanke, r. t. cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a Concepção das Afasias de Freud. **Discurso: Revista do Departamento de filosofia da USP**, n. 36, p. 55-94, 2006.

Solomon, R. C. A teoria neurológica da mente em Freud. In: Wolheim, R. (Org.). **Freud uma coletânea de ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

Solms, M. Before and after Freud's *Project*. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 843, pp. 1-10, May 15 1998.

Sulloway, F. J. **Freud biologist of the mind**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

Strachey, J. A natureza da quantidade. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998 (**Sigmund Freud. Obras Completas**).

Strenger, C. **Between hermeneutics and science**. Madison: International Universities Press, 1994.

Wernicke, C. (1874) The Aphasia Symptom Complex. In: Eggert, G. H. **Wernicke's works on aphasia**. Paris, New York and Haghe: Mouton, 1977.

Wernicke, C. (1885) Recents Works on Aphasia. In: Eggert, G. H. **Wernicke's works on aphasia**. Paris, New York and Haghe: Mouton, 1977.

Wollheim, R. **As idéias de Freud**. São Paulo: Cultrix, 1971.

Young, R.M. **Mind, brain and adaptation in the nineteenth century**. Oxford University Press, 1990.